

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM INOVAÇÃO NA**  
**COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO**

**ROSANA HENRIQUE FABER**

**COMUNICAÇÃO, INTERESSE PÚBLICO E MEMÓRIA DE**  
**REFUGIADOS NO BRASIL NO SÉCULO XX: legados em pro(di)usão**

**São Caetano do Sul**

**2020**

**ROSANA HENRIQUE FABER**

**COMUNICAÇÃO, INTERESSE PÚBLICO E MEMÓRIA DE  
REFUGIADOS NO BRASIL NO SÉCULO XX: legados em pro(di)usão**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Inovação na gestão e produção da comunicação de interesse público.

Linha de Pesquisa: Produção e Recepção da Informação Pública

Orientadora: Profa. Dra. Priscila F. Perazzo

**São Caetano do Sul**

**2020**

Faber, Rosana Henrique

Comunicação, Interesse Público e Memória de Refugiados no Brasil no Século XX: legados em pro(di)usão / Rosana Henrique Faber. -- São Caetano do Sul: USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2020. f. 124

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo.

Dissertação (Mestrado) - USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

1. Comunicação 2. Interesse Público 3. Memória. I. Perazzo, Priscila Ferreira. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Priscila F. Perazzo  
USCS (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Barbara Heller  
UNIP

---

Prof. Dr. Arquimedes Pessoni  
USCS

**Data da realização da Defesa: 30 de setembro de 2020.**

Este trabalho é dedicado aos legados dos homens e mulheres que todos os dias buscam futuros para suas famílias, mesmo que isso signifique o abandono de objetivos pessoais, e a quem o adjetivo “refugiado” não faz jus – a fuga não é senão, o “virar de costas” àqueles que não merecem nossa atenção, nossa dedicação e nossa história.

## Agradecimentos

Quero agradecer de forma muito intensa aos meus pais. À minha mãe, Cleide, exemplo da mulher que sempre lutou obstinadamente com as ferramentas que lhe são acessíveis pela evolução espiritual e intelectual da família. Sua intuição e sabedoria são absolutamente inspiradoras. Foi ela que me orientou na busca prioritária pela liberdade e independência. Ao meu pai, Renato, pela referência da honestidade, pelo respeito à formação escolar como trilha primária para construção de um futuro melhor para a família. Meu primeiro tutor no trabalho corporativo, meu espelho na busca de desafios profissionais. Minha gratidão a ambos também pela educação pautada na humildade e no aproveitamento de todas as oportunidades que não tiveram.

Ao meu amor Fábio, companheiro na jornada, cúmplice e aliado, agradeço por estar sempre por perto, pelo suporte no dia a dia, pelos ouvidos sempre prontos para assuntos nem sempre agradáveis, pelos muitos ensinamentos sobre a Segunda Guerra e outros momentos da historiografia nacional e mundial.

Agradeço ao meu filho, Júlio, meu maior sonho transformado em minha melhor realidade, pela amizade, pelo apoio incondicional, pela preocupação em me deixar confortável nas minhas escolhas, pelo orgulho de suas conquistas profissionais, pela sua música e arte.

À minha irmã Claudia, melhor amiga desta e de outras dimensões, incansável na busca de melhores condições para todos em seu redor, trabalhadora contumaz, estudante dedicada, mãe amorosa, referência absoluta, com seus ombros e ouvidos sempre a postos para minhas dificuldades, que ela resolve em um piscar de olhos! Claudia é uma facilitadora!

Toda a admiração ao meu irmão Renato Jr., nosso “caçula”, a quem agradeço pelo suporte de sempre, pelo olhar observador, pela palavra certa, pela inteligência sagaz compartilhada, pelo aprendizado de amor ao próximo exercitado por meio da caridade e pela inspiração na reinvenção de futuros.

Aos meus cunhados e irmãos “agregados” Silvana e Anderson, que muito me ensinam - mesmo sem perceber - e que são responsáveis, junto aos meus irmãos, pelos tesouros da família: Gabriel, Rafaella e Fernanda, meus sobrinhos. Anderson e Fernanda, obrigada por estarem presentes no momento importante do Exame de Qualificação! Jamais esquecerei!

Minha trajetória até aqui foi construída fundamentalmente nos estudos. Sempre gostei de estudar. Mas a possibilidade de um programa *Stricto Sensu* somente surgiu após uma reviravolta na vida profissional. Em busca de apoio e orientação, entrou em cena o mentor e Prof. PhD Adilson Souza, a quem agradeço enormemente pelo direcionamento para o

Mestrado em Comunicação e por tantos outros *insights*. Tive a felicidade de encontrá-lo após a indicação da querida prima e afilhada Elaine Barbato, a quem também sinceramente agradeço.

Agradeço à Universidade Municipal de São Caetano do Sul, que me recebeu primeiramente pelos braços abertos do querido amigo Prof. Dr. Arquimedes Pessoni. O fato de termos sido colegas de graduação e o apoio durante todo o programa aumentaram ainda mais a cumplicidade e amizade. Tive a oportunidade de tê-lo na banca do Exame de Qualificação. Que satisfação! Seus olhares sobre o texto, indicações e críticas foram fundamentais para o encaminhamento dos resultados que se apresentam neste trabalho. Sua experiência e inteligência possibilitaram que meu estudo alçasse voos mais altos.

Minha trajetória no Mestrado ganhou um elemento mais do que especial quando encontrei aquela que – ainda não sabia – seria minha orientadora no Mestrado: Profa. Dra. Priscila Perazzo, minha amiga querida de adolescência, colega de trabalho de outros tempos, de quem me separei por conta de histórias totalmente distintas que ambas seguimos. Uma felicidade imensa visto que, além de tê-la novamente como parceira, pude (e posso) contar com sua inteligência e sensibilidade, seu vasto conhecimento na área em que atua, a dedicação à ciência, a proteção incondicional a alunos e orientandos, sua simplicidade, responsabilidade e seriedade. Pris, agradeço imensamente sua dedicação ao presente projeto. Você é incrível! Admiro-a profundamente!

Quero agradecer de forma muito especial também à Profa. Dra. Barbara Heller. Seus apontamentos e recomendações na fase da Qualificação mostraram novas possibilidades para o texto e enriqueceram a pesquisa com a diversidade de fontes que ela me apresentou.

Não posso deixar de citar a Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro em meus agradecimentos. Seu trabalho perseverante pelas vítimas do holocausto nazista, seja por meio da Coordenação do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER-USP), ou pela vasta produção de pesquisa acerca desses temas é altamente inspirador.

Agradeço muitíssimo à minha amiga Ma. Regiane Bianchini, também egressa do Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo, que ficou sinceramente feliz ao saber que me juntava aos discentes da USCS. Tive ainda a alegria de contar com seu trabalho competente na revisão da presente dissertação. Seu apoio constante e sorrisos certamente facilitaram minha jornada!

Muito obrigada aos queridos professores das disciplinas que cursei: Dr. João Batista Cardoso, nosso “JB”, que além da generosidade na partilha de conhecimentos, é um coordenador batalhador na defesa dos alunos, do PPGCOM-USCS, e da qualidade das

pesquisas; Dr. Alan Angeluci, brilhante, inteligente e inspirador professor, e Dra. Karla Covarrubias, exemplo de muito conhecimento aliado a acolhimento, simplicidade e simpatia. Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Gil e à Prof. Dra. Maria do Carmo Romeiro, obrigada pelo compartilhamento da vasta experiência durante as aulas de Metodologia. Obrigada também aos outros professores que trouxeram luz para as muitas dúvidas que surgem o tempo todo durante o programa: Dra. Rebeca Guedes, Dr. Liráucio Girardi Jr., Dr. Silvio Minciotti e Dra. Regina Rossetti. Agradeço adicionalmente o apoio do Prof. Dr. Fernando Luiz Monteiro de Souza, cujas indicações foram fundamentais para a formatação de um dos produtos desenvolvidos como resultado desta pesquisa.

Meu muito obrigada também aos colegas e colaboradores do Laboratório Hiperfídias: Bruna Moura, Luciana Cunha, Sidnei Chiari, Leticia Jancauskas, Leticia Polli, Natália Improta e Ileana Ribeiro. Agradeço também o apoio da Secretaria de Pós-Graduação *Stricto Sensu* nas figuras das profissionais Marlene Forastieri de Melo, Denise Rossito e Ana Maria da Silva, assim como às equipes das Bibliotecas dos *campi* Conceição e Centro, sempre tão prestativas.

Durante os mais de dois anos de convivência na universidade, fui ainda presenteada com muitos novos amigos. Agradeço ao querido Alexandre de Souza, pela cumplicidade nos momentos felizes e difíceis, e aos outros parceiros da turma de 2018, Elisa Grec e Danilo de Oliveira. Muito obrigada também aos que ingressaram posteriormente e logo se tornaram amigos para a vida toda: Almir Bonfim Jr., Marcello Farias, Milena Garcia e Maria Cecília Fernandes, assim como aos meus brilhantes parceiros de orientação e grupo de pesquisa, Thainá Rocha e Pedro Canfora. À Ma. Carolina Falandes, muito obrigada pelas contribuições no ensaio da Qualificação! Agradeço também ao Me. Evandro Gabriel Merli, à Ma. Renata Freitas, e à colega Luciane Treulieb e desejo-lhes muito sucesso. Edmar Almeida, muito obrigada a você também pela ajuda recente.

O incentivo dos amigos que não estão envolvidos na pesquisa traz fôlego renovado quando mais precisamos. Agradeço profundamente às amadas e amados: Alexandra Vicente, Andiará Cambaúva, Fernando Maffia, Mauro Paoletti, Nádia Paschoal, Sumaia Thomas e Valter Costa. Talvez eles nem tenham conhecimento de quanto foram (e são!) importantes.

Meus mais sinceros agradecimentos também às várias instituições que forneceram dados valiosos para minhas pesquisas. Entre outras: Arquivo Vilém Flusser São Paulo, *United States Holocaust Memorial Museum*, Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo (Arqshoah), *Yad Vashem – The World Holocaust Remembrance Center*, Leo Bäck Institute – New York, Instituto Benjamin Constant e Fundação Dorina Nowill.

Agradeço aos autores *in memoriam*: Izabela Kestler, pela obra que é referencial máximo sobre biografias de refugiados exilados no Brasil; Daniel Piza, pela grande contribuição ao jornalismo cultural, inspiração para as narrativas biográficas contidas neste trabalho e Edward W. Said, cujas reflexões sobre intelectuais tanto me aproximaram dos personagens estudados.

Ainda, quero agradecer aos mentores espirituais, pelas intuições nas escolhas necessárias durante a pesquisa. Agradeço à minha avó Ida Ferreira Guedes, uma batalhadora em tempos (ainda mais) difíceis para as mulheres. Vó, onde estiver, sei que muitas vezes abriu meus olhos que fechavam de sono durante as madrugadas de estudo para este trabalho!

Muito obrigada mesmo!

*“We shall survive in the memory of others.”*

*Vilém Flusser*

*“Para quem não tem mais pátria, é bem possível  
que o escrever se torne sua morada.”*

*Theodor Adorno*

*“Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!*

*Não sou da nação dos condenados!*

*Não sou do sertão dos ofendidos!*

*Você sabe bem: conheço o meu lugar!”*

*Antonio Carlos Belchior*

## **Resumo**

Trata-se de estudo sobre as histórias de intelectuais europeus que se refugiaram do nazifascismo no Brasil, no século XX. No local de refúgio, e na tentativa da reconstituição de suas rotinas pessoais e profissionais, muitas vezes passaram a escrever em jornais, publicar livros, atuar como educadores e palestrantes. Tem o objetivo de reconstituir suas trajetórias, retirando-as do esquecimento social por meio de ações de comunicação interesse público. Na retomada das biografias, as atrocidades do nazifascismo são lembradas e discutidas, ocupando um espaço na história e reduzindo o risco de novas tragédias baseadas em políticas autoritárias. Os resultados deste trabalho incluem produtos de divulgação dessas memórias, deslocando os temas da esfera privada para públicos distintos, permitindo um maior alcance e gerando impactos culturais para a sociedade. A pesquisa a seguir também é parte do Projeto TRAVESSIAS - Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. O legado dos artistas, intelectuais e cientistas refugiados do nazifascismo. Brasil, 1933-2022.

**Palavras-chave:** Comunicação, Interesse Público, Memória, Intelectual, Narrativa, Refugiado, Nazifascismo.

## **Abstract**

This is a study about the stories of European intellectuals, who took refuge from Nazifascism in Brazil in the 20th century. It aims to reconstruct their trajectories, removing them from social forgetfulness through public interest communication actions. In the resumption of biographies, the atrocities of Nazifascism are remembered and discussed, occupying a space in history, and reducing the risk of new tragedies based on authoritarian policies. The results of this research include products for the dissemination of these memories, shifting the themes from the private sphere to different audiences, allowing a greater reach and generating cultural impact for society. The following research is also part of the TRAVESSIAS Project - Brazilian Historical-Biographical Dictionary. The legacy of artists, intellectuals and scientists refugees from Nazifascism. Brazil, 1933-2022.

**Keywords:** Communication, Public Interest, Memory, Intellectual, Narrative, Refugee, Nazifascism.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Cartaz com alusão ao neonazismo em Itajaí, Santa Catarina, 2014. ....	19
<b>Figura 2</b> – Passeata de comerciantes na “Noite do Boicote” .....	21
<b>Figura 3</b> – Queima de livros pelos nazistas em Berlim, 1933. ....	22
<b>Figura 4</b> – Invasões Alemãs na Segunda Guerra Mundial. ....	26
<b>Figura 5</b> – Notícia de jornal sobre a chegada de Ernst Feder ao Brasil em 17/7/1941	54
<b>Figura 6</b> – Primeiro artigo de Ernst Feder no Brasil. Jornal do Brasil, 07/09/1941 ....	55
<b>Figura 7</b> – Imagem do diário de Feder - dia da publicação do primeiro artigo .....	56
<b>Figura 8</b> - Ernst Feder (à esq.) e sua esposa Erna (Zoebel) Feder (à dir.), 1941 .....	57
<b>Figura 9</b> – Um dos primeiros artigos publicados por Carpeaux .....	60
<b>Figura 10</b> – Otto-Maria Carpeaux .....	62
<b>Figura 11</b> - Vilém Flusser e sua esposa Edith em Marseille, França, anos 1970 .....	67
<b>Figura 12</b> – Senhoras atendendo uma família de refugiados, década de 1940 .....	69
<b>Figura 13</b> – Anúncio de Campanha do JOINT (auxílio a refugiados), 1946.....	70
<b>Figura 14</b> - Proposta de Aplicação – Plano de Ações de Comunicação.....	73
<b>Figura 15</b> – Etapas da Oficina de Podcasts.....	98
<b>Figura 16</b> – Home Page da Plataforma Arqshoah .....	102
<b>Figura 17</b> – Captura de tela de verbete Wikipedia – Ernst Feder.....	103
<b>Figura 18</b> – Captura de tela edições Ernst Feder .....	103
<b>Figura 19</b> – Captura de tela de verbete Wikipedia – Nina Caro.....	104
<b>Figura 20</b> – Captura de tela edições Nina Caro .....	104

## **LISTA DE QUADROS E TABELAS**

<b>Quadro 1</b> – Lista de Nomes sugeridos pelo LEER-USP .....	42
<b>Quadro 2</b> – Recorte: Mulheres Refugiadas no Brasil .....	49
<b>Quadro 3</b> – Recorte: Refugiados no Brasil acima de 60 anos .....	52
<b>Quadro 4</b> – Resumo Etapas Produção Audiolivro.....	79
<b>Quadro 5</b> – Campo de Linguagens e suas Tecnologias.....	96
<b>Quadro 6</b> – Campo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas .....	97
<b>Quadro 7</b> – Verbetes Dicionário Biográfico .....	101
<b>Quadro 8</b> - Lista completa de possíveis sujeitos de pesquisa.....	119
<b>Quadro 9</b> - Exercícios de Aquecimento Corporal e Vocal .....	123

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1</b> – Total Imigração Alemã no Brasil conforme IBGE - Anos 1824 a 1969 ..	48
<b>Gráfico 2</b> – Recorte: Fluxo migratório ao Brasil .....	50
<b>Gráfico 3</b> – Recorte: Idades Personagens .....	51

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

<b>ACNUR</b>	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
<b>BBC</b>	British Broadcast Corporation
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>DW</b>	Deutsche Welle
<b>LEER</b>	Laboratório Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>UNESCO</b>	Organização Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
<b>USCS</b>	Universidade Municipal de São Caetano do Sul
<b>USP</b>	Universidade do Estado de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
1.1	Entre passado e presente, o problema de realidade .....	18
1.2	Construindo um problema de pesquisa em comunicação de interesse público .....	27
1.3	Pergunta Problema .....	36
1.4	Objetivos .....	36
1.5	Justificativa da Pesquisa.....	36
1.6	Projeto Travessias - LEER-USP .....	37
1.7	Delimitações do nosso Estudo.....	38
1.8	Sinopse das Ações de Comunicação de Interesse Público .....	39
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>40</b>
2.1	Sujeitos de Pesquisa .....	40
2.2	Fontes de Pesquisa .....	44
<b>3</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>47</b>
3.1	Análise de Quadro de Nomes.....	48
3.1.1	Participação feminina.....	49
3.1.2	Fluxo imigratório.....	50
3.1.3	Gerações.....	51
3.2	Ernst Feder, o jornalista nato.....	52
3.3	Otto-Maria Carpeaux, o intelectual literata.....	58
3.4	Vilém Flusser, um pensador visionário.....	63
3.5	O desafio dos escritores refugiados: a língua portuguesa .....	68
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS DO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO.....</b>	<b>73</b>
4.1	Ação editorial de impacto cultural: Audiolivro.....	74
4.2	Ação educacional de impacto cultural: Oficina de Produção de <i>Podcasts</i> para Estudantes .....	94
4.3	Ação enciclopédica de impacto cultural: Produção de verbetes - Projeto Travessias.....	100
4.4	Produto <i>Web</i> Enciclopédico de impacto tecnológico: Produção Verbetes Wikipedia .....	102
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>110</b>
<b>7</b>	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>119</b>
	Apêndice 1: Lista nominal completa (sugerida pelo LEER – USP) .....	119
	Apêndice 2: Exercícios de Aquecimento Vocal.....	123

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem origem no interesse por memórias de intelectuais que atuaram no Brasil durante o século XX, após terem buscado refúgio no País, por conta da perseguição nazifascista sofrida na Europa. São homens e mulheres obrigados a fazer a travessia da Europa para a América em condições de refúgio. Já no Brasil, após a década de 1950, reconstruíram suas vidas, suas famílias e seus trabalhos. Projetaram-se como escritores, publicistas, educadores, jornalistas e, por meio de publicações brasileiras, deixaram um legado intelectual para o Brasil.

Existem condições de luto e trauma inegáveis, decorrentes dos sofrimentos causados pelos horrores do holocausto nazista, vozes que se calaram, permitindo o esvaimento da memória. Contudo, os relatos e subseqüentes registros das dores e respectivos contextos têm demasiado valor para as futuras gerações. Quando nos conectamos ao nosso passado e comparamos com situações do presente, a memória se constitui como “parte integrante” da dinâmica de significados próprios de uma cultura (PERALTA, 2007, p.15). A toda experiência vivida, as pessoas registraram em suas obras, a responsabilidade um testemunho sobre “algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade” (GAGNEBIN, 2006, p. 99). Mais de oitenta anos após a guerra, o esquecimento do restante da humanidade é um risco:

Dito brutalmente: conseguimos muito bem, se quisermos, esquecermo-nos de Auschwitz. Aliás, dadas a distância histórica e geográfica que separa o Brasil da Europa do pós-guerra, muitas pessoas entre nós nem precisam esquecer: simplesmente ignoram; ignoram, por exemplo, o que essa estranha palavra “Auschwitz” representa. E mesmo na velha Europa surge, muitas vezes, certa impaciência quando se insiste na rememoração da Shoah (sobretudo tendo em vista os conflitos presentes na Palestina) (GAGNEBIN, 2006, p. 99).

No mundo inteiro são detectadas cada vez mais notícias sobre a presença de grupos de extrema-direita. Também no Brasil, existem evidências do crescimento de grupos neonazistas. O jornal *Extra Classe* publicou, em novembro de 2019, reportagem que traz resultados de pesquisa realizada pela antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias. À época da publicação, eram 334 células neonazistas em atividade no país, envolvendo cerca de 500 mil pessoas com seus textos publicados na rede mundial de computadores (BARRETO, 2019).

A ação da comunicação diante do esquecimento quase que coletivo das trajetórias desses refugiados e dos horrores do nazifascismo, pode ser considerada como ato de resistência. A memória dos refugiados constitui sua cultura; mesmo expulsos de suas origens,

quando foram obrigados a abandonar projetos, carreiras, membros da família, relações, nacionalidades, carregaram consigo suas tradições, religião, crenças, legados acadêmicos, profissionais, familiares... a variedade de elementos possíveis das narrativas que este estudo pretende trazer ratifica o legado das histórias e das vidas dessas pessoas que sobreviveram... e resistiram.

### **1.1 Entre passado e presente, o problema de realidade**

Países que vivenciaram o nazifascismo, como a Alemanha, mantêm uma memória cultural sobre essas experiências, por meio de museus, memoriais, disciplinas nas escolas, filmes e livros. As escolas alemãs, por exemplo, têm em suas ementas quantidades consideráveis de informação sobre a Segunda Guerra Mundial, o extermínio dos judeus, o Terceiro *Reich* e o extremismo de direita.

Tal demanda parece relevante em um momento que há a percepção (e não somente ela) de que estejamos passando pelo recrudescimento do autoritarismo, novas ameaças do totalitarismo, xenofobia, racismos e violência, e esses episódios provocam os refúgios das pessoas. Frequentemente, os meios de comunicação publicam notícias referentes ao agravamento desses sintomas.

Em outubro de 2019, um homem com motivações antissemitas confessas cometeu ato de terrorismo, próximo a uma sinagoga na cidade de Halle, no leste da Alemanha, matando duas pessoas. Ele admitiu o crime e suas motivações de extrema-direita. A página da *Deutsche Welle*<sup>1</sup> trouxe também depoimentos de autoridades a respeito do caso, inclusive da chanceler federal da Alemanha, Angela Merkel, reiterando que “[...] o extremismo de direita precisa ser combatido e que todos os meios do Estado de direito precisam ser usados contra o ‘ódio, a violência e misantropia’”.

Justamente na Alemanha, onde tanto se valoriza o passado como forma de combate a novas ondas de genocídios, o país formou e mantém uma memória cultural sobre essas questões por meio de museus, memoriais, disciplinas nas escolas, filmes e livros.

As escolas regulares alemãs têm em suas ementas significativas informações sobre a Segunda Guerra Mundial, o extermínio dos judeus, o Terceiro *Reich* e o extremismo de direita. Também em reportagem para a *BBC News*, o coordenador de pesquisa da UNESCO,

---

<sup>1</sup> “ATAQUE foi terrorismo de extrema direita”, diz ministra alemã da Justiça. Deutsche Welle, Alemanha, 10 Out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3IVPvMx>. Acesso em: 03 Jan. 2019.

Peter Carrier, declarou que “o ensino sobre o holocausto lembra as pessoas dos perigos que elas mesmas estão vulneráveis, se expostas à propaganda intolerante, preconceitos, injustiças, humilhação e violência potencial”. A reportagem ainda informa que este modelo de educação data dos finais dos anos 1970 e foi resultado de um debate público, após a exibição da minissérie *Holocausto*. Esta série retratava “a história do genocídio a partir da perspectiva de uma família de judeus alemães” (NEHER, 2018). Temas como holocausto e nazismo formam o conteúdo obrigatório do currículo da disciplina de História em todo o país, na nona ou décima série do ensino regular, quando os jovens têm aproximadamente quinze anos. Quem faz esta afirmação é Detlef Pech, professor da Universidade Humboldt de Berlim, em entrevista para Clarissa Neher, da *BBC News*<sup>2</sup> (NEHER, 2018).

Abordar o tema para jovens, que nasceram pelo menos sessenta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, parece tarefa de pouca complexidade sob o contexto de conteúdo curricular. Entretanto, há um choque quando os adolescentes alemães têm seu primeiro contato com os horrores vividos pelos judeus e esse aprendizado se dá, não somente por meio de livros, mas também com visitas a museus e memoriais e apresentação de filmes, como *O Diário de Anne Frank*.

**Figura 1-** Cartaz com alusão ao neonazismo em Itajaí, Santa Catarina, 2014.



Fonte: Reprodução Redes Sociais / Jornal Extra Classe, 22/11/2019<sup>3</sup>.

Em entrevista à publicação virtual *DW Brasil*, a estudante Hannah Weiss declarou ter aprendido sobre o tema assistindo, pela primeira vez, a um documentário sobre a Segunda

<sup>2</sup> NEHER, Clarissa. Como a Alemanha usa as escolas contra mentiras sobre o nazismo e o Holocausto. *BBC News Brasil*. Berlim, Alemanha, 17 Set 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45502884>. Acesso em: 05 Maio 2019.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2FBwW0J>. Acesso em 03 Jan. 2020.

Guerra e que a experiência foi muito chocante: “Eu e meus colegas conversávamos muito sobre isso, as imagens e os filmes não saíam da nossa cabeça” (SOUTELLO, 2015, *online*).

A memória contada constrói uma “ponte” entre aqueles que não sofreram nos campos de concentração, ou nos campos de batalha, ou ainda nas rotas de fuga. Os testemunhos que aos poucos vão traduzindo as imagens das cenas terríveis do holocausto, da guerra e dos exílios configuram-se como uma transposição, uma transferência da experiência aos que não estavam lá, possibilitando, ou ao menos facilitando, o que Seligmann-Silva (2008) chama de “[...] religamento ao mundo, de reconstrução da sua casa. Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66).

O ponto de inflexão das histórias dessas pessoas, para que pudessem se deslocar da Europa para o Brasil, em meados do século XX, diz respeito, então, à ascensão do nazifascismo na década de 1930. Logo após Hitler assumir o poder na Alemanha em 1933, e a expansão do nazifascismo na Europa, como políticas de Estado e ideologia de sociedade, muitas dessas pessoas começaram a deixar seus países.

De acordo com conteúdo publicado na página do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos<sup>4</sup>, em 1933, menos de 1% da população alemã era judia (aproximadamente 500 mil pessoas). Ainda segundo a página, judeus ocupavam cargos importantes e eram professores nas melhores universidades. De 38 escritores e cientistas alemães ganhadores do Prêmio Nobel no início do século XX, 14 eram judeus. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, cerca de 100 mil judeus serviram o exército alemão, e muitos foram condecorados por bravura.

A escalada do poderio nazista foi alavancada em 1933, quando Hitler foi nomeado chanceler, pelo então presidente Paul von Hindenburg. Vincula-se à sua ascensão, a realização cada vez mais frequente de eventos contra os judeus. A Alemanha dos anos de 1930 foi se tornando um ambiente inóspito para os judeus. O antissemitismo tem raízes sobretudo nas disputas religiosas ainda nos primeiros séculos após o surgimento do Cristianismo. Na Europa, a criação do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, em 1919, teve

---

<sup>4</sup> United States Holocaust Memorial Museum. The Boycott of Jewish Businesses. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://bit.ly/37fO9by>. Acesso em: 09 Jan. 2020.

seu nome alterado por Adolf Hitler em 1920, ao assumir o seu controle e rumar à liderança de um país que se encontrava em péssimas condições econômicas (WIKIPEDIA, 2020)<sup>5</sup>.

No primeiro dia do mês de abril de 1933, os nazistas planejaram e executaram a *Noite do Boicote*, conclamando a população a não comprarem dos judeus, com a alegação de que eles estariam criticando o regime nazista. As tropas se colocavam à frente dos estabelecimentos dos judeus e colavam cartazes com dizeres como “não comprem de judeus” ou “judeus são a nossa ruína”. Os próprios donos de estabelecimentos judeus eram obrigados a participar de passeatas portando cartazes com as frases “não comprem de judeus, comprem em lojas alemãs” (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM)<sup>6</sup>.

**Figura 2** – Passeata de comerciantes na “Noite do Boicote”.



Fonte: Site United States Holocaust Memorial Museum<sup>7</sup>.

Outro dos episódios mais marcantes nas histórias alemã e mundial foi a queima de livros que ocorreu em diversas cidades da Alemanha simultaneamente, no dia 10 de maio de 1933, principalmente nas praças das cidades universitárias. Hitler queria fazer uma “limpeza” nas obras daqueles escritores que eram contra a política nazista, assim como se fazia “desde a pré-história, se acreditava nos poderes purificadores do fogo [...]”. Para alguns, como o poeta nazista Hanns Johst, o argumento era a “necessidade de purificação radical da literatura alemã de elementos estranhos que possam alienar a cultura alemã”, como justificou logo depois da ascensão do nazismo ao poder (DEUTSCHE WELLE, 2019, *online*)<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> NAZISMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nazismo&oldid=57127124>. Acesso em: 9 jan. 2020.

<sup>6</sup> United States Holocaust Memorial Museum. The Boycott of Jewish Businesses. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://bit.ly/37fO9by>. Acesso em: 09 jan. 2020.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> “1933: Grande queima de livros pelos nazistas”. Deutsche Welle, Alemanha. Disponível em: <https://bit.ly/31VDCWO>. Acesso em: 09 Jan. 2020.

**Figura 3** – Queima de livros pelos nazistas em Berlim, 1933.



Fonte: Reprodução *Livros Proibidos, Ideias Malditas* (CARNEIRO, 2002, p. 29)

Eram tempos de demasiado sofrimento para aquelas pessoas que estavam fora do que os nazistas consideravam como raça, religião, crenças políticas e etnias “ideais”. Situações como a promulgação das Leis Raciais editadas pelo governo de Benito Mussolini em 1938, na Itália e a promulgação das Leis de Nuremberg em 15 de setembro de 1935, na Alemanha, ameaçaram a vida de intelectuais e escritores europeus, perseguidos por questões étnicas, raciais, políticas ou religiosas.

O antissemitismo detectado, desde há muito, foi legitimado quando Adolf Hitler promulgou tais leis, compostas pela Lei de Cidadania do *Reich*, a qual estabelecia que somente pessoas com “sangue ou ascendência alemã” poderiam ser consideradas cidadãs alemãs. “Os nazistas rejeitavam a visão tradicional dos judeus como sendo membros de uma comunidade religiosa ou cultural. Em vez disso, eles afirmavam que os judeus eram uma raça definida pelo nascimento e pelo sangue”<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> United States Holocaust Memorial Museum. The Nuremberg Laws Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>. Acesso em: 29 Maio 2019.

Conforme Carneiro e Mizrahi (2018), tal promulgação, promoveu a institucionalização de “diversas teorias raciais da ideologia nazista; [...] passam a ser considerados judeus não os que praticam a religião judaica, mas qualquer um que tenha três avós judeus” (CARNEIRO; MIZRAHI, 2018, p. 347).

A aplicação das Leis de Nuremberg anunciava a configuração de uma nova leva migratória, [...]. Acusados pelo Reich de se tornarem indesejáveis por sua própria atitude, os cidadãos judeus passaram a ser acusados de deslealdade com a pátria alemã, além de serem identificados como representantes de uma raça inferior (CARNEIRO, 2010, p. 76).

A segunda lei de Nuremberg era a chamada “Lei de proteção do sangue e da honra alemã”, que proibia o matrimônio e o relacionamento sexual entre judeus e não-judeus. Também se estabeleceu, a partir dessa lei, que mulheres alemãs com menos de 45 anos não poderiam trabalhar para judeus, porque presumia-se que estes as “forçariam” a cometer o que se chamava de “poluição racial”. Conforme o conteúdo publicado nas páginas do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos<sup>10</sup>, novos desdobramentos a essas leis foram agravando a situação dos judeus, como a “Lei de Proteção à Saúde Hereditária do Povo Alemão”, que exigia um certificado de uma autoridade da Saúde alemã, proibindo casamento entre pessoas com “doenças hereditárias”, ou seja, judeus.

Outros eventos foram marcando, ao longo da história, a perseguição antisemita. Outro exemplo foi a “Noite dos Cristais” (*Kristallnacht*)<sup>11</sup>, entre 9 e 10 de novembro de 1938, um dos momentos mais emblemáticos dessa perseguição, que explicitou os atos de violência contra os judeus na Alemanha e inaugurou o processo sistemático de encarceramento em campos de concentração. Seguindo uma ordem expressa do Ministro da Propaganda do Terceiro *Reich*, Joseph Göbbels, que havia se reunido com Adolf Hitler, os líderes do Partido Nazista e as polícias locais deveriam executar ações de manifestação que não ameaçassem “vidas e propriedades alemãs”.

O texto do telegrama que continha a ordem, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*<sup>12</sup> em reportagem sobre os 80 anos do episódio, ainda orientava que “lojas e residências de judeus [podiam] ser destruídas, mas não saqueadas”, e que “imediatamente após as prisões (de

---

<sup>10</sup> United States Holocaust Memorial Museum. **The Nuremberg Laws** Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>. Acesso em: 29 Maio 2019.

<sup>11</sup> *Kristallnacht* - Noite dos Cristais, em alemão.

<sup>12</sup> VILA-NOVA, Carolina. Juntamo-nos à horda nazista para escapar, diz sobrevivente da Noite dos Cristais. Judeu que mora no Brasil relata marco do início da violência nazista contra judeus, que faz 80 anos. *Folha de S. Paulo*. Caderno Mundo. São Paulo, 9 Nov 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3k5FCLG>. Acesso em: 10 Nov. 2018.

judeus) serem realizadas, os campos de concentração apropriados [deviam] ser contatados para que os judeus [fossem] acomodados o mais rapidamente possível” (VILA-NOVA, 2018, p. A14). Além de lojas, sinagogas também foram destruídas, dezenas de pessoas morreram, milhares foram presas e encaminhadas aos campos de concentração.

Um dos relatos sobre o assustador evento foi feito à autora Maria Luiza Tucci Carneiro por Ernesto Strauss, em 2018. Nascido em abril de 1926, o garoto, de então doze anos, acordou com o cheiro de fumaça que exalava das sinagogas em chamas no dia 10 de novembro de 1938. Seus pais o enviaram para a casa da avó, mas ele retornou a tempo de ver seu pai, Paul Strauss sendo preso pela *Gestapo*<sup>13</sup>, que o conduziria ao campo de concentração de Buchenwald<sup>14</sup> (CARNEIRO, 2018, p. 174).

Alguns meses antes, em 12 de março de 1938, a Alemanha invadiu a Áustria, anexando sua área territorial ao país (*Anschluss*)<sup>15</sup>, e lá os nazistas começaram a aplicar suas práticas de perseguição àqueles que não estavam de acordo com os preceitos de Hitler. Com esse episódio, também passava a se espalhar a perseguição nazista aos judeus pela Europa. O ano de 1939 demonstrou, já em seu início, a complexidade da guerra que podia estar se aproximando. Em discurso no parlamento alemão, em janeiro, transmitido por rádio ao mundo, Adolf Hitler anuncia que uma nova guerra significaria a “destruição dos judeus da Europa”. Três meses depois, a Alemanha invadiu a Tchecoslováquia e, no primeiro dia de setembro, com o evento da invasão à Polônia por 2.700 tanques alemães, começou a Segunda Guerra Mundial (CARNEIRO; MIZRAHI, 2018, p.350).

No ano de 1940, após a rendição às tropas alemãs da Holanda em maio, rendeu-se também a França. Como se não bastasse todo o cerco antisemita aos judeus europeus, são iniciadas as construções dos mais terríveis campos de concentração, que viriam a tornarem-se campos de extermínio nazistas, com a execução do plano Solução Final<sup>16</sup>. Em 1940, o principal líder militar do terceiro *Reich*, Heinrich Himmler, ordenou a criação do que viria a ser o maior campo de concentração, Auschwitz, na Polônia. O mesmo Himmler determinou, em 1941, que fossem instaladas no campo as câmaras de gás para extermínio e, em setembro,

---

<sup>13</sup> Tradução nossa. *Geheime Staatspolizei*: polícia secreta do estado

<sup>14</sup> Campo de concentração alemão localizado na cidade de Weimar, em funcionamento de 1937 a 1945.

<sup>15</sup> Tradução nossa: conexão, ligação. O termo refere-se à anexação do território da Áustria pela Alemanha(1938).

<sup>16</sup> Tradução nossa. “Solução Final” foi o termo usado pelos nazistas para identificar o plano para aniquilar o povo judeu. O genocídio dos judeus foi o “culminar de uma década de medidas discriminatórias cada vez mais severas”, conforme artigo **Final Solution**: Overview, do *United States Holocaust Memorial Museum*, Disponível em: <https://bit.ly/2SYR9k4>. Acesso em: 04 Set. 2020.

foi “realizado pela primeira vez o assassinato de prisioneiros com gás Zyklon B [...]” (CARNEIRO; MIZRAHI, 2018, p.352-353).

No fim do ano de 1941, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos, trazendo o conflito para o continente americano, enquanto os judeus buscavam alternativas de sobrevivência. Carneiro e Mizrahi (2018) relatam que:

A partir de 1933, após a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, multiplicaram-se as estratégias de sobrevivência, as rotas de fuga e as bases de apoio oferecidas pelos países sensibilizados com a causa dos judeus refugiados do nazismo (CARNEIRO; MIZRAHI, 2018).

No entanto, além de toda a situação de perigo e frente ao medo crescente, ao decidirem pelo refúgio, os judeus passavam a travar outra batalha pela vida: a de obtenção de vistos. Muitos países tinham políticas imigratórias restritivas quando se tratava de receber alemães, especificamente judeus e o Brasil integrava esse bloco.

Em capítulo que Kestler (2003) detalha o panorama da legislação imigratória no Brasil de 1930 a 1945, a autora menciona e transcreve trecho de livro do filósofo e antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos* (1957) que, ao pedir sua prorrogação de visto de permanência no Brasil na embaixada do Brasil em Vichy, na França, viveu uma cena que ele chamou de “curta, porém trágica”. Resumimos aqui:

No pequeno andar terreo vichyense em que se instalara a Embaixada do Brasil, uma breve e para mim trágica cena se desenrolou, quando fui solicitar a renovação do meu visto. O embaixador Luis de Sousa Dantas, [...] tinha levantado o seu carimbo e se preparava para marcar o passaporte, quando um conselheiro deferente e glacial o interrompeu, observando que esse poder vinha de lhe ser retirado [...] o embaixador tentou obter de seu colaborador que desviasse os olhos enquanto o carimbo se abaixasse, permitindo-me, [...] deixar a França [...] o ôlho (*sic*) do conselheiro continuou fixado sobre a mão que finalmente caiu, [...]. Eu não teria o meu visto, o passaporte me foi devolvido com um gesto de tristeza (LÉVI-STRAUSS, 1957, p.16).

Os refugiados intelectuais, que atuaram como jornalistas, publicistas e escritores, começaram a chegar aqui somente por volta de 1938. Muitos judeus em busca de refúgio tentavam viajar para os Estados Unidos, mas este país começou a impor obstáculos para o acesso de judeus (KESTLER, 2003, p. 61). Aliás, muitos países passaram a recusar imigrantes judeus. Carneiro e Mizrahi (2018) relatam, por exemplo, que em junho de 1939, o navio *St. Louis*, que transportava quase mil refugiados judeus, teve sua atracagem recusada em países da América, entre eles Cuba, Estados Unidos e Canadá, forçando a embarcação a retornar para a Europa (CARNEIRO; MIZRAHI, 2018, p. 350).

Nesse cenário de perseguição, os judeus alemães buscavam alternativas para a sobrevivência. Para protegerem a si e suas respectivas famílias, a diáspora era inevitável.

Como exemplo, podemos citar o senhor Geraldo Lewinski, entrevistado para a matéria da *Folha de S. Paulo* mencionada anteriormente<sup>17</sup>. Para esta mesma reportagem, ele conta que sua família foi salva somente porque não tinham “aparência de judeus” e fizeram-se passar por alemães. Segundo o depoente, seus pais conseguiram um visto para o Brasil com o embaixador brasileiro na Noruega, após várias tentativas sem sucesso. Para essa família, o final da história foi feliz.

Tais ameaças provocaram uma diáspora dessas pessoas, que deixaram para trás seus bens, familiares, amigos, suas origens, culturas e, até mesmo, suas nacionalidades. Deixaram também suas vidas profissionais interrompidas e suas obras, muitas vezes, abandonadas.

**Figura 4** – Invasões Alemãs na Segunda Guerra Mundial.



Fonte: elaborado pela autora, utilizando plataforma *Google My Maps*.

Conforme Kestler (2003), entre os anos de 1933 e 1945, 16 mil dos cerca de 86 mil refugiados na América Latina, vieram para o Brasil. “É importante assinalar aqui que o Brasil não elaborou nenhuma política de asilo. Os fugitivos que vieram para o Brasil a partir de 1933 [...] eram considerados imigrantes e não asilados” (KESTLER, 2003, p. 44). Esta citação se faz necessária quando compreendemos que, não obstante todo cenário de sofrimento dessas

<sup>17</sup> VILA-NOVA, Carolina. Juntamo-nos à horda nazista para escapar, diz sobrevivente da Noite dos Cristais. Judeu que mora no Brasil relata marco do início da violência nazista contra judeus, que faz 80 anos. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 9 Nov. 2018. Caderno Mundo. Disponível em: <https://bit.ly/3k5FCLG>. Acesso em: 10 Nov. 2018.

pessoas, que tudo abandonaram em busca de sobrevivência, outros obstáculos ainda deveriam ser ultrapassados.

O cenário que se apresentou mundialmente durante muitos anos, era extremamente complexo, e causou o sofrimento e a perda de milhões de vidas. Aqueles que conseguiram chegar ao Brasil e travaram a luta da sobrevivência, buscaram pela readaptação de suas rotinas, refizeram projetos de vida e de trabalho, ampliaram suas famílias e escreveram inúmeros textos denunciando essas atrocidades, mas tiveram suas trajetórias esquecidas. Por isso, merecem nosso olhar e trabalho atento para a captura e difusão de seus legados.

## 1.2 Construindo um problema de pesquisa em comunicação de interesse público

Conforme César Da Silva (2012), organizador de coletânea de textos sobre direitos humanos de refugiados, o asilo se diferencia do refúgio, principalmente pela possibilidade do pedido ser feito no país de origem, o que oferece certa “garantia” da recepção na nação que, para atender ao pedido, deve naturalmente ter uma política específica (DA SILVA, C. 2012, p.17).

Foi somente em 1951, por ocasião da Conferência das Nações Unidas ocorrida em Genebra, que se adotou a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados e quando foram especificados os motivos da perseguição que podem justificar a demanda de refúgio:

Refugiado é aquele que receia ser perseguido em virtude de sua etnia, nacionalidade, prática religiosa, ideologia política ou filiação a certo grupo social e que, por estes motivos, busca refúgio fora de seu país de origem (DA SILVA, J. 2019, p. 22).

Essas definições chamam nossa atenção no sentido de estarem ligadas à questão da perseguição. O indivíduo somente se retira para um lugar com segurança e proteção; somente busca resguardar-se e proteger-se; apenas asila-se ou até expatria-se, buscando amparo, consolo e para colocar-se em abrigo e proteção, não somente a si, como aos seus. Os motivos da perseguição, conforme o Art. 1º da Convenção de 1951<sup>18</sup>, podem ser relacionados então à “raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas” (ONU-BRASIL, 1951, *online*).

---

<sup>18</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951). 1951. Disponível em: <https://bit.ly/3lRe8dl>. Acesso em: 03 Jan. 2020.

Desde a deliberação da mencionada convenção, a perseguição não necessita mais ser efetiva: a ameaça já possibilita que a caracterização do pedido de refúgio ocorra e que as demandas dele decorrentes sejam atendidas, ou ao menos encaminhadas.

A característica fundamental que diferencia a perspectiva para a definição do conceito de refugiado dos critérios anteriores é que a Convenção individualiza o refugiado, e o critério se centra na pessoa do refugiado. Aqui o refugiado(a) é um ser concreto que tem uma raça professa, uma crença religiosa, tem uma nacionalidade, pertence a um grupo social ou sustenta determinadas opiniões políticas e, exatamente por isso, é perseguido ou teve negada a proteção de seu estado de origem, ou este estado não pôde e não pode protegê-lo (DA SILVA, C. 2012, p. 17).

Com base no exposto, embora o termo refugiado tenha origem no latim *refugere*, que significa fugir mais o intensificador *re*<sup>19</sup>, parece-nos que o refúgio está muito mais ligado a uma atitude de resistência, e não de fuga. Esta é uma visão importante, que redefine o posicionamento daqueles que são muitas vezes vistos como desertores.

A historiadora alemã Corina L. Petrescu (2010), autora da obra *Against all odds: models of subversive spaces in national socialist Germany*, informa ter neste estudo o objetivo de “identificar, localizar e investigar circunstâncias de uma possível resistência ao regime de Adolf Hitler” (PETRESCU, 2010, p.1)<sup>20</sup>, e limitou sua pesquisa às esferas de indivíduos politizados pertencentes a quatro organizações que operaram na Alemanha entre os anos de 1933 a 1944. Sua análise também buscou saber como foi promovida a resistência ao Nacional Socialismo sem armas: apenas com panfletos e apresentações de teatro (PETRESCU, 2010, p.1-2). O verbo resistir está ligado, no caso desses grupos, ao sentido de suportar e dar apoio. Para a autora, o mérito dessas organizações está justamente nos esforços em preservar a forma de sociedade que foi ameaçada pelo regime nazista (PETRESCU, 2010, p.2).

Segundo Alonso (2019) em sua dissertação, com o título *Ecos da Resistência ao Nazismo*, esse poderio não armado, discutido por Petrescu (2010), configura uma subversão ao regime, com o objetivo de “disputar e desafiar o controle da mentalidade do indivíduo” (ALONSO, 2019, p. 25). No Brasil, a resistência dos movimentos de língua alemã tem espaço na manutenção das tradições e cultura germânicas, preservadas da sua destruição pelo nazismo. “O fato de enfatizarem como prova ativa de que ‘alemão’ e ‘nazista’ não são termos

---

<sup>19</sup> Definição da palavra refugiado. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/?s=refugiado>. Acesso em: 03 Jan. 2020.

<sup>20</sup> Tradução nossa.

intercambiáveis, reafirmava que o campo de disputa se encontrava em sua própria comunidade[...]” (ALONSO, 2019, p. 25).

O sociólogo austríaco Michael Pollak (1989) aborda como o silêncio pode se transformar em medida de resistência. A memória compartilhada dos sofrimentos de uma guerra pode, de alguma forma, trazer de volta um sentimento de culpa pelos deportados (POLLAK, 1989, p. 3).

A resistência pode ser vista ainda, em uma relação de poder causada pelo deslocamento forçado, o que ocorreu também com os refugiados do nazifascismo: “No cerne nas relações de poder e como condição de sua existência, há uma insubmissão que persiste e, portanto, não existe relação de poder sem escapatória ou sem reviravolta eventual” (SOUZA, 2018, p. 186). Para o autor, a fuga é resistência contra a opressão, porque é a “brecha para ampliação da própria vida”. A fuga sempre está ligada à esperança; um paradoxo, pois, entre a escassez e criação (SOUZA, 2018, p. 185).

No Brasil, país de refúgio, esses intelectuais europeus sobreviveram, reconstituíram as experiências de vida e, ao retomarem suas atividades profissionais, passaram, por exemplo, a escrever em jornais sobre suas especialidades e histórias de vida. Os caminhos traçados até então, e bruscamente desviados, foram sendo complementados por esses refugiados com a criação de novas rotinas. Aqui chegaram, aqui buscaram continuar seus trabalhos, procuraram por novas tarefas e criaram projetos. Muitas dessas pessoas focaram sua busca na comunicação e na expressão de ideias e memórias do cotidiano que deixaram em seus países de origem. Escreveram para jornais, foram fotojornalistas, escritores, filósofos, professores, publicistas. Escreveram como cronistas, comentaristas, editorialistas e jornalistas, e quase sempre eram intelectuais e escritores.

Por muito tempo, ao longo do século XX, pessoas que escreviam em jornais eram consideradas intelectuais, formadas em áreas diversas e detentoras de profundo conhecimento acadêmico e erudito, o que possibilitava que escrevessem sobre diversos assuntos e tivessem seus textos publicados em grandes jornais impressos no Brasil. A clássica obra *Jornalistas: 1937 a 1997: a história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas*, de José Hamilton Ribeiro (1998), traz alguns exemplos de profissionais de outras áreas que se tornaram jornalistas, como Rubem Braga, advogado por formação, que morava em São Paulo e que, “com pouco menos de 20 anos, já via sua crônica publicada em todo país”, como em jornais do grupo dos Diários Associados e Diário de S. Paulo (RIBEIRO, 1998, p. 30). Assim, também, os refugiados tinham oportunidades no meio jornalístico, principalmente nos periódicos brasileiros que recorriam à colaboração de imigrantes alemães. Deste modo, a

atividade jornalística era mais promissora que a do campo literário (KESTLER, 2003, p.62-63).

A noção de intelectual na qual se baseia esse estudo, vem do trabalho do professor e crítico literário Edward W. Said. O falecido autor reproduziu, na obra *Representações do Intelectual*, toda a série de palestras realizadas na oportunidade das *Conferências de Reith de 1993*<sup>21</sup>. Palestino, o autor pretendeu enfatizar a necessidade imperiosa de derrubar visões deturpadas e “míticas” sobre determinados assuntos. As críticas surgiram assim que a estação de rádio *BBC* anunciou a escolha de seu nome para as *Conferências*, e também devido ao tema: “[...] as expressões ‘torre de marfim’ e ‘um olhar de sarcasmo’ foram associadas à palavra ‘intelectual’[...]” (SAID, 1994, p.10).

Segundo sua visão, por ser um ativista na luta pelos direitos palestinos, não foi considerado “qualificado” para as Conferências. O preconceito partia dos próprios intelectuais e profissionais da imprensa envolvidos no evento. Para Said (1994):

Esse foi apenas o primeiro de uma série de argumentos totalmente antiintelectuais e anti-rationais, todos eles, ironicamente, apoiando a tese das minhas conferências sobre o papel público do intelectual como um *outsider*, um ‘amador’ e um perturbador do *status quo* (SAID, 1994, p. 10).

Antes mesmo de iniciar as conferências, Said foi frequentemente lembrado de suas “limitações”, vinculando-o sempre ao fato de que sua condição de palestino o atrelava necessariamente a substantivos como “violência, fanatismo, assassinato de judeus”. Compreende-se o paradoxo, tendo em vista que o autor afirma, ainda na introdução da mesma obra que entendia que uma das tarefas primordiais do intelectual é justamente esforçar-se em “derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação” (SAID, 1994, p. 10-11).

O professor refletiu ainda sobre intelectuais que vivenciaram o exílio em suas vidas. Nossa compreensão sobre tal reflexão é que, de acordo com variados exemplos, a condição de “adaptação forçada” ao local de refúgio gera uma espécie de gatilho para a alavancagem das obras e os legados dessas pessoas, muitas vezes configurado por meio do que Said (1994) chamou de “guerra boa”:

---

<sup>21</sup> *Reith Lectures* ou Conferências de Reith eram uma série de palestras radiofônicas produzidas pela Rádio BBC, de 1948 a 2019. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/b00729d9>.

Nessa ‘guerra boa’, os Estados Unidos desempenharam o papel de salvadores, dando também refúgio a toda uma geração de acadêmicos, artistas e cientistas que fugiram do fascismo ocidental [...]. Em áreas acadêmicas como as humanidades e as ciências sociais, um grupo considerável de intelectuais altamente reconhecidos foi para os Estados Unidos [...] (SAID, 1994, p. 59).

Isso não quer dizer que os intelectuais que não estejam em exílio sejam “conformados”; entretanto o modelo do inconformado, segundo Said (1994) é mais explícito para aquele que, na condição de exilado “[...] nunca encontra-se plenamente adaptado, sentindo-se sempre fora do mundo familiar e da ladainha dos nativos [...]”, e até “[...] predisposto a evitar [...] as armadilhas da acomodação e do bem-estar nacional” (SAID, 1994, p. 60).

O aprimoramento das obras e legados intelectuais daqueles que foram obrigados a deixar sua terra natal na condição de sofrimento é detectável igualmente por um estilo amargo, favorecido, inclusive, por “tamanha angústia produtiva” (SAID, 1994, p. 61).

Em obra que descreve não somente os tipos de intelectuais, como também sua história, formação e onde se inserem sob o ponto de vista de organizações culturais, Antonio Gramsci (1982) traz o modelo do intelectual orgânico, representante de sua origem e sua trajetória.

Cada grupo social “essencial”, contudo, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou – pelo menos na história que se desenrolou até aos nossos dias categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas (GRAMSCI, 1982, p. 5).

Para Gramsci (1982), exige-se um trabalho de análise crítica e até um “esforço muscular-nervoso” para que sejam criadas o que ele chamou de “novas camadas” de intelectuais. A partir do desenho de variados cenários sobre as figuras existentes do intelectual, o autor ainda causou uma ruptura entre conceitos anteriores e antigos *versus* essenciais sobre a intelectualidade. Seu olhar sugeria que, “no mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual” (GRAMSCI, 1982, p. 8).

Pode-se entender que o autor desdenha posicionamentos pré-estabelecidos:

O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas — que crêem ser literatos, filósofos, artistas— crêem também ser os ‘verdadeiros’ intelectuais (GRAMSCI, 1982, p. 8).

Já para o filósofo italiano Norberto Bobbio (1997), a figura do intelectual compreende os fazeres ou as produções, quer sejam artísticas, literárias ou científicas, mas não exclusivamente: “O que caracteriza o intelectual não é tanto o tipo do trabalho, mas a função: um operário que também desenvolva obra de propaganda sindical ou política pode ser considerado um intelectual [...]” (BOBBIO, 1997, p. 114).

Destaca-se adicionalmente ao entendimento de Bobbio (1997), de que a eles compete também a transmissão do “patrimônio cultural adquirido” e a aplicação de “invenções e descobertas feitas por outros” (BOBBIO, 1997, p. 114).

Com base nos pensamentos apresentados, podemos entender que o intelectual nem sempre é somente o especialista elitizado em um ou outro assunto e que um dos seus papéis é compartilhar o conhecimento, no entanto, sem posicionamentos estereotipados, inclusive lutando contra eles.

Nossos sujeitos de pesquisa, os intelectuais Ernst Feder, Otto-Maria Carpeaux e Vilém Flusser tiveram a responsabilidade de transmitir as memórias vividas nos respectivos tempos de sofrimento. Sua produção criativa foi alavancada pela adaptação forçada à nova terra, garantindo que as lições do passado estejam disponíveis às gerações seguintes. Contextualiza-se desta forma, o objetivo principal dessas memórias: informar e servir de parâmetros para que não se repitam as atrocidades experimentadas pelo holocausto e as práticas antissemitas.

Entendemos assim, que se torna primordial o aprofundamento nas biografias desses intelectuais. Embora os cenários tenham sido de terror e luto, a necessidade de trazer esses legados ao conhecimento geral dificulta a divulgação de novas versões, muitas vezes negacionistas, que minimizam a realidade dos sofrimentos à época do genocídio nazifascista.

As histórias de vida e as obras dessas personalidades contribuem permanentemente com a cultura, a arte e a ciência. Adicionalmente, o fato de relembrar biografias e trajetórias traz à superfície a questão do interesse público, por possibilitar que, pela compreensão dos legados, as pessoas possam viver melhor. Conforme Costa (2006), “a questão central que caracteriza uma ação de comunicação como de interesse público é o seu endereçamento primário e direto: a sociedade e o cidadão, e não o emissor da comunicação” (COSTA, 2006, p. 21).

Os conflitos entre os interesses mercantis e as memórias em que se baseiam as experiências positivas ou negativas da humanidade, deveriam constituir o pensamento para um futuro melhor. Ou, conforme Pollak (1989), “Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão

ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?” (POLLAK, 1989, p. 4).

Embora não tenhamos aqui a intenção de discorrer sobre a influência do mercado na atuação da mídia, é impossível não deixar de perceber a ênfase de alguns autores em relação a essa preocupação:

Apesar do aparente sucesso do mercado como determinante dessa suposta qualidade, os requisitos contínuos de igualdade cívica e de política democrática saudável, além da diversidade e crescimento culturais, são fatores muito importantes para serem deixados ao acaso do sistema de mercado (MCQUAIL, 2012, p. 10).

McQuail (2012) entendia que “o fato de o jornal ser também um bem de consumo, vendido para obter lucro, não diminuiu seu potencial de apresentar informações verdadeiras” (MCQUAIL, 2012, p. 9). Não obstante, ele apresenta e defende, na obra *Atuação da Mídia: comunicação de massa e interesse público* (2012), a existência de determinados valores para “controlar a imprensa em uma sociedade democrática” [...], “possibilitando a participação dos cidadãos no processo político em base de igualdade” (MCQUAIL, 2012, p. 10). Esses valores são: verdade, liberdade, diversidade e forma de funcionamento da mídia de massa.

Os subprodutos gerados por este trabalho, detalhados mais adiante, têm o potencial e os papéis explicitados pelo autor. Além de retomar os legados dos sujeitos de pesquisa, com os objetivos principais de tirá-los do esquecimento social e alertar sobre eventuais reincidências de políticas genocidas, tais subprodutos têm a responsabilidade da divulgação e veiculação desses conteúdos.

McQuail (2012) reitera, entretanto, que há uma necessidade de revisão constante desses valores e que ocorreram mudanças, sobretudo relacionadas a “uma ideologia neoliberal que consagra a liberdade do mercado [...] e desaprova as tentativas de regulamentação e controle, mesmo no suposto ‘interesse público’” (MCQUAIL, 2012, p. 10).

Ao discutir abordagens para avaliar a mídia, o autor enfatiza que, quando se examinam registros de pesquisa sobre a capacidade de interesse público do trabalho de mídia de massa, tem-se a visão de que a comunicação pública “contribui significativamente para o bem-estar da sociedade e tem uma ‘responsabilidade social’ correspondente [...]” (MCQUAIL, 2012, p. 25).

O comunicólogo Armand Mattelart (1997) alerta, por sua vez, que cada vez mais os interesses mercantis estão presentes, aumentando a responsabilidade das “pessoas que pensam os meios” (1997, p. 72). A reflexão sobre os papéis do Estado e da sociedade civil deve ser feita justamente por essas pessoas, mas com a visão crítica que se faz mandatória:

Estou seguro de que existem muitas realidades sociais que necessitam de mediadores ou de comunicadores, mas um comunicador que tenha consciência do seu papel, tenha consciência do interesse público (MATTELART, 1997, p. 72).

O filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas (2008) criou o modelo *two-track*: a linguagem comum deve ser traduzida para a linguagem especializada, para que o conteúdo das ações do Estado seja influenciado. Na outra via, o inverso deve ocorrer; ou seja, a linguagem especializada deve ser traduzida para o cidadão comum. Isso possibilita o que ele chama de “independência de uma esfera pública” (HABERMAS, 2008, p. 10), que garante a participação política da maior quantidade de cidadãos interessados nos direitos iguais de comunicação e participação, entre outros. Direitos esses, que os refugiados não tiveram assistidos ao terem suas obras esquecidas.

De um ponto de vista mais amplo, podemos considerar que a comunicação de interesse público está ligada à comunicação de massa: a estrutura de poder da esfera pública pode, tanto distorcer a dinâmica das comunicações de massa, quanto intervir por meio do requisito normativo de que questões relevantes, informações necessárias e contribuições apropriadas sejam mobilizadas. A participação dos intelectuais refugiados neste ponto são o poder e a responsabilidade de suas obras na conscientização dos indivíduos e a atitude frente ao recrudescimento das atitudes extremistas com base em posturas preconceituosas.

A partir da contribuição desses autores, passamos a nos questionar sobre a zona de esquecimento em que se encontram esses intelectuais refugiados do nazismo no Brasil, nas produções comunicacionais de massa e mercantis em nosso país. Tomando Habermas (2008), pode-se pensar no papel dos meios de comunicação em possibilitar a independência da esfera pública traduzindo para o cidadão comum a linguagem especializada, como mencionamos anteriormente, a linguagem política da discussão do autoritarismo, da extrema-direita, do genocídio. No caso de nosso estudo, que envolve lembranças e esquecimentos, histórias e memórias, consideramos a relevância de trazer à esfera pública as biografias desses intelectuais refugiados, considerando-os como importantes personagens da história do Brasil e do mundo na luta contra o recrudescimento do nazifascismo. O ato de apresentar ações e produtos de comunicação, retomando suas memórias e seus legados, contribui para a produção de uma comunicação de interesse público, com impacto sócio, político e cultural em âmbito nacional, uma vez que se pretende chegar à esfera pública, tomando os meios de comunicação como mediadores entre o passado e o presente.

Para a filósofa e jornalista alemã Hannah Arendt (2002) o termo “público” refere-se àquilo que é interessante, tido como relevante e digno de ser visto e ouvido. Desse modo, as

histórias de vida dessas pessoas ganham importância e relevância pública e demandam ações de comunicação de interesse público para que saiam do esquecimento social.

Vivemos em uma espécie de existência incerta ou obscura, até que tenhamos nossa transformação - por exemplo, através da experiência artística. Por isso, em algumas dimensões, o privado pode estar no público.

Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de experiência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública (ARENDRT, p. 59-60).

Para Arendt (2002), é por meio da comunicação política mediada na esfera pública que se pode facilitar os processos de legitimação. Assim sendo, somente a partir da comunicação na esfera pública é que se chega ao interesse público.

As trajetórias de vida dos intelectuais refugiados do nazifascismo servem a isso, ou seja, as biografias e escritos, ao se tornarem públicos, deslocando-os de suas esferas privadas, transformaram seus legados em interesse público.

A narrativa biográfica dos refugiados permite a reconstrução de suas trajetórias de combate ao nazifascismo no mundo, muitas vezes esquecidas no campo dos estudos da Comunicação. Somadas ao exercício profissional e ao perfil intelectual, suas histórias são significativas por tratar de pessoas obrigadas a se refugiar no Brasil, por conta da perseguição política e ideológica sofrida na Europa. São vidas de refúgios somadas à importância do trabalho intelectual, que permitiram deixar um legado importante para o desenvolvimento do pensamento intelectual no país.

Narrar suas biografias torna-se uma ação importante na comunicação de interesse público, que tem nesse trajeto da memória a condição de retirar do esquecimento vidas importantes para a trajetória da intelectualidade brasileira no século XX, sobretudo no momento de recrudescimento desse modo de pensar e, pior, configurando-se num modo de agir socialmente.

Quase somos enganados pela simplicidade de abordagem se fizermos uma leitura rápida de Costa (2006): “Toda vez que a comunicação busca o interesse público, promovendo resultados concretos para o indivíduo e a sociedade, estamos falando de Comunicação de Interesse Público” (COSTA, 2006, p.15). O autor define que este tipo de comunicação passa pelo cidadão comum, beneficiário das ações geradas por meio dessa comunicação e pelas

“transformações na atuação da imprensa e os limites de sua ação para a cidadania” (COSTA, 2006, p.15).

### 1.3 Pergunta Problema

Diante dessa discussão, o problema de pesquisa que se abre diante de nós é: **como reconstituir trajetórias de vida de intelectuais refugiados do nazifascismo no Brasil, retirando-as do esquecimento social para uma comunicação de interesse público?**

### 1.4 Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa é, portanto, reconstituir trajetórias de vida de intelectuais refugiados do nazifascismo no Brasil, retirando-as do esquecimento social, por meio de ações de comunicação de interesse público.

Para atingir a meta principal, temos como objetivos específicos:

- Identificar trajetórias de vida de intelectuais refugiados do nazismo no Brasil, na segunda metade do século XX;
- Produzir textos que ampliem o conhecimento sobre as trajetórias dessas pessoas, de forma a tirá-las do esquecimento;
- Produzir material comunicacional da trajetória de vida de intelectuais refugiados do nazifascismo ao conhecimento do público geral, por meio de narrativas de jornalismo literário.

### 1.5 Justificativa da Pesquisa

Esta proposta de pesquisa visa retomar a memória de personalidades estrangeiras, obrigadas a fazer o caminho da imigração para buscar um lugar de refúgio contra as atrocidades nazifascistas que ameaçavam suas vidas na Europa, no século XX.

A memória alimenta o esquecimento; e o esquecimento é parte dela. Quando o testemunho de um refugiado relata suas experiências de luta para sobrevivência em tempos de nazismo, sua narração combina os fatores memória e esquecimento (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 53). Eis o caráter comunicativo da memória (PERAZZO, 2015).

Sob o ponto de vista dos sobreviventes, esquecer situações traumáticas, como as decorrentes das atrocidades do antissemitismo praticado pelos nazifascistas, é improvável. “Os sobreviventes, aqueles que ficaram e não se afogaram definitivamente não conseguiam esquecer-se nem que o desejassem. É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição” (GAGNEBIN, 2006, p. 99).

Busca-se a comunicação de interesse público como aquela que trata da ação de comunicação, tendo como objetivo principal levar uma informação à população, que traga resultados concretos para se viver e entender melhor o mundo. E, principalmente, que sua missão se traduza no esforço de difundir, influenciar, criar ou mudar comportamentos individuais e coletivos em prol do interesse geral.

Considerando que este trabalho aborda, em sua essência, os legados de intelectuais aqui refugiados, suas histórias de vida, cujo sofrimento se deveu principalmente à questão do preconceito, podemos entender que fazemos aqui o esforço de difundir práticas profissionais e pautas que marcam e contribuem como comunicação de interesse público.

Os resultados desta pesquisa também são importantes para a memória social. O caráter comunicativo da memória contribui para compreender que as possibilidades da comunicação de interesse público, se considerarmos que essa comunicação pode “difundir, influenciar, criar ou mudar comportamentos individuais e coletivos [...]”, que acabam “agregando associações positivas” (COSTA, 2006, p. 20 e 21). Localizar na memória social o papel desses intelectuais permite pensar a comunicação de interesse público voltada à cultura, à literatura, à vida cotidiana e às histórias das mídias.

Consideramos fundamental atender a essa proposição, reconstituir as trajetórias e seus legados, sobretudo frente ao atual crescimento de comportamento de xenofobias e de ódio contra as minorias. Conforme Carneiro e Strauss (1996, p. 177), a história de exílios “expressa a busca de equilíbrio por aqueles que, através de uma retórica particular e autobiográfica, resolveram ‘contar ao mundo’ tudo aquilo que viram e viveram”.

## **1.6 Projeto Travessias - LEER-USP**

A presente pesquisa também contribui para o Projeto *TRAVESSIAS – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. O legado dos artistas, intelectuais e cientistas refugiados do nazifascismo. Brasil, 1933-2022*, que, além de ter como objetivo retomar a trajetória de grupos refugiados do nazifascismo, propõe a criação de um dicionário histórico biográfico com verbetes cruzados de cada uma das biografias dessas pessoas.

É fundamental mencionar que essa parceria se tornou o ponto definitivo de decisão sobre o tema deste estudo frente aos outros. Trata-se de um projeto temático, liderado pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro, responsável pelo Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História (LEER-USP), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. A delimitação dessa pesquisa junto ao *Travessias* contribui com a retomada da biografia de

nomes de intelectuais refugiados sugeridos pela coordenação do LEER, além do aprofundamento nos elementos ainda desconhecidos.

Essa pesquisa em âmbito temático e em rede, conta com o trabalho de pesquisa de diversos grupos nacionais e internacionais e tem como objetivo a reconstituição de trajetórias de vida de grupos de artistas, intelectuais e cientistas refugiados do nazifascismo no Brasil. Como resultado dessa pesquisa, pretende-se publicar a obra *Travessias – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: o legado dos artistas, intelectuais e cientistas refugiados do nazifascismo. Brasil, 1933-2022*, como já havíamos mencionado. O projeto ainda prevê uma série de ações pedagógicas e de políticas públicas que ajudem a divulgar o legado dos refugiados como patrimônio cultural.

A memória coletiva, estudada também por Pollak (1989), traz a noção de que existe um constante deslocamento entre os “ditos” e “não ditos”, a vontade do “esquecimento definitivo”, a depender da possibilidade da angústia a ser gerada pelas lembranças. É um turbilhão de sentimentos que justifica o silêncio. Mas não apaga a memória.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, [...] uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p.6).

Por isso também se estabelece nossa aliança com o Projeto Temático *Travessias*. Estudar escritores, intelectuais e jornalistas, buscar dados documentais e bibliográficos que possibilitem reescrever suas biografias, de modo a reunir em produtos de comunicação os registros dessas pessoas, produzindo uma comunicação de interesse público. O presente estudo e seus resultados servirão para difundir as histórias de vida desses jornalistas, de forma a contribuir não apenas para a pesquisa e para a memória, mas também para a atual realidade do mundo, assistindo mais uma vez ao recrudescimento de tristes episódios como esses do passado.

## **1.7 Delimitações do nosso Estudo**

Conforme Cervo e Bervian (1983, p.75), “delimitar o assunto é selecionar um tópico ou parte a ser focalizada”. Recorremos a eles que nos indicam ainda que, para delimitarmos um assunto podemos “fixar circunstâncias, sobretudo de tempo e espaço” (CERVO; BERVIAN, 1983, p.75).

Tendo em vista que estamos tratando das histórias de vida e obras de intelectuais que foram perseguidos por motivos racistas e antissemitas, instaurados principalmente a partir da implantação da política nazista do Terceiro *Reich*, a linha do tempo desta pesquisa acompanha

as iniciativas de busca de exílio dos intelectuais, ou seja, os dados resultantes de suas biografias. Nosso estudo aborda as trajetórias e legados desses sujeitos de pesquisa que, aqui chegando, e na busca da retomada de seus projetos de vida e profissionais, dedicaram-se à contribuição a áreas voltadas para a cultura, literatura e educação.

### 1.8 Sinopse das Ações de Comunicação de Interesse Público

Conforme detalharemos adiante, a presente pesquisa resultou em uma proposta de intervenção ligada de forma integral às trajetórias dos sujeitos de pesquisa estudados: a geração de conteúdos essencialmente (mas não exclusivamente) biográficos, que poderão ser veiculados de formas distintas para o público interessado. Nossa sugestão de aplicação é consolidada pela apresentação de protótipos de produtos comunicacionais que permitirão a difusão dessas trajetórias, permitindo um impacto sociocultural em âmbito nacional.

Os conteúdos das mídias prototipadas foram produzidos para atender as especificidades de cada um dos produtos, e serão detalhadas as metodologias de desenvolvimento – em formato de mapeamento de processos – para esses itens. São eles:

- **Audiolivro:** literatura baseada na biografia de refugiados selecionados, redigida em forma de perfil biográfico, narrada e registrada em áudio;
- **Oficina para confecção de *podcasts* para estudantes do ensino médio:** piloto de oficina para a absorção de conhecimento sobre a formatação de programas de *podcasts*, com o objetivo final de produção de programetes, cujo tema central poderá ser igualmente as biografias dos refugiados;
- **Produção de verbetes para o dicionário do Projeto LEER-USP:** os relatos biográficos dos objetos da presente pesquisa estão sendo também apresentados em formato de verbete para atendimento do projeto supramencionado, como discriminado anteriormente;
- **Produção de verbetes para a enciclopédia virtual *Wikipedia*:** complementação ou geração de novos conteúdos para alimentação do sítio destinado a pesquisadores e curiosos do mundo inteiro.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para este trabalho adotou-se pesquisa qualitativa de caráter exploratório, por meio de imersão em literatura, páginas na Rede Mundial de Computadores, documentos, iconografia (imagens reproduzidas em livros e nas páginas de Internet). O delineamento bibliográfico e narrativo, nas investigações qualitativas, permitiu que estudássemos os elementos de forma detalhada, com foco delimitado em um ou dois indivíduos profundamente, pelo interesse na trajetória destas pessoas. As pesquisas exploratórias em sua essência

[...] envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (GIL, 2008, p.27).

Ao elaborarmos os produtos de comunicação da informação pública, acessamos literatura específica sobre os temas e as habilidades técnicas compreendidas, assim como práticas de profissionais com experiência nas devidas áreas, por meio de reuniões e grupos de pesquisa.

### 2.1 Sujeitos de Pesquisa

Para este tipo (ou nível) de pesquisa, a imersão na literatura foi fundamental para obter respostas de determinados autores e especialistas. O avanço nos estudos e no registro dos resultados, tornou mandatória a busca por detalhamento da contribuição dos sujeitos de pesquisa, assim como seus universos. Somou-se, ainda, a trajetória dessa obra à perspectiva dos elementos registrados na memória social.

Expor os leitores do presente trabalho às histórias contadas pelos sujeitos de pesquisa deve gerar diferentes emoções e experiências. Este foi muitas vezes o direcional de nosso estudo durante sua elaboração, durante a “trajetória” do trabalho de dissertação e da metodologia utilizada para obtenção dos conteúdos biográficos.

Tendo em vista também a colaboração com o projeto *Travessias*, foram utilizadas obras que já abordaram o tema, possibilitando a pesquisa bibliográfica.

Estabelecer contexto histórico capaz de compor a visualização de um cenário aproximado do real dos percursos entre a tomada de decisão do exílio e a chegada no Brasil, assim como a busca pela retomada da rotina pessoal e de trabalho, e finalmente o estabelecimento como profissionais da intelectualidade, foi fundamental.

As pesquisas bibliográfica e documental regeram o estudo da memória e a sua aplicabilidade, não apenas na coleta dos documentos e decorrentes informações, como também na interpretação dos dados obtidos e na redação dos resultados.

Adicionalmente, a literatura existente sobre a utilização de audiolivros também foi acessada, de forma a suportar o mapeamento dos processos de criação, gestão e execução da proposta de intervenção constante desse trabalho.

Existem muitas investigações anteriores sobre personagens da história que contamos por meio deste trabalho, os refugiados da perseguição nazifascista. Nesse sentido, e como parte orientacional da coordenação do Projeto *Travessias*, foi possível receber uma lista prévia de nomes passíveis de estudo, um inventário de sujeitos e suas obras, cujo mapeamento pode possibilitar a reconstituição das experiências, círculos sociais e legado dos refugiados no Brasil.

Como forma de incremento aos elementos de busca dos sujeitos de pesquisa específicos para este trabalho, informações gerais sobre todos os nomes foram investigadas por meio de bibliografia e plataformas na rede mundial de computadores. Esse trabalho cercou-se de muita complexidade e para alguns dos personagens não foi localizado nenhum dado.

Entretanto, o estudo mais aprofundado de termos ligados a essas pessoas possibilitou identificar outros componentes de interesse para o presente trabalho, tais como conexões entre elas, ampliando as descobertas a respeito do cotidiano e das experiências dos envolvidos.

Para conhecimento, reproduzimos a seguir a lista<sup>22</sup> elaborada pelos pesquisadores do LEER, inicialmente apenas com os nomes, e nesta etapa, já acrescida das informações adicionais que mencionamos anteriormente. Não obstante, à medida em que avançamos no desenvolvimento deste trabalho, outros nomes surgiram, tais como: Leo Scherer, Erich Auerbach, Hildegard Rosenthal.

---

<sup>22</sup> Para melhor visualização, repetimos a inclusão da lista, ampliada e em formato horizontal, na seção *Apêndice*.

Quadro 1 – Lista de Nomes sugeridos pelo LEER-USP

Sujeitos de Pesquisa - Lista Sugerida pelo LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História – FFLCH- USP

Nome	Profissão	No Brasil em:	Observações / Curiosidades	Algumas Publicações (livros e imprensa)	Conexões com outros refugiados	Fonte(s) <sup>(*)</sup>
<b>Anatol Rosenfeld (1912-1973)</b>	Crítico literário, ensaísta, professor	1937	Trabalhou em campo de café em Campinas.	Crônica Israelita; O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)	Walter Levy; Alfred Hirschberg; Paulo Rónai; Otto Maria Carpeaux	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Alfred Hirschberg (1901-1971)</b>	Jurista; Editor	1940	Ajudou a fundar a CIP (Congregação Israelita de São Paulo)	Crônica Israelita	Anatol Rosenfeld	Arqshoah (LEER)
<b>Bruno Arcade (Kreitner) (1904-1972)</b>	Publicista	Depois de 1939	Seu pseudônimo vem do herói sedento de conhecimento de <i>La révolte des anges</i> (Anatole France)	"Depois de Hitler... O Quê?", com Miécio Askanazy	Miécio Askanazy; Stefan Zweig; Ernst Feder	Izabela Kestler/Daniela Kern
<b>Carl Fried (1889-1958)</b>	Médico e Poeta	Julho de 1940	Foi preso na Noite dos Cristais por aparecer na frente da Gestapo com os óculos utilizados por médicos quando trabalhavam no Raio-X, por "desrespeito".	Folha Noite; Correio da Manhã; Página do Rio	Publicou junto com Louise Bresslau-Hoff o volume de poesias Gedichte .	Reinaldo Bossman / Wikipedia/ Casa Stefan Zweig
<b>David Markus (1916-2000)</b>	Jornalista	1950 - 2000	Quando alguém lhe contava uma piada, ele sempre conhecia - "ah, essa é uma velha anedota judaica!" - e a recontava, com muito mais charme.	<i>O Novo Momento</i> (fídiche); Imprensa Israelita-Ídishe Presse; A Voz Israelita (programa na Rádio Mundial).	Não identificadas.	Casa Stefan Zweig
<b>Enrico Tullio Liebman (1903-1986)</b>	Jurista	1942	Apesar dos poucos anos no Brasil, influenciou largamente a ciência jurídica brasileira.	<i>"Efficacia ed autorità della sentenza"</i>	Não identificadas.	Arqshoah (LEER) / Wikipedia
<b>Erich Fraenkel (1899-?)</b>	Publicista	1934	Participante de movts alemães no Brasil	<i>Neue Volks Zeitung</i> (EUA)	Parceiro de Wolfgang Hoffmann; Hamisch	Kestler
<b>Erna (Zobel) Feder (1893-1973)</b>	Educadora	1941-1957	Fundadora Biblioteca	Diário de Notícias	Esposa Ernst Feder; filha Fanny Zobel	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Ernst Feder (Spectator) (1881-1964)</b>	Publicista Jornalista Escritor	1941-1957	Foi o último a estar com Stefan Zweig, na véspera de sua morte.	Página do Rio; A Noite; Argentinisches Tagesblatt	Amigo Stefan Zweig; esposo Erna Zobel; amigo Fritz Wertheimer	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Fabrice Polderman (1885-1948)</b>	Escritor	1941	Leccionava Literatura Clássica na Universidade de Gand (Bélgica), quando aqui refugiou-se.	"A Batalha de Flandres"	Ernst Feder	Arqshoah (LEER) / Hemeroteca Biblioteca Nacional
<b>Fanny Zobel (1872-1958)</b>	Política; Ativista	10/07/1946	Foi conselheira municipal, vereadora	Diário de Notícias	Mãe de Erna Feder; sogra de Ernst Feder	Arqshoah (Erna Zobel-Feder) Wikipedia
<b>Frank Arnau (1894-1976)</b>	Escritor e Publicista	1939-1955	Ao escrever para o jornal "A Noite", considerado simpático ao Governo, o então chefe do DIP deu a Arnau o status de jornalista, o que era ilegal, já que ele era estrangeiro. Arnau desenhava mapas para os jornais brasileiros. Também trabalhou na Embaixada da Inglaterra e dos Estados Unidos.	A Noite; Correio da Manhã; Página do Rio.	Não identificadas.	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler/ Hemeroteca Biblioteca Nacional
<b>Friedrich Heller (1874-1956)</b>	Publicista	1933	1973 - Recebeu Prêmio Halles de Jornalismo	Deutsche Tribüne (SP) / Gegenwart / Estado de S. Paulo	Não identificadas.	Izabela Kestler
<b>Fritz Oliven (Rideamus) (1874-1956)</b>	Escritor/Poeta/ Libretista	1939	Escrevia libretos sob o pseudônimo de Rideamus	<i>"Willis Werdegang, Scenen Aus Dem Familienleben"</i>	Herbert Caro	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Fritz Pinkuss (1905-1994)</b>	Rabino	set/36	Foi professor -titular da cadeira de Hebraico na USP	Deutsche Tribüne (SP) / Gegenwart / Estado na S. Paulo	Diversos!	Arqshoah (LEER)
<b>George Bernanos (1888-1948)</b>	Escritor	1938-1945	Chamado de "Dostoiévski francês", tinha dois objetivos no Brasil: criar gado e fundar uma colônia francesa.	"Nova História de Mouchette"	Leopold von Andrian-Werburg.	Folha de S. Paulo; Casa Stefan Zweig
<b>Giorgio Mortara (1885-1967)</b>	Economista	1939	Trabalhou muitos anos no Serviço Nacional de Recenseamento, futuro IBGE.	"Decimália os estudos demograficos no Brasil"	Richard Lewinson	Arqshoah (LEER); Casa Stefan Zweig
<b>Günther Ballhausen (1912-1992)</b>	Publicista	1936-1960	Mentiu que era nazista e que queria viajar para estudar e assim conseguiu o visto.	O Globo; Página do Rio; Deutsche Nachrichten (SP)	Frank Arnau, Richard Katz; Ernst Feder; Victor Wittkowski	Izabela Kestler
<b>Hans Yitzhak Klinghoffer (1905-1990)</b>	Advogado	1941	Compilou em francês um texto que tinha por objetivo disseminar uma imagem positiva do Governo Vargas.	Não identificadas.	Não identificadas.	Arqshoah (LEER) / Casa Stefan Zweig / Wikipedia
<b>Hans A. Reyersback (Rey) (1898-1977)</b>	Escritor e ilustrador	1935	Criou o personagem macaco <i>Curious George</i> . Naturalizou-se brasileiro, o que salvou na Europa algumas vezes.	<i>Curious George</i> (EUA)	Não identificadas.	The New York Times / Wikipedia
<b>Herbert Lichtenstern (1903-1964)</b>	Escritor; Prof. Filologia	1939-1948	As publicações com as quais colaborou eram conservadoras e católicas.	Times of Brazil, Vozes de Petrópolis, A Cruz e A Tribuna	Não identificadas.	Arqshoah (LEER); Casa Stefan Zweig; Izabela Kestler
<b>Hermann Matthias Görgen (1908-1994)</b>	Professor	1941-1954	Foi incumbido de buscar um local de exílio para ele e outras 48 pessoas (a chamada <i>Lista de Schendel</i> ), assim como de construir uma fábrica para empregá-las, o que fez junto à sua esposa, Dora Schindel.	<i>Neuer Saarpost</i> , <i>Christlicher Ständestaat</i> , <i>Mass und Wert</i> (Alemanha); <i>Národní Politika</i> (Suíça); <i>Pax-Korrespondenz</i> (França)	Dora Schindel (esposa); Casal Becher juntou-se ao Grupo Görgen	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler/Deutschwelle

(continua)

(Continuação Quadro 1)

Sujeitos de Pesquisa - Lista Sugerida pelo LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História - FFLCH- USP						
<b>Herbert Moritz Caro (1906-1991)</b>	Advogado, Tradutor, Editor	mai/35	Fundou a Sociedade Israelita do Brasil junto a outros refugiados, por meio da qual conseguiu trazer parentes ameaçados pelo nazismo para o Brasil.	O Correo do Povo	Fritz Oliven ( <i>Rideamus</i> )	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Hugo Simon (Hubert Studenic) (1880-1950)</b>	Banqueiro, político, mecenas, escritor	03/03/1941	Responsável pelo financiamento para a criação do jornal <i>Pariser Tageszeitung</i>	Página do Rio; A Noite; <i>Argentinisches Tagesblatt</i>	Morou no apto de Ernst Feder; amigo íntimo de George Bernanos; amigo Stefan Zweig.	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>José Antonio Benton (Hans Elsas) (1894-1986)</b>	Advogado/Escritor	1936	Foi professor de Latim e Grego e de Literatura da Antiguidade.	<i>Deutsche Blätter</i> (Chile); " <i>Die Söhne Tamangos: Eine brasilianische Odysee</i> "	Não identificadas.	Izabela Kestler
<b>Karl von Lustig-Prean (1892-1965)</b>	Diretor de teatro / publicista	1937-1948	Montou uma gráfica que foi à falência; alugou quartos em sua casa.	<i>Deutsches Volksblatt</i> e <i>Deutsche Presse</i> (Alemanha) / <i>Revista St. Michaels Bote</i> (católica)	Willy Keller	Izabela Kestler
<b>Leopold von Andrian-Werburg (1875-1951)</b>	Poeta e escritor	1940-1945	Estava na lista da Gestapo devido à obra publicada anteriormente	Correio da Manhã (mas de forma pontual)	George Bernanos; Hermann Görgen; Paulo Rónai; Otto-Maria Carpeaux; Victor Wittkowski	Izabela Kestler
<b>Louise Bresslau-Hoff (1882-1966)</b>	Escritora e poetisa	1934	Após a proibição da língua alemã, organizou um círculo de leituras em sua casa.	" <i>Die Ziege des Francisco. Brasilianische Erzählung</i> "	Publicou junto com Carl Fried o volume de poesias <i>Gedichte</i>	Izabela Kestler/Casa Stefan Zweig
<b>Margarete (Waldstein) Reyersback (Rey) (1906-1996)</b>	Escritora	1935	Frequentou a escola Bauhaus.	<i>Curious George</i> (EUA)	Esposa de Hans A. Rey	The New York Times / Wikipedia
<b>Marthe Brill (1894-1969)</b>	Jornalista e escritora	1934	Trabalhou em comitê para refugiados e uma de suas tarefas era encontrar moradias para eles.	Jornal turismo "Hamburg Süd"; <i>Hamburger Fremdenblatt</i> .	Mãe Alice Brill	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Michal Choromanski (1904-1972)</b>	Escritor, dramaturgo	set/40	Sua esposa era a grande bailarina Ruth Sorel.	"Ciúme e medicina"	Amigo Stefan Zweig	Casa Stefan Zweig
<b>Nina (Zabludovskí) Caro (1906-1993)</b>	Doutora em Germanística e Arte Dramática	mai/35	Aprendeu português com alguns amigos que falavam espanhol. Mais tarde, deu aulas de português a judeus exilados recém-chegados a Porto Alegre.	"Aprende brincando, criança!"; "Jogos, Passatempos e Habilidades"	Esposa de Herbert Caro	Arqshoah (LEER); Brumer/Gutfreind
<b>Norbert Geyerhahn (1885-1943)</b>	Livreiro, Editor	1935	Conhecia o Brasil por ter arbitrado em um processo internacional sobre café, entre Brasil, Holanda e Polônia.	Não se aplica.	Erich Eichner; pai de Walter Geyerhahn	Casa Stefan Zweig
<b>Otto Maria Carpeaux (Karpfen) (1900-1978)</b>	Escritor e publicista	10/09/1939	Embora tenha ficado no Brasil até o fim de sua vida, esta não era sua intenção.	<i>Christlicher Ständestaat</i> ; Gazeta de Antuérpia; Correio da Manhã	Anatol Rosenfeld. Paulo Rónai	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Paulo Rónai (1907-1992)</b>	Escritor, filólogo, professor e	1941-1992	Apaixonou-se pelo Brasil devido à descoberta da Língua Portuguesa ainda em Budapeste.	<i>Revista do Brasil</i>	Otto Maria Carpeaux; Anatol Rosenfeld	Casa Stefan Zweig; Arqshoah (LEER)
<b>Peter Ludwig Berger (1896-1978)</b>	Jornalista	1938-1940	Foi militante do <i>Christlich-Soziale Partei</i> (Partido Social-Cristão).	<i>Der Ständestaat, Wiener Tagesblatt</i> e <i>Der Donauraum</i> (Áustria)	Não identificadas.	Casa Stefan Zweig
<b>Richard Katz (1888-1968)</b>	Escritor e Publicista	1941-1954	Era um escritor de viagens de sucesso e já conhecia o Brasil antes da imigração. Seus livros foram proibidos e queimados na Alemanha.	Página do Rio; <i>Readers' Digest</i> ; <i>Life</i>	Wolfgang Harnish; Susanne Bach	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Richard Lewinsohn (1894-1968)</b>	Economista; Jornalista	1940-1952	Foi acusado injustamente de ser adepto do regime nazista.	<i>Revista Conjuntura Econômica</i> .	Giorgio Mortara	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
<b>Rudolf Aladár Métall (1903-1975)</b>	Jurista, funcionário ONU	1940	E escreveu e publicou a biografia autorizada de Hans Kelsen: <i>Hans Kelsen. Leben und Werk</i> .	<i>Revue Internationale de la Théorie de Droit</i>	Não identificadas.	Arqshoah (LEER) / Casa Stefan Zweig
<b>Stefan Zweig (1881-1942)</b>	Escritor	1940	Ficou isolado devido seu livro <i>O País do Futuro</i> ter sido visto como manobra do Governo Vargas, que facilitara a entrada e permanência do escritor no Brasil. Em fevereiro de 1942, suicidou-se com a esposa. "O isolamento, a perda do idioma e do ambiente cultural e sobretudo a guerra devem ter sido as principais razões para o suicídio (KESTLER, 2003, p. 151).	"Brasil, um país de futuro"; "Autobiografia: um mundo de ontem. Memórias de um europeu".	Ernst Feder; George Bernanos; Hugo Simon; Richard Katz; Victor Wittkowski	Arqshoah (LEER) / Izabela Kestler
<b>Ulrich Becher (1910-1990)</b>	Escritor, poeta e publicista	1941-1944	Apesar de sua vasta obra, é um dos autores "esquecidos" no Brasil	O Estado de S. Paulo, <i>Das Andere Deutschland</i> (Argentina); <i>Freies Deutschland</i> (México)	Casal Görgen; Karl von Lustig-Prean; Herbert Baldus.	Arqshoah (LEER) / Izabela Kestler
<b>Victor Wittkowski (1909-1960)</b>	Poeta	1941-1957	Segundo Alberto Dines, era um jesuíta, possibilitando que vivesse em um convento ou que tenha recebido ajuda da Igreja ao chegar no Brasil. Também suicidou-se. Segundo Kestler (2003), Wittkowski é "um dos exemplos mais evidentes do infinito sofrimento que a perseguição e o exílio podem infligir a uma pessoa sensível" (KESTLER, 2003, p. 146).	" <i>Ein Fall Stefan Zweig. Eine Darstellung und ein Appell</i> "	Stefan Zweig; Leopold von Andrian-Werburg; Günther Ballhausen	Izabela Kestler
<b>Vilém Flusser (1920-1991)</b>	Filósofo, Professor, Escritor	1940-1971	Tinha duas línguas maternas, o tcheco e o alemão. Seu pai não exilou-se e acabou sendo espancado e morto em Buchenwald, notícia que Flusser recebeu assim que chegou ao Brasil. Sua mãe e irmã foram para Auschwitz. Foi um autodidata e apaixonou-se pela Língua Portuguesa, que aprendeu rapidamente.	"Filosofia da Caixa Preta"; "A História do Diabo", O Estado de S.Paulo (Suplemento Literário).	Myra Schendel; Samson Flexor	Arqshoah (LEER) / Izabela Kestler
<b>Walter Kreiser (1889-1958)</b>	Engenheiro, publicista	1941-1958	Serviu de modelo para o personagem <i>Parisius</i> , da peça teatral <i>Samba</i> , de Ulrich Becher.	<i>Weltbühne</i> (Alemanha); <i>Echo de Paris</i> (França)	Casal Görgen; Ulrich Becher; Johannes Schauff	Casa Stefan Zweig / Izabela Kestler
<b>Walter Geyerhahn (1912-1991)</b>	Livreiro, Editor	1935	Assumiu o lugar do seu pai Norbert Geyerhahn na Editora Livraria Kosmos, quando este	Não se aplica.	Filho de Norbert Geyerhahn; Erich Eichner	Casa Stefan Zweig / Izabela Kestler
<b>Wilde (Hilde) Weber (1913-1994)</b>	Chargista	1933	Veio para o Brasil em busca do pai, o aviador Edmund Weber e logo começou a contribuir com a imprensa daqui. Foi notada chargista política - ela dizia que o ex-político Dellfim Netto fazia até coleção das peças dirigidas a ele.	<i>Hamburger Anzeiger</i> ; <i>Hamburger Fremdenblatt</i> (Alemanha); Diários Associados; revistas "O Cruzeiro" e "A Cigarra"; Folha da Manhã, Noite Ilustrada; Folha da Manhã, Noite Ilustrada; O Estado de S. Paulo;	Não identificadas.	Wikipedia, Blog do Pícaro; Colecionadores de HQs.

Fonte: Dados nominiais fornecidos pelo LEER-USP e informações ampliadas pela pesquisa da autora.

Conforme exposição inicial, o presente estudo inseriu em sua proposta de intervenção a parceria com o Projeto *Travessias*, desenvolvido no LEER-USP na abordagem da participação dos refugiados do nazifascismo, que aqui trabalharam como jornalistas.

A orientação da coordenação do projeto sugeriu que a pesquisa abarcasse o conteúdo estruturado para os verbetes, composto pelas respostas às questões a seguir:

- Verbetes (estrutura): sobrenome, nome do refugiado/sobrevivente;
- Raízes de origem (nacionalidade, religião);
- Formação acadêmica e contato com as vanguardas artísticas europeias;
- Tempos de ruptura: vivência traumática frente aos atos genocidas da Alemanha e colaboracionistas;
- Movimentos de resistência antifascista – Europa;
- Razões e rotas de fuga, laços de solidariedade;
- Olhares sobre a Guerra, a liberdade e os direitos humanos;
- O Brasil como opção/pátria de acolhimento;
- Imagens do Brasil, priorizando as narrativas da alteridade;
- Círculo dos refugiados no Brasil e frentes de resistência- Brasil;
- Histórias cruzadas (remissão a outros verbetes correlatos);
- O legado: produção e reconhecimento nacional/internacional
- Inventário das obras produzidas no contexto da representação da catástrofe, da violência, da retomada da vida pós-holocausto e da alteridade;
- Fontes, Acervos e Bibliografia.

Esta estrutura serviu de roteiro de busca de dados sobre os sujeitos da pesquisa, principalmente para a elaboração dos verbetes do dicionário biográfico. Contudo, outras informações de diferentes naturezas foram adicionadas, sobretudo como posicionamentos referentes ao nicho do jornalismo.

## 2.2 Fontes de Pesquisa

As pesquisas bibliográfica e documental são fundamentais para a construção biográfica dos personagens históricos estudados.

Foram utilizadas como fontes documentais deste estudo:

- 1) Plataforma Arqshoah: a plataforma, cujo nome oficial é *Arquivo Virtual Arqshoah – Holocausto e Antissemitismo: O Brasil diante do holocausto e dos refugiados do*

*nazifascismo (1933-1960)*, é resultado do trabalho do Núcleo de Estudos Arqshoah, que reúne pesquisadores com o objetivo de reconstituir a trajetória de vida dos sobreviventes do Holocausto nazista. No *site*<sup>23</sup>, é possível encontrar dados biográficos de muitos desses sobreviventes, assim como documentos, imagens e registros de testemunhos das vítimas colhidos em entrevistas no Brasil e no exterior;

- 2) Plataforma Casa Stefan Zweig: sediada fisicamente na casa onde moraram Stefan Zweig e sua esposa na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, é uma entidade “cultural de direito privado, sem fins lucrativos”, cujo principal objetivo é homenagear o escritor e sua esposa, por meio do acervo de itens como livros, filmes e objetos pessoais. A plataforma<sup>24</sup> ainda menciona que também contará com um *Memorial do Exílio*, para divulgar obras de outros artistas e intelectuais refugiados no Brasil de 1933 a 1945;
- 3) Hemerotecas digitais e públicas, como as da Fundação da Biblioteca Nacional e do Acervo Público do Estado de São Paulo;
- 4) Acervo do Leo Bäck Institute<sup>25</sup>: o *Leo Baeck Institute – New York/Berlin – para o estudo da História e Cultura dos Judeus Alemães* provê ao pesquisador uma série de coleções de bibliotecas, arquivos e obras artísticas sobre o povo judeu alemão, e foi fundado antes da Segunda Guerra por intelectuais como Hannah Arendt. Conta, por exemplo, com originais dos diários de Ernst Feder;
- 5) Fundos DEOPS e DEIP<sup>26</sup>: o Arquivo Público do Estado de São Paulo fornece acesso a milhões de fichas policiais e a, aproximadamente, 150 mil prontuários de brasileiros e imigrantes;
- 6) Instituto Martius-Staden/SP: Dispõe ao público em geral e pesquisadores um dos mais importantes acervos sobre a imigração dos povos de língua alemã para o Brasil, formado por documentos, jornais, livros, mapas, fotografias e outros materiais;
- 7) Biografias escritas sobre sobreviventes do Holocausto, como:

---

<sup>23</sup> Arquivo Virtual Arqshoah–Holocausto e Antissemitismo. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/index.php>. Acesso em: diversas datas.

<sup>24</sup> Casa Stefan Zweig. Disponível em: <https://www.casastefanzweig.com.br>. Acesso em: diversas datas.

<sup>25</sup> *Leo Baeck Institute – New York | Berlin for the Study of German-Jewish History and Culture*. Disponível em: <https://www.lbi.org/>. Acesso em: diversas datas.

<sup>26</sup> DEOPS: Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo e DEIP: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Disponível em: <http://www.usp.br/proin/home/index.php>.

- a. *A Tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines;
  - b. *Stefan Zweigs letzte Tage*<sup>27</sup>, de Ernst Feder;
  - c. *O remanescente*, de Rafael Cardoso;
  - d. *Voices do Holocausto*, de Maria Luiza Tucci Carneiro e Rachel Mizrahi;
  - e. *Um Escritor Alemão e o Brasil*, de Anatol Rosenfeld;
  - f. *Os primeiros tempos de Anatol Rosenfeld no Brasil*, de Roberto Schwarz;
  - g. *Exílio e Literatura – Escritores de Fala Alemã Durante a Época do Nazismo*, de Izabela Kestler;
  - h. *Vilém Flusser no Brasil*, vários autores;
  - i. *Olhares de Liberdade*, de Maria Luiza Tucci Carneiro (organizadora);
  - j. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, de Vilém Flusser;
  - k. *Vilém Flusser: uma introdução*, de Anke Finger, Gustavo Bernardo e Rainer Guldin.
- 8) *Acervo de jornais antigos*, por exemplo, o *Jornal do Brasil*, no qual escreveram imigrantes como Ernst Feder; *Correio da Manhã*, com artigos e colunas de Otto-Maria Carpeux, entre outros.

---

<sup>27</sup> Os últimos dias de Stefan Zweig (tradução livre)

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Por meio deste trabalho, foi possível reescrever histórias das vidas de refugiados do nazifascismo no Brasil e refazer suas trajetórias nesse processo de refúgio e exílio. O planejamento inicial propunha que se fizesse tal reconstituição para três sujeitos de pesquisa, que podiam ser baseados na relação nominal sugerida pela equipe do Projeto Travessias, coordenado pelo LEER-USP.

Todavia, essa busca pode ser ampliada quando complementamos as informações sobre esses sujeitos durante a pesquisa. A cada descoberta, um novo campo era criado. Assim foi com “Observações/Curiosidades” e, posteriormente, com “Conexões”. Entendemos que foi muito produtivo para pesquisa a visualização da realidade das pessoas dentro do mesmo contexto histórico, e às vezes até, de mesmo cotidiano. O planejamento de detalhamento de três biografias foi alterado para 46 refugiados, para os quais buscamos, além dos dados básicos, como data de nascimento, morte, vinda para o Brasil, entre outros, informações de obras publicadas ou jornais em que tenham trabalhado.

Identificadas as trajetórias, a pesquisa tornou-se mais densa, com o registro e o encaminhamento dos resultados. Com base nestas informações, além do texto biográfico constante dos capítulos da dissertação, foi possível criar o texto com narrativa literária, com os fatos, mas também com as subjetividades e detalhes eventualmente não observados pelos autores clássicos.

A Segunda Guerra Mundial foi uma catástrofe sem precedentes na história mundial. Milhões de vidas perdidas por conta dos bombardeios, ataques por terra, céu e mar. Entretanto, outros milhões foram dizimados diante da legitimidade de uma ideologia de extrema direita, totalitária e violenta. Aqueles que conseguiram escapar desse plano de extermínio, sobrevivendo por conta da possibilidade de refúgio, certamente também são sobreviventes. Os intelectuais refugiados observados nesse estudo não estão mais vivos no momento dessa pesquisa. Enquanto viveram, mostraram bravura ao buscar para si e para os seus as únicas possibilidades de sobrevivência. Aqui chegaram, retomaram suas vidas em um país estranho, com idioma diferente e se apropriaram das suas rotinas, seus cotidianos e seus planos.

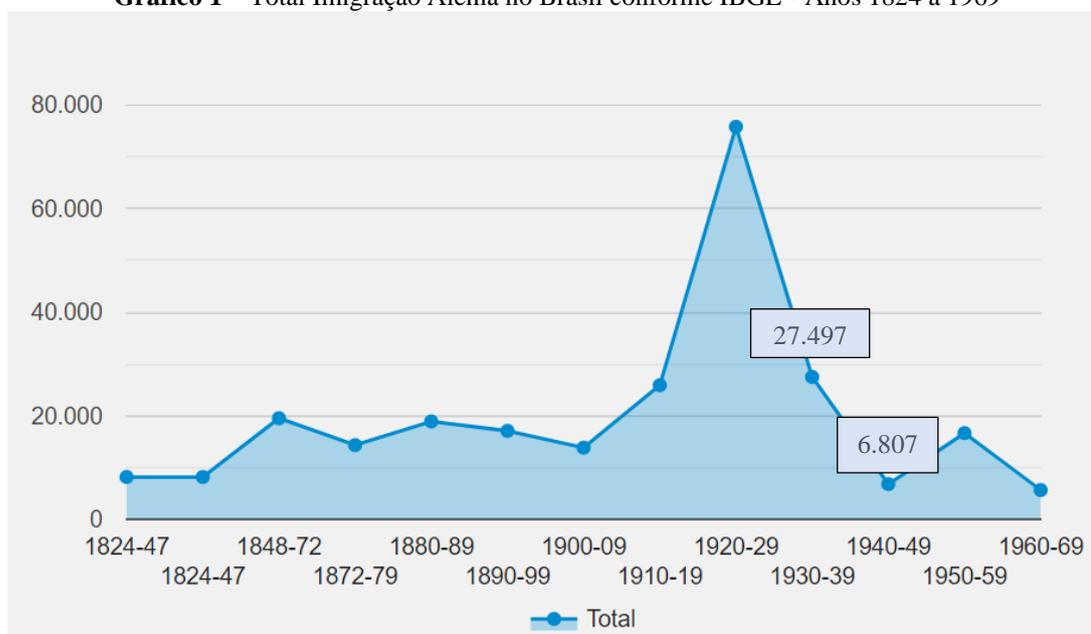
Nosso compromisso com essa pesquisa é o de não permitir que um espaço vazio seja criado pelo esquecimento. Esse espaço que muitas vezes é inadvertidamente deixado aberto, pode abrir caminho para versões da história construídas por antissemitas ou partidários de

ideologias de extrema direita, sobretudo nestes tempos de recrudescimento de posturas autoritárias. Esperamos ter contribuído fortemente, com resultados da pesquisa e ações de comunicação de interesse público, para que essas vitórias sejam sempre lembradas e celebradas, ocupando seus lugares de direito.

### 3.1 Análise de Quadro de Nomes

Conforme o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil recebeu 27.497 alemães durante os anos de 1930 a 1939. De 1940 a 1949, foram mais 6.807.

**Gráfico 1** – Total Imigração Alemã no Brasil conforme IBGE - Anos 1824 a 1969



Fonte: Adaptado pela autora com base em dados oficiais do IBGE<sup>28</sup>

Entretanto, como mencionamos anteriormente, utilizamos para nossa pesquisa, relação com eventuais sujeitos de pesquisa sugerida pelo LEER-USP. Com base nessa lista, foi possível efetuar alguns tipos de análise, cujas proposições detalhamos a partir deste ponto.

A lista de nomes sugeridos pelo LEER contempla 46 intelectuais - nem todos os alemães - que buscaram refúgio no Brasil, como forma de sobreviver ao avanço da política nazifascista, à época soberana na Europa, sobretudo a partir do final dos anos de 1930.

<sup>28</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes>. Acesso em: 06 Set. 2020.

### 3.1.1 Participação feminina

Em nosso quadro contendo os nomes de refugiados no Brasil, temos seis (06) mulheres, que representam 13,04% do total dos personagens constantes da relação deste recorte. As intelectuais atuaram majoritariamente com a escrita: foram poetisas, jornalistas e escritoras. Uma delas, Nina Caro, era doutora em Germanística e destacou-se no sul do Brasil, no ensino de idiomas: português para judeus exilados que auxiliava, e mais tarde, alemão para brasileiros, tendo sido autora de diversas publicações didáticas.

**Quadro 2 – Recorte: Mulheres Refugiadas no Brasil**

Nome	Profissão	Nascimento	Falecimento	No Brasil em:	Observações / Curiosidades	Algumas Publicações (livros e imprensa)	Conexões com outros refugiados	Fonte(s) <sup>(*)</sup>
Erna (Zobel) Feder (1893-1973)	Educadora	10/02/1893	mar/73	1941	Fundadora Biblioteca	Diário de Notícias	Esposa Ernst Feder; filha Fanny Zobel	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
Fanny Zobel (1872-1958)	Política; Ativista	19/06/1872	1958	1946	Foi conselheira municipal, vereadora	Diário de Notícias	Mãe de Erna Feder; sogra de Ernst Feder	Arqshoah (Erna Zobel-Feder) Wikipedia
Louise Bresslau-Hoff (1882-1966)	Escritora e poetisa	1882	1966	1934	Após a proibição da língua alemã, organizou um círculo de leituras em sua casa.	"Die Ziege des Francisco. Brasilianische Erzählung"	Publicou junto com Carl Fried o volume de poesias <i>Gedichte</i>	Izabela Kestler/Casa Stefan Zweig
Margarete (Waldstein) Reyersback (Rey) (1906-1996)	Escritora	16/05/1906	21/12/1996	1935	Frequentou a escola Bauhaus.	Curious George (EUA)	Esposa de Hans A. Rey	The New York Times / Wikipedia
Marthe Brill (1894-1969)	Jornalista e escritora	1894	1969	1934	Trabalhou em comitê para refugiados e uma de suas tarefas era encontrar moradias para eles.	Jornal turismo "Hamburg Süd"; Hamburger Fremdenblatt.	Mãe de Alice Brill (artista plástica) e esposa Erich Brill (pintor)	Arqshoah (LEER)/Izabela Kestler
Nina (Zabludovski) Caro (1906-1993)	Doutora em Germanística e Arte Dramática	29/03/1906	1993	1935	Aprendeu português com alguns amigos que falavam espanhol. Mais tarde, deu aulas de português a judeus exilados recém-chegados a Porto Alegre.	"Aprende brincando, criança!"; "Jogos, Passatempos e Habilidades"	Esposa de Herbert Caro	Arqshoah (LEER); Brumer;Gutfreind

Fonte: Dados nominiais fornecidos pelo LEER-USP e informações ampliadas pela pesquisa da autora.

Notou-se maior complexidade na busca de informações sobre as mulheres refugiadas. Pelo recorte ilustrado no Quadro 2, vê-se na coluna intitulada "Conexões com Outros Refugiados" que existe um parentesco com outros sujeitos da pesquisa. Essas pessoas são, em sua maioria, esposas e mães de outros exilados, características que foram fundamentais para obter-se a localização de informações sobre as intelectuais. O destaque na literatura também não é feminino.

Nossa percepção é de que o dado localizado sobre a mulher privilegia, muitas vezes, a história de vida do homem a quem ela está conectada. Erna (Zöbel) Feder, esposa de Ernst Feder, exercia atividades importantes, mesmo antes de vir para o Brasil. Conforme a plataforma *Arqshoah*<sup>29</sup>, durante a Primeira Guerra Mundial, Erna foi responsável pela criação de um centro de leitura para crianças, cujos pais tinham ido para as frentes de batalha, deixando assim, a responsabilidade do sustento para as mães. Seu objetivo era que essas crianças estivessem entretidas com leituras enquanto suas mães estivessem fora, evitando que ficassem sozinhas em suas casas ou pelas ruas. A iniciativa cresceu, chegou a abrigar cerca de

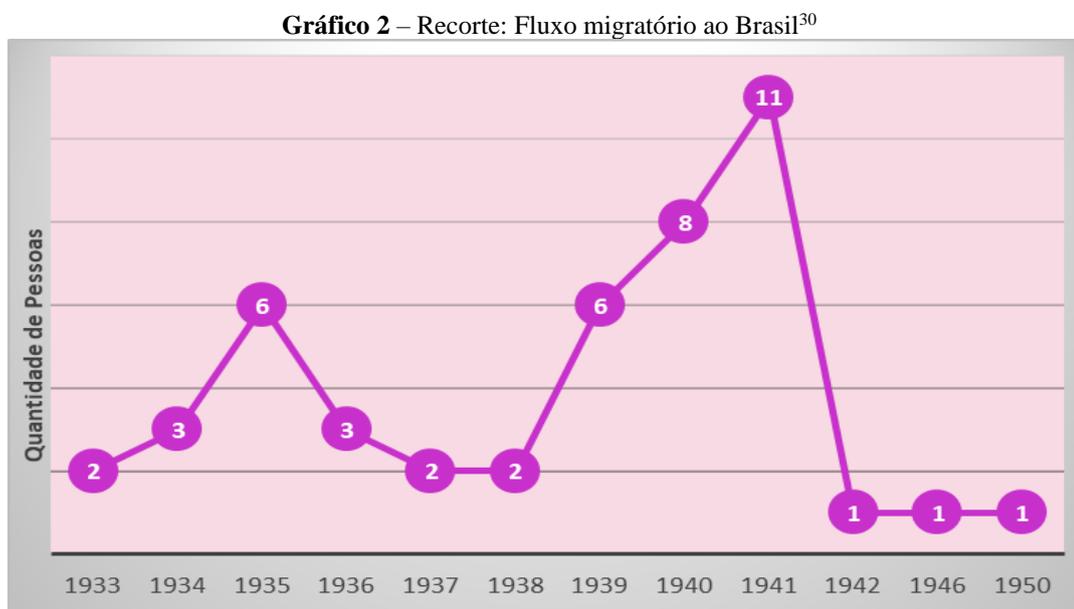
<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.arqshoah.com/busca-geral/aei-102-feder-erna-zobel>>. Acesso em: diversas datas.

200 crianças e acabou se tornando uma biblioteca. No Brasil, Erna também foi responsável pela criação de uma biblioteca no Méier, no Rio de Janeiro.

Durante todo o tempo em que estiveram juntos, Erna foi a datilógrafa dos inúmeros artigos e diários produzidos pelo marido jornalista. E foi por meio deste critério de busca que localizamos mais informações sobre ela.

### 3.1.2 Fluxo imigratório

Com relação ao fluxo de migração para o Brasil, os dados de nossa lista de nomes mostram que os houve um aumento de chegadas nos anos de 1935, 1939, 1940 e 1941, como se pode ver no gráfico a seguir:



Fonte: Dados nominais fornecidos pelo LEER-USP e informações ampliadas pela pesquisa da autora.

Em uma análise prévia, percebe-se que os pontos de aumento do fluxo nos movimentos de imigração durante os dezessete anos que estão no período de abrangência de nosso quadro, podem ter ocorrido devido às causas descritas cronologicamente a seguir (entre outras)<sup>31</sup>:

**1935:** Promulgadas as Leis de Nuremberg, que legitimam as teorias racistas nazistas;

**1939:** Hitler declara que na ocorrência de outra guerra, os judeus serão destruídos;

<sup>30</sup> Base de dados utilizada: lista de sujeitos de pesquisa sugerida pelo LEER.

<sup>31</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. (Org.) Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017. São Paulo: Mayaanot, 2018.

**1939:** A Alemanha invade a Tchecoslováquia;

**1939:** A Polônia é invadida pela Alemanha. É o início da Segunda Guerra Mundial;

**1940:** A rendição do exército francês ocasiona aumento de pedido de vistos de saída da Europa;

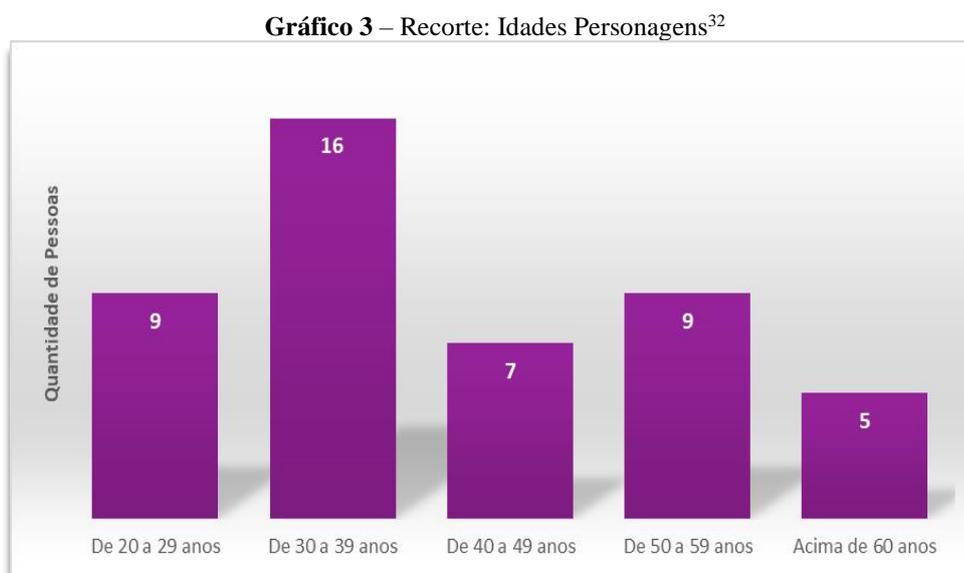
**1940:** É iniciada a construção do que viria a ser o maior campo de concentração: Auschwitz;

**1941:** É autorizada pelas forças policiais nazistas a utilização das câmaras de gás.

Todas as análises remetem a um cenário de sofrimento e desespero dos judeus europeus, corroborando para suas buscas por locais no mundo onde pudessem estar a salvo do nazifascismo.

### 3.1.3 Gerações

Com relação à faixa etária dos nossos sujeitos de pesquisa, verificamos que existiu uma tendência maior à busca de refúgio de intelectuais com idade entre 30 e 39 anos.



Fonte: Dados nominais fornecidos pelo LEER-USP e informações ampliadas pela pesquisa da autora.

O jornalista Ernst Feder, assim como sua sogra Fanny Zöbel, ex-ativista e política, estavam entre os mais idosos. Ambos já tinham histórias consistentes na Europa antes do exílio. Feder era um jornalista importante e foi um dos responsáveis pela criação de dois grandes jornais, o *Pariser Tageblatt* e *Pariser Tageszeitung* (KESTLER, 2003, p. 91). Fanny foi, ainda na Alemanha, onde nasceu, uma “mulher politicamente engajada e desde muito

<sup>32</sup> Base de dados utilizada: lista de nomes sugerida pelo LEER.

jovem vinculada a associações que lutavam pelos direitos das mulheres”<sup>33</sup>. Ela tinha 74 anos quando chegou ao Brasil.

**Quadro 3** – Recorte: Refugiados no Brasil acima de 60 anos

Nome	Profissão	No Brasil em:	Observações / Curiosidades	Algumas Publicações (livros e imprensa)	Conexões com outros refugiados
<b>Ernst Feder (Spectator) (1881-1964)</b>	Publicista Jornalista Escritor	1941-1957	Foi o último a estar com Stefan Zweig, na véspera de sua morte.	Página do Rio; A Noite; Argentinisches Tagesblatt	Amigo Stefan Zweig; esposo Erna Zöbel; amigo Fritz Wertheimer
<b>Hugo Simon (Hubert Studenic) (1880-1950)</b>	Banqueiro, político, mecenas, escritor	03/03/1941	Responsável pelo financiamento para a criação do jornal Pariser Tageszeitung	Página do Rio; A Noite; Argentinisches Tagesblatt	Morou no apto de Ernst Feder; amigo íntimo de George Bernanos; amigo Stefan Zweig.
<b>Fritz Oliven (Rideamus) (1874-1956)</b>	Escritor/Poeta/ Libretista	1939	Escrevia libretos sob o pseudônimo de Rideamus	"Willis Werdegang, Scenen Aus Dem Familienleben"	Herbert Caro
<b>Leopold von Andrian-Werburg (1875-1951)</b>	Poeta e escritor	1940-1945	Estava na lista da Gestapo devido à obra publicada anteriormente	Correio da Manhã (mas de forma pontual)	George Bernanos; Hermann Görgen; Paulo Rónai; Otto-Maria Carpeaux; Victor Wittkowski
<b>Fanny Zobel (1872-1958)</b>	Política; Ativista	10/07/1946	Foi conselheira municipal, vereadora	Diário de Notícias	Mãe de Erna Feder; sogra de Ernst Feder

Fonte: Dados nominais fornecidos pelo LEER-USP e informações ampliadas pela pesquisa da autora

### 3.2 Ernst Feder, o jornalista nato

No Brasil de 1938, os jornalistas não precisavam ser graduados em faculdades de comunicação para exercer a profissão. Foi somente nesse ano que o governo regulamentou a profissão de jornalista, estabelecendo carga horária de trabalho, pré-requisitos como idade, nacionalidade, eventual antecedência criminal ou existência de processos. Entretanto não se cogitava ainda o requisito de formação universitária.

Se o ‘foca’ chegasse nas empresas bem instrumentado moral e tecnicamente, com boa formação humanística, fortalecido e com poder de crítica, não seria, jamais - como acontecia então - uma figura frágil, desarmada e indefesa perante o patrão e as chefias em geral [...] (RIBEIRO, 1998, p. 44).

Em 1947, a Fundação Cásper Líbero instalou a primeira escola de jornalismo do Brasil (RIBEIRO, 1998, p. 45). Mesmo sem a obrigatoriedade da formação para o exercício da profissão de jornalista, iniciou-se uma transformação nas redações a partir do ingresso no mercado de trabalho dos formados pela instituição.

O cenário do início dos anos 1940 era de muita efervescência na imprensa brasileira. Para se ter ideia, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi invadido pela polícia de São Paulo em março de 1940, a mando do então presidente, Getúlio Vargas, que havia recebido a informação de que o jornal estaria “em armas”, e isso justificava o ataque. Dois dias depois da invasão, o jornal foi fechado. No dia 7 de abril foi reaberto, mas sob intervenção, condição em

<sup>33</sup> Arquivo Virtual Arqshoah-Holocausto e Antisemitismo. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/busca-geral/aei-102-feder-erna-zobel>. Acesso em: 06 Set. 2020.

que ficou por cinco anos. Desta forma, o Governo Federal passou a ser como “proprietário” de um jornal (RIBEIRO, 1998, p. 54).

Nesse momento é que chega ao Brasil Ernst Feder. Jornalista nascido em Berlim no ano de 1881, Feder estudou Direito, História e Ciências Políticas. Começou sua vida profissional como advogado e escritor e alguns anos depois assumiu o cargo de editor de um jornal berlinense, o *Berliner Tageblatt*, no qual permaneceu até dezembro de 1930, aos 49 anos (ECKL, 2012, p. 62).

Sucesso como jornalista destacado, sobretudo na cobertura das negociações para a entrada da Alemanha na Liga das Nações, foi eleito presidente do Grupo de Trabalho da Imprensa Alemã do Reich (*Reichsarbeitsgemeinschaft*). Escreveu também para outros jornais, como o *Frankfurter Zeitung*, existente até hoje. Aos 50 anos, foi nomeado juiz na Corte Internacional de Honra da Imprensa em Haia (ECKL, 2012, p. 62).

Em 1908 Ernst Feder conheceu Erna Zoebel, alemã de apenas 15 anos; três anos depois, casaram-se. O jornalista a chamava de “minha secretária”: era Erna quem datilografava todos os artigos, livros e diários preenchidos diariamente por ele, ou seja, toda a produção de Feder.

Mas os tempos terríveis das perseguições nazistas chegaram e alcançaram os Feder. A ascensão de Hitler em janeiro de 1933, foi fator motivador para que Feder, opositor extremado ao nazismo, partisse com a esposa para Paris, passando antes pela Suíça. Em Paris, souberam que haviam perdido sua nacionalidade alemã, devido às novas leis nazistas antissemitas, tornando-se apátridas. Os pais de Erna também conseguiram viajar para lá, depois de alguns anos. Feder participou da criação do periódico *Pariser Tageblatt*, publicado a partir de 17 de outubro de 1933, e lá permaneceu durante o período em que esteve na França.

Às vésperas da deflagração da Segunda Guerra na Europa, com a mobilização das tropas na França, o casal percebeu que permanecer em Paris seria arriscado. No fim de agosto de 1939, partiram para Brive, na região central francesa, onde tinham amigos, sem saber que lá também o clima era tenso, com a cidade repleta de soldados, ainda do exército francês. Feder logo foi chamado pelas autoridades francesas e, ironicamente, foi determinada no dia 4 de outubro de 1939, sua internação no campo de concentração La Braconne, localizado no sudoeste da França, justamente por ser alemão. O argumento que haviam sido considerados apátridas, desde as novas leis nazistas, de nada adiantou para impedir sua prisão. Entretanto, esteve internado por apenas uma semana, quando voltou para Brive e se reencontrou sua esposa.

A derrota da França para a Alemanha em junho de 1940, os fez passarem a buscar um visto fora da Europa com mais intensidade (COLFFIELD, 2017). Em setembro deste mesmo ano, Feder enviou uma carta a um amigo que escrevia para o jornal *The Nation*, de Nova Iorque. Entretanto, apesar da tentativa do jornalista, a embaixada americana negou a solicitação, com a alegação de que já havia muitos alemães nos Estados Unidos. Feder tentou então um órgão chamado *American Guild for German Cultural Freedom*, mas a instituição havia interrompido suas atividades devido a dificuldades financeiras e encaminhou o pedido para um grupo chamado *Emergency Rescue Committee*. Finalmente, como nos relata Kestler (2003), este comitê coloca os Feder em contato com um embaixador brasileiro em Vichy, Souza Dantas, que, apesar da proibição para emissão de vistos a judeus, deferiu o pedido de Ernst (KESTLER, 2003, p. 90-92), concedendo-lhes vistos permanentes para o Brasil.

**Figura 5** – Notícia de jornal sobre a chegada de Ernst Feder ao Brasil em 17/7/1941



Fonte: Klaus Hart Brasiliertexte.<sup>34</sup>

Ao chegar no Brasil, Feder tornou-se um jornalista muito conhecido por sua atuação anterior na Europa e aprendeu português em um ano. Dois dias depois de sua chegada, “o

<sup>34</sup> Disponível em: <http://www.hart-brasiliertexte.de>

Correio da Manhã publicou um artigo sobre ele, e o *Globo*, uma entrevista” (ECKL, 2012, p. 62). Desta forma, outros refugiados puderam localizá-lo, fazer contato e assim ampliou-se a rede de conhecidos refugiados do nazismo, sobretudo escritores e jornalistas. Em seu artigo *A Flor do Exílio*, Eckl (2012) cita alguns dos nomes que eram seus “velhos amigos” e que puderam ser encontrados: Hans Klinghoffer, Hugo Simon, Leopold Stern, e outros. Adicionalmente, graças às diversas cartas de recomendação enviadas pela Embaixada Brasileira na França, Feder teve contato com pessoas influentes do jornalismo, como Samuel Wainer (*Diretrizes*), Luiz Guimarães Filho (*A Gazeta*) e João Macdowell (*Jornal do Brasil*). E foi justamente para o *Jornal do Brasil* que, em apenas dois meses da sua chegada por aqui, Feder escreveu seu primeiro artigo como jornalista: “O Mistério de Colombo”. Segundo Eckl (2012), foi um começo promissor “e logo seguiriam publicações em outros jornais” (ECKL, 2012, p. 63).

Figura 6 – Primeiro artigo de Ernst Feder no Brasil. *Jornal do Brasil*, 07/09/1941



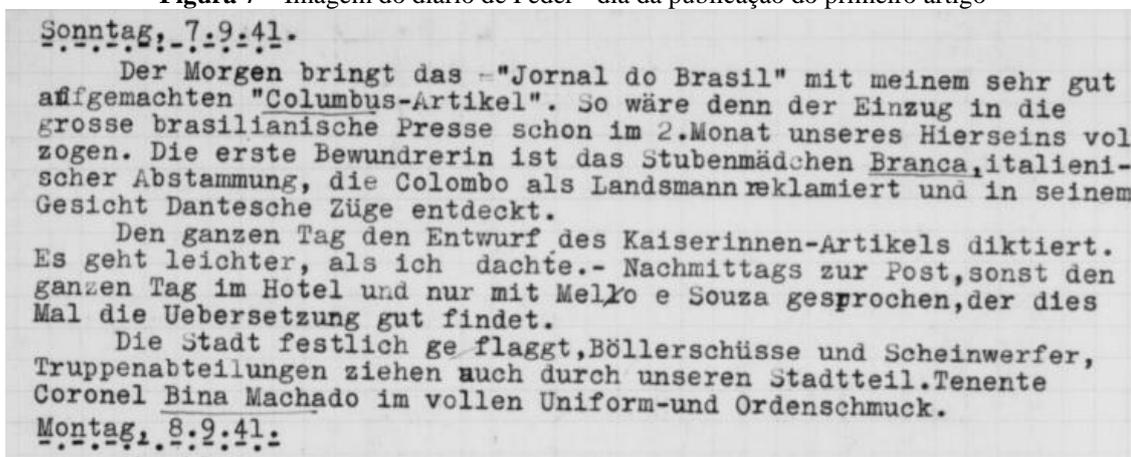
Fonte: Acervo Biblioteca Nacional Digital Brasil<sup>35</sup>

Em seu artigo, Eckl (2012) ainda menciona que, mesmo escrevendo para diversos jornais, Feder tinha muita dificuldade em ganhar a vida como jornalista, porque os “honorários eram ínfimos”. O que ainda o deixava em uma situação mais confortável, é que ele escrevia também para o *Nationalzeitung* (Basileia), para o jornal de refugiados *Aufbau* (Nova Iorque), *Argentinisches Tageblatt* (Argentina), *Crônica Israelita* e a revista *Aonde Vamos?*. Essas impressões, como todas as outras, eram registradas por ele em forma de

<sup>35</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3oeDHHm>. Acesso em: 29 Out 2019

diários, que hoje estão no acervo do Leo Baeck Institute, em Nova Iorque, devido à doação de Erna Feder após sua morte.

**Figura 7** – Imagem do diário de Feder - dia da publicação do primeiro artigo



Fonte: Leo Baeck Institute New York/Center for Jewish History<sup>36</sup>.

Ernst Feder trabalhou na mediação cultural entre Brasil e Alemanha desde que aqui chegou:

Da mesma forma que escolhia temas prioritariamente alemães ou europeus para tratar nos jornais no Rio, escrevia sobre acontecimentos políticos do Brasil ou abordava temas culturais brasileiros no jornal suíço *Nationalzeitung*, no *Argentinisches Tageblatt* ou no *Aufbau* de Nova York [...] (ECKL, 2012, p. 64).

Ao avançar nos estudos sobre Feder, podemos identificar sua contribuição à imprensa e à cultura brasileira, dada a forma como valorizava a mediação cultural, como já citamos anteriormente. Tratou também de temas como “Goethe e o Brasil”, facilitando o acesso dos brasileiros ao clássico escritor alemão, que tanto admirava o país, e sendo inclusive elogiado pelo filósofo Edgar Roquette-Pinto pelo “bom serviço que presta à nossa cultura” através dos textos que escreveu sobre Goethe (ECKL, 2012, p. 64).

Segundo Kestler (2003), Feder escreveu muitos artigos sobre Goethe, como *Goethe und die neue Welt* (Goethe e o novo mundo) e *Konnte Goethe Portugiesisch?* (O Goethe sabia falar português?). Escreveu também *Goethes Liebe zu Brasilien* (o Amor de Goethe pelo Brasil), no qual descreveu meticulosamente o interesse pelo Brasil. Em seus artigos sobre o poeta alemão, Feder dizia: “se Goethe amava o Brasil, temos que fazer o mesmo”. (KESTLER, 2003, p. 93).

<sup>36</sup> Disponível em: <https://access.cjh.org/>. Acesso em:

Era considerado também um grande conhecedor da obra de Stefan Zweig, outro famoso escritor que tinha um extremo apreço pelo Brasil, e foi o último a vê-lo com vida. Feder sofreu influência desse colega, utilizando inclusive seu estilo para escrever, como em *Diálogos dos Grandes do Mundo: Estudos Históricos e Literários*, de 1950. Esta obra discorre sobre encontros que influenciaram de forma decisiva a vida de pessoas importantes e de países.

**Figura 8** - Ernst Feder (à esq.) e sua esposa Erna (Zoebel) Feder (à dir.), 1941



Fonte: Arqshoah<sup>37</sup>

Eckl (2012) conta que os casais Erna e Ernst Feder e Stefan e Lotte Zweig eram muito amigos. Em fevereiro de 1942, os Zweig convidaram os Feder para conversarem sobre as impressões do carnaval, o primeiro de Erna e Ernst.

É verdade que o jornalista reparara o ar ausente de Stefan Zweig, que parecia estar com o pensamento longe, bem como o ambiente sombrio da conversa. Mesmo assim, quando saíram, por volta da meia-noite, Erna e Ernst Feder não tinham a menor ideia de que aquela seria uma despedida definitiva (ECKL, 2012, p. 66).

O casal Zweig cometeu suicídio nessa mesma noite e, foi com grande consternação que Feder e seus amigos receberam a notícia. Registrou-se à época que o casal recebeu homenagens com honra de Estado e que os brasileiros também ficaram muito abalados (ECKL, 2012, p. 66).

Eckl (2012) baseia seu artigo também nos diários de Feder, repletos de detalhes e disponíveis na página do instituto americano *Leo Baeck Institute/Center for Jewish History*<sup>38</sup>. A autora registra que a forma como Feder escrevia mudou após a morte dos amigos. Antes mais documental e protocolar, após o evento Ernst Feder passou a escrever com um nível de

<sup>37</sup> Disponível em: <https://bit.ly/31u4fui>. Acesso em: 29 Out. 2019

<sup>38</sup> Disponível em: <https://access.cjh.org/>. Acesso em: diversas datas.

detalhamento muito maior. Também foi muitas vezes convidado para falar sobre o amigo, já que se sabia sobre sua amizade, e porque era considerado uma pessoa séria, com credibilidade para abordar este assunto. Feder também escreveu muitos artigos a respeito de Zweig e proferiu palestras.

Em 1958, Ernst e Erna Feder voltam para a Alemanha, a convite do então presidente Theodor Heuss, e porque tinham problemas de saúde. Desembarcaram em Berlim dia 23 de setembro. Lá Feder continuou seu trabalho como jornalista até março de 1964, quando faleceu aos 83 anos. Sua esposa Erna ainda viveria por mais algum tempo, morrendo em 1973, aos 80 anos (ECKL, 2012, p. 69).

Eckl ainda complementa que Ernst Feder nunca teve seu trabalho reconhecido, mas seu nome pode ser encontrado em todas as biografias de Stefan Zweig. O jornalista concedeu ao mundo por meio de seus registros de memória detalhados, um olhar único sobre a guerra, os nazistas, a história dos refugiados e um legado de destaque também na imprensa e na literatura.

### **3.3 Otto-Maria Carpeaux, o intelectual literata**

O legado dos intelectuais e sua influência na geração do pós-guerra foi, conforme Carneiro e Strauss (1996, p. 173) de um perfil “diferenciado”, frente ao que já se tinha experimentado nesse sentido no Brasil. Entre fins do século XIX e início do século XX, havia interesses do governo - e subvenções - para a obtenção de mão de obra para a agricultura e indústrias ou para colonizar terras no sul do Brasil. Esses homens e mulheres traziam “novos ingredientes: ideias arrojadas, livros e mais livros” (CARNEIRO; STRAUSS, 1996, p. 73).

Intelectuais como Ernst Feder, Otto-Maria Carpeaux ou Vilém Flusser, que contribuíram com ideias e muito trabalho, não são raros. A pesquisa que se apresenta possibilitou o acesso a diversas dessas ideias.

O refúgio foi também a única alternativa para o escritor, publicista, jornalista e crítico austríaco Otto-Maria Carpeaux, na verdade, Otto-Maria Karpfen. O vienense, filho de um advogado e de uma dona de casa, tentou seguir a carreira do pai, quando ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas. No entanto, abandonou o Direito para estudar física. Mais uma vez redefiniu sua vocação e formou-se em filosofia e letras na Universidade de Viena,

em 1925. Pouco tempo depois, tornou-se doutor em matemática, física e química. Em paralelo, estudou também música, história e sociologia (CÔRTEZ, 2009).<sup>39</sup>

Conheceu Helena e com ela se casou, em 1930. Passou a dedicar-se ao jornalismo. Em 1939, após a anexação da Áustria, o casal esteve uma temporada na Itália e depois em Antuérpia, onde Otto-Maria trabalhou no periódico *Gaset van Antwerpen*.

Carpeaux lutava incessantemente contra o nazismo e, naqueles tempos de refúgio, sentia-se fatigado. “Estou cansado de fugir”, escreveu ele ao amigo, o escritor brasileiro Álvaro Lins, que fez convites insistentes para que o casal viesse refugiar-se no Brasil. Entretanto teve que sucumbir, com o aumento da ameaça de ataque alemão à Bélgica pelos alemães.

Conseguiu um visto para si e sua esposa através de um religioso chamado Ambros Piffig, por conta da intitulada “Ação Brasil”, de 1939. Kestler (2003) explica:

A orientação anti-semítica da política de imigração se manifesta nitidamente na chamada Ação Brasil. Atendendo a um apelo do papa Pio XII, Vargas autorizou [...] a concessão de três mil vistos a católicos ‘não arianos’[...] (Os vistos) foram distribuídos da seguinte forma: dois mil ficariam a cargo da Embaixada brasileira em Berlim e os mil restantes [...] ficariam [...] Embaixada brasileira junto à Santa Sé para os demais países [...] exigia do candidato [...] certidão de batismo anterior à 1933 (KESTLER, 2003, p 52).

Quando eclodiu a guerra, o casal Carpeaux estava no navio *Copacabana*, a caminho do Brasil. Conseguiram chegar em Rolândia, no interior do Estado do Paraná, mas a família não se adaptou. Frustrado, seguiu viagem para São Paulo, onde ficou por pouco mais de um ano. Conta-nos Côrtes (2009) que o período que se seguiu foi de muita dificuldade. O casal teve que vender até seus últimos pertences para poder sobreviver. Aplicou-se no estudo da língua portuguesa por meio da literatura. Falou novamente com o amigo Álvaro Lins, crítico literário no jornal *Correio da Manhã*, e pediu-lhe um emprego. Sua dificuldade com o idioma ainda era enorme, então escreveu seus primeiros artigos em francês, para que pudessem ser traduzidos para o português.

No dia 19 de abril de 1941, Álvaro Lins celebrava a entrada do amigo no *Correio da Manhã*. O periódico publicou um artigo de Álvaro repleto de elogios:

---

<sup>39</sup> CÔRTEZ, Norma. Otto Maria Carpeaux. (Verbete). FGV CPDOC. Disponível em: <https://bit.ly/3dzVWlr>. Acesso: 06 Set. 2020

A sua especialização se orientou no sentido da literatura comparada, para a qual levou seu conhecimento de oito línguas vivas e mortas, inclusive hoje, da portuguesa. Escreve, com a mesma naturalidade, em alemão, em holandês ou em francês, e dentro em pouco escreverá na nossa língua, cuja literatura já conhece tão extensa e profundamente quanto se poderia exigir de um brasileiro de classe intelectual (LINS, 1941, p. 2).<sup>40</sup>

Foi contratado como colaborador permanente do jornal e, mesmo com muita dificuldade, aos poucos encaixou-se no cenário que se configurava no Brasil como refúgio para intelectuais europeus.

Seu talento para a literatura foi cada vez sendo mais desenvolvido e estimulado. Em 1942, foi convidado para ser diretor da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Anos mais tarde, exerceu a mesma função na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Em 1951, publicou a que seria a obra de referência para estudantes de literatura: *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, que cataloga 170 autores. Sua obra principal, conforme Carneiro e Strauss (CARNEIRO e STRAUSS, 1996, p. 176).

Figura 9 – Um dos primeiros artigos publicados por Carpeaux



Fonte: Correio da Manhã, ed. 27/04/1941<sup>41</sup>

Pouco tempo depois, como redator-editorialista, ficou responsável pelos editoriais políticos e continuava a escrever a coluna "Livros na mesa", que era distribuída para outros jornais, como o *Jornal do Brasil* e o *Estado de Minas*.

Dono de um posicionamento claro contra a ditadura militar, sofreu represálias durante o período devido ao seu perfil. Nos informa Côrtes (2009) que muitos jornalistas do *Correio da Manhã* foram censurados, e o próprio jornal foi um importante veículo de denúncia das arbitrariedades cometidas pelo regime militar. Mais tarde, ele publicou dois volumes com a

<sup>40</sup> LINS, Álvaro. Um novo companheiro. *Correio da Manhã*, Ano 1941, ed. A14250, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bit.ly/357cRrD>. Acesso em: 07 Set. 2020.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3m9Wd1I>. Acesso em: 07 Set. 2020.

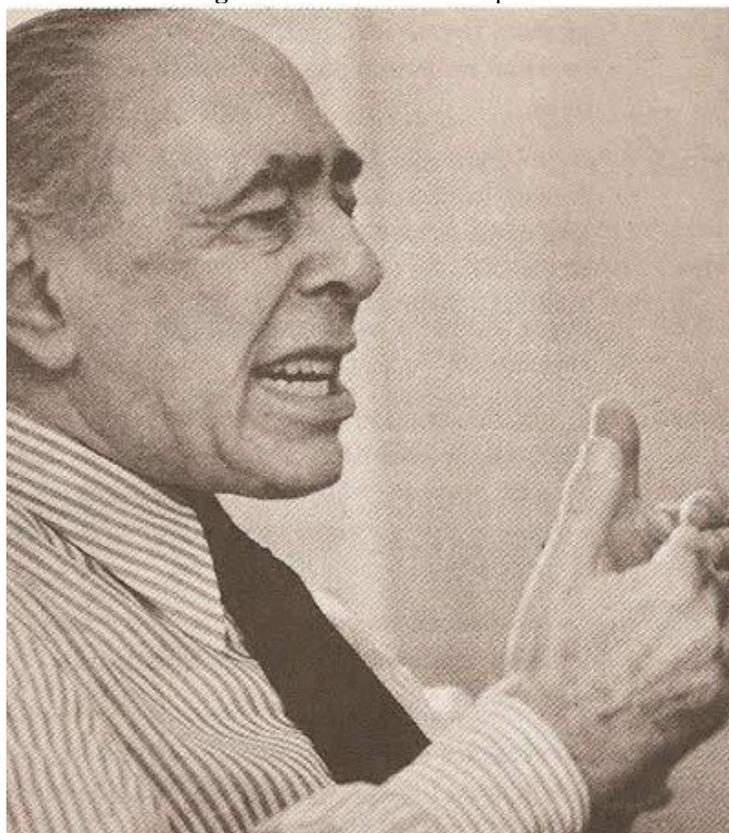
coletânea de seus artigos sobre relações internacionais (*O Brasil no espelho do mundo*, de 1964, e *A batalha da América Latina*, de 1965), o que novamente o colocou como alvo de perseguição da polícia militar, tendo sido inclusive processado (CÔRTEZ, 2009).

Em 1969, Carpeaux afastou-se do jornalismo diário e passou a dedicar-se à produção das enciclopédias Delta *Larousse* e *Mirador*. Morreu em 03 de fevereiro de 1978, no Rio de Janeiro, vítima de infarto (KESTLER, 2003, p. 87 e p.88).

Para a história de vida de Carpeaux, o refúgio e o exílio talvez tenham possibilitado a ampliação dos talentos que já possuía enquanto jovem, na Áustria. Conforme a pesquisadora Izabela Kestler (2003):

Juntamente com Anatol Rosenfeld e Paulo Rónai, Carpeaux pertence à chamada Santíssima Trindade da vida intelectual brasileira. Devido às atividades de intermediação no campo literário, todos os três influenciaram de forma duradoura a vida cultural brasileira, até então demasiado voltada para a França e para a adoção de modelos franceses [...] (KESTLER, 2003, p. 88).

Muitos desses refugiados eram autodidatas, aprendizes de grandes mestres ou profissionais formados nas mais importantes universidades europeias e por essa trajetória puderam reconstruir, no Brasil, boa parte de suas obras. Muitos vinham da Europa já como jornalistas e escritores. A prática jornalística dessa época não era baseada em formação universitária, mas podiam ser jornalistas que praticavam bem o ofício de escrever e investigar. Foi somente em 1939 que, o Conselho Nacional de Educação brasileiro deferiu a licença para a criação de escolas superiores de jornalismo, o que se efetivou oito anos depois, com a instalação da Escola de Jornalismo Cásper Líbero, como já mencionamos anteriormente (RIBEIRO, 1998, p. 45).

**Figura 10** – Otto-Maria Carpeaux

Fonte: Tiro de Letra – Mistérios da Criação Literária<sup>42</sup>

Otto-Maria Carpeaux atuou no Brasil também como jornalista cultural, num momento que pouco se definia apropriadamente o jornalismo cultural. Embora o escritor Machado de Assis tenha sido considerado nosso primeiro crítico literário, escrevendo em periódicos semanais, o modelo de jornalismo cultural ainda seria muito transformado até chegar ao modelo atual. “O crítico cultural agora tinha que lidar com ideias e realidades, não apenas com formas e fantasias” (PIZA, 2003, p. 17).

O autor ainda reitera que, no século XX, os jornais e revistas brasileiros ampliaram seus espaços aos jornalistas que não são apenas analistas de obras importantes, mas que também “refletem sobre a cena literária e cultural” (PIZA, 2003, p. 32).

Piza (2003) confirma que, nos anos 1940, o nome de Otto-Maria Carpeaux despontou também como jornalista cultural. Além de combinar o jornalismo com o enciclopedismo, era, “um mestre do ensaio curto, da resenha ensaística” (PIZA, 2003, p.35), possibilitando aos leitores conhecimento sobre as obras e discutindo-as com profundidade, concomitantemente.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/onde/OttoMariaCarpeaux.htm>. Acesso em: 08 Set. 2020.

Seu jornalismo era de interesse público, à medida que fazia denúncias em suas matérias e se opunha às atrocidades dos autoritarismos e da guerra dos anos 1930-1940. Carpeaux

[...] foi para muitos artistas e intelectuais nacionais, via imprensa, o professor de civilização que não tiveram. Também refletiu sobre os destinos do Brasil como nação, fugindo das dicotomias vigentes no debate local entre um país fechado e autárquico e um país dependente e colonizado. E refletiu perenemente sobre a literatura e a cultura brasileiras, derrubando mitos [...] e selecionando autores de maior perenidade e universalidade [...] (PIZA, 2003, p. 35).

Entretanto, mesmo diante da importância detectada dos papéis, essas pessoas foram esquecidas. O sociólogo Michael Pollak (1989), responsável por diversos estudos, entre outros por aqueles sobre campos de concentração nazistas, discute o esquecimento e o silêncio como formas, por vezes, de não se culpar a vítima. O autor traz a discussão de como a deportação está relacionada a diversos sentimentos, entre eles, a culpa: uma certa responsabilização por ter sobrevivido. Foi como se a memória tivesse que ser reprimida. Apesar das vítimas quererem “escutas”, e essas estarem disponíveis ao findar a guerra, toda a atenção e foco estavam direcionados em reconstruir os países quase que totalmente dizimados pelos bombardeios e ataques. “A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer nas lembranças feridas dos pais” (POLLAK, 1989, p. 4).

### **3.4 Vilém Flusser, um pensador visionário**

Vilém Flusser, filósofo, professor, escritor e conferencista, nasceu em Praga na antiga Tchecoslováquia, em 12 de maio de 1920; não acreditava que biografias fossem uma cronologia da vida, mas sim, um “rol de redes”, como descreve: “[...] penso que uma biografia consiste na listagem das redes através da qual um fluxo de experiências terá fluído”. Ele não entendia que sejamos capazes de nos conectar com versões “passadas de nós mesmos” (FLUSSER, 2003, p. 89 *apud* FINGER, 2008, p. 13).

No dia 15 de março de 1939, quando as tropas nazistas adentraram de forma suntuosa e imponente na cidade de Praga, o então estudante de filosofia Vilém Flusser tinha quase 19 anos. O futuro intelectual, filho de Gustav Flusser, catedrático professor de matemática e física, da Universidade Carolina de Praga, e de Melitta Basch, musicista e cantora, tinha duas línguas maternas, o tcheco e o alemão. Praga configurava-se então, como um centro cosmopolita das culturas tcheca, alemã e judaica. Flusser também tinha uma irmã mais nova, Ludvika, e era noivo de Edith Bart.

Com o agravamento da perseguição aos judeus, pontuada com a chegada dos nazistas à então Tchecoslováquia, após a independência dos eslovacos e a ocupação pelos alemães da região dos Sudetos, ele e a noiva fugiram para Londres, ainda em 1939.

O casal chegou a fazer planos na cidade. Vilém alugou um apartamento do primo de Edith, entrou na *London School of Economics* e começou a compor músicas para uma banda de jazz. Edith começou a trabalhar em um hospital cuidando de recém-nascidos. Entretanto, a queda da França em junho de 1940, e o temor do eventual ataque à Inglaterra os levaram novamente à busca de um visto, desta vez para fora da Europa.

Conseguiram um visto para o Brasil, após serem batizados em uma igreja católica. Essa obrigatoriedade era uma exigência do governo brasileiro para os refugiados:

Em consequência da atitude racista do governo brasileiro, os imigrantes judeus da Europa conseguiam desembarcar no seu território apenas com documentos falsos, acompanhados com devidas datas do seu batismo (BATLICKOVA, 2019, p. 46).

Partiram do Porto de South Hampton, que fica na costa sul da Inglaterra, em agosto de 1940. A longa viagem foi marcada pelo medo contínuo de ataques dos países do Eixo. Em entrevista concedida à professora Anke Finger em 2007, Edith Flusser relatou que “a longa viagem [...] teve curso em completa escuridão: aos passageiros não era permitido acender mais do que um cigarro” (FINGER, 2008, p. 23).

Ao chegarem no Rio de Janeiro, logo após o desembarque, Vilém foi abordado por uma voluntária de uma congregação israelita que ajudava os refugiados, trazendo-lhe a pior notícia: seu pai havia sido assassinado no campo de concentração de Buchenwald, em 18 de junho, portanto dois meses antes do desembarque de Vilém e Edith no Brasil.

O mesmo céu cobre Praga e São Paulo. Ambas as cidades estão inseridas no mesmo espaço impregnado pela mesma guerra. [...]A notícia da execução do pai espera o navio nas docas do Rio de Janeiro, e em Praga começam as primeiras deportações maciças. Mas em São Paulo se fazem as primeiras preparações para a futura industrialização nascida dos lucros da guerra. A agonia de Praga coincide com a puberdade de São Paulo: choque de dois tempos (FLUSSER, 2007, p. 39).

Um primo distante de Edith os recebeu aqui e os auxiliou nos seus primeiros momentos no país. Ficaram em uma pensão no Rio, mas logo planejaram se casar e mudar para São Paulo, o que fizeram em janeiro de 1941.

O rapaz tinha então vinte anos e, após fixarem residência em São Paulo, passou a trabalhar com seu sogro, que tinha uma empresa chamada Indústrias Eletrônicas Radiobrasil Ltda (IRB). Simultaneamente, lia muito, sobretudo livros emprestados de Alex Bloch, que os trazia da livraria em que trabalhava.

Ainda no ano de 1941 o casal teve sua primeira filha, Dinah. Em 1943, Miguel e, em 1951, nasce o terceiro filho, Victor.

Sua paixão pelas ideias e discussões filosóficas só aumentara. Distante da impossibilidade de exercer tal paixão, trabalhando no que detestava (indústria eletrônica), Flusser estava em estado de tristeza. Segundo Edith (FINGER, 2008), Vilém era muito pessimista:

[...] ele pensava que os alemães poderiam ganhar a guerra [...] a existência se mostrava miserável. Ele abominava o mundo dos negócios e não tinha nenhum talento para administração ou números, o que o fazia se sentir desesperadamente infeliz. Edith sempre o acompanhava no caminho para o trabalho, com medo de que ele pudesse se matar (FINGER, 2008, p. 25).

Também foram encontrados resultados na presente pesquisa que dizem respeito à tendência suicida de Flusser. Conforme Finger (2008, p. 22), o filósofo costumava ter em seu poder, desde o início da guerra, um papel onde estavam anotados motivos a favor do suicídio e os motivos contra a ideia.

Quando as coisas começaram a melhorar um pouco, no início dos anos 1950, sem nunca ter deixado os estudos da Filosofia, um dia bateu à porta do Instituto Brasileiro de Filosofia. Seu fundador, Vicente Ferreira da Silva, responsável por trazer a filosofia de Heidegger ao Brasil (FINGER, 2008) recebeu o rapaz junto à sua esposa, a poeta Dora e o amigo engenheiro Milton Vargas. Vilém simplesmente disse que “estava procurando por pessoas com quem trocar ideias”, uma vez que “São Paulo era um deserto de pessoas e de pensamentos” (FINGER, 2008, p. 26).

Rapidamente encaminhou-se profissionalmente no mundo da docência e da Filosofia: de início publicou textos na revista do Instituto Brasileiro de Filosofia, deu cursos, proferiu palestras e escreveu seus primeiros ensaios sobre Filosofia da Linguagem. Tornou-se professor da Escola Politécnica de São Paulo, Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Álvares Penteado, Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), Escola Superior de Teatro e Cinema da Universidade de São Paulo (USP). Posteriormente, passou a contribuir regularmente para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Seguiu sua trajetória proferindo palestras, escrevendo, lecionando, trabalhando como curador da Fundação Bienal de Artes.

No final dos anos de 1960, o filósofo sofreu com a ditadura militar no Brasil: suas palestras passaram a ser espionadas e artigos contra a ditadura publicados em sua coluna na *Folha de S. Paulo* provocaram sua dispensa da empresa jornalística (KESTLER, 2003, p. 96).

Finger (2008) também relata a tristeza e o desapontamento do filósofo com o golpe militar de 1964. Para ele, que nos anos “pré-64” acreditava no “renascimento da cultura

ocidental em terras brasileiras”, foi uma decepção constatar que as discussões entre alunos e colegas filósofos e professores começavam a “refletir a fadiga e os conflitos dos intelectuais brasileiros que rejeitavam o sistema” (FINGER, 2008, p. 27):

Destarte a juventude acadêmica passou a bola de pingue-pongue entre agitação e repressão, e se ia desestruturando. Diariamente desapareciam alguns entre eles, e o medo e desespero tomava conta deles. O embrião da nova cultura [...] ficou assim abortado. A realidade começou seu avanço triunfal sobre o sonho (FLUSSER, 2007, p.196).

Todas essas questões relacionadas à ditadura foram fazendo com que Flusser perdesse o entusiasmo no Brasil. A motivação que tinha em meio às discussões com os amigos e alunos no terraço de sua casa, foi sendo substituída pela “fadiga e os conflitos dos intelectuais brasileiros que rejeitavam o sistema”, e Flusser se sentia impotente na tentativa de “apaziguar” os jovens que o procuravam (FINGER, 2008, p.27-28).

Além da perda de entusiasmo no Brasil, sem ver futuro para seus projetos, com seus três filhos adultos e independentes dos pais, Flusser tinha vontade de exercer sua profissão na Europa. Foram essas algumas das “razões que levaram ambos<sup>43</sup> a retornar à Europa” (KESTLER, 2003, p. 96). Em 1972, alugaram sua casa no Brasil e se mudaram para a Itália, depois fixaram residência em Robion, na França.

Quando Flusser retornou, então, à Europa, esteve presente nos movimentos franceses do ano de 1968, os quais, em princípio, julgou serem superficiais, devido à ausência de relacionamentos mais humanos entre professores e alunos (STRÖHL, 2000, p.46).

Ainda conforme Andreas Ströhl (2000), Flusser teve muitas discussões com o colega Abraham Moles, então diretor do Instituto de Psicologia Social da Universidade de Estrasburgo, o fizeram “reconsiderar sua atitude” com relação aos movimentos estudantis de 1968. Ao enfrentar o esquecimento do seu trabalho no Brasil e, na tentativa de reposicionar-se como intelectual em um contexto muito diverso daqui, Flusser passou a “[...] desenvolver o conceito de um intelectual desengajado, livre de incertezas, despojado de qualquer obrigação para com qualquer partido, poder ou ideologia”:

Vivendo como um brasileiro em uma pequena aldeia de Provence, [...] começando a vida de um vagar trans-europeu, ele compreendeu a futilidade das eleições e dos partidos dirigidos por ideias preestabelecidas e dificilmente questionáveis. **Porém, a tarefa do intelectual era questionar tudo** [...] Intelectuais vivem em um gueto, em uma sociedade sem poder, com exceção do poder de questionar, uma sociedade que não tem por objetivo a ação (MOLES, 1992, p. 93 *apud* STRÖHL, 2000, p. 46, *grifo nosso*).

---

<sup>43</sup> Vilém Flusser e a esposa, Edith Flusser (Kestler, 2003, p. 96).

Vilém Flusser passou a dedicar-se à formação de redes na Europa. E com essa movimentação, os anos 1970 e 1980 foram os mais movimentados em sua carreira. Escreveu e trabalhou muito durante esses anos. Algumas vezes esteve no Brasil, como em 1973, para a Bienal de São Paulo. Flusser continuou de forma intensa sua trajetória nos meios filosóficos e acadêmicos até falecer, em 1991. Em novembro deste ano, um dia depois de proferir uma palestra intensa no Instituto Goethe e de ter participado de um jantar em sua homenagem, Vilém Flusser morre em um acidente com seu carro, que atingiu um caminhão, nos arredores de Praga (FINGER, 2008, p. 31-32).

A autora Izabela Kestler, em pesquisa publicada no livro *Exílio e Literatura – Escritores de Fala Alemã Durante a Época do Nazismo*, registra que, mesmo diante da vasta obra deixada por Flusser, conforme relatos de amigos próximos, “[...] este filósofo foi praticamente esquecido no Brasil após seu retorno à Europa”, e ainda que “[...] nenhum jornal brasileiro sequer noticiou o falecimento de Flusser” (KESTLER, 2003, p. 97).

**Figura 11** - Vilém Flusser e sua esposa Edith em Marseille, França, anos 1970



Fonte: FINGER, 2008, p. 35

Parece que a angústia e a amargura estiveram presentes na trajetória do professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor Vilém Flusser. O filósofo muitas vezes trouxe em discussões e textos seu posicionamento sobre a intelectualidade.

Esses intelectuais, ao refugiarem-se, ante todo o caos da nova terra, seus hábitos e costumes tão diferentes, e embora tivessem usado da comunicação em seus países como sua ferramenta máxima de trabalho e avanço nas suas carreiras e projetos de vida, enfrentaram justamente a falta do idioma português como um dos maiores empecilhos em seus princípios de vida no Brasil.

O esquecimento da biografia, assim como da contribuição e do legado de Vilém Flusser, pode estar diretamente ligado à variedade de interesses que regem as pessoas. O professor decepcionou-se com o projeto brasileiro, em um momento em que o mundo era dividido pelas posições antagônicas decorrentes da Guerra Fria e a América Latina era dominada por ditaduras que perseguiram, torturavam e matavam seus opositores. Ademais, estava à esquerda, mas entendia que esse posicionamento não significava de forma alguma a adesão às “grandes narrativas”. Embora “conduzido pelo horror às ideologias de quaisquer naipes, em prol da reflexão efetivamente libertária, Flusser era taxativo. [...], ele afirmava “sou inter-nacional (*sic*) por ser inter em todos os sentidos [...]” (SANTAELLA, 2013, p. 3).

### **3.5 O desafio dos escritores refugiados: a língua portuguesa**

Durante os primeiros meses no Brasil, os Flusser, assim como quaisquer estrangeiros, tiveram dificuldade com o aprendizado da língua portuguesa. Ernst Feder, por exemplo, que aqui chegou em julho de 1941, embora tivesse rapidamente começado a aprender o idioma, levou praticamente um ano até que “tivesse coragem de redigir seus artigos na nova língua” (ECKL, 2012, p. 61).

Alguns refugiados, entretanto, com a possibilidade de saber previamente que teriam o Brasil como destino para suas novas vidas, buscavam ter uma introdução ao idioma ainda em sua terra natal.

Conforme Carneiro (2018), este foi o caso do filósofo e rabino alemão Fritz Pinkuss, que, ao chegar ao momento de decisão entre a emigração para o Brasil ou Palestina, optou pelo primeiro tendo em vista, entre outros motivos, condições facilitadas de adaptação, porque seu irmão já havia vindo para cá.

Nessa época não havia, ainda, dificuldades de entrada de judeus nos países latino-americanos. Ao contrário, os governos até ajudavam nesta emigração. Seu irmão Kurt insistiu para que eles viessem para São Paulo, alertando-os sobre a postura antissemita do governo Vargas: ‘Venham logo, porque estão ameaçando o fechamento dos portos brasileiros aos judeus. Não sabemos até quando isto aqui ficará aberto’ (CARNEIRO, 2018, p.180).

Feita a escolha pelo Brasil e algumas semanas antes do embarque no vapor *Augustus*, Pinkuss decidiu que deveria ter algumas aulas de português, o que “[...] o ajudou muito, pois assim que chegou a São Paulo tinha aqui condição de conversar alguma coisa [...]” (CARNEIRO, 2018, p. 181). A chegada do rabino, sua esposa Lotte Selma, sua mãe Frida Pinkuss e seu filho Michael Ludwig, de dois meses, ocorreu em setembro de 1936.

Adicionalmente, muitos refugiados puderam contar com instituições que foram fundadas à época da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de auxílio. Como exemplo, citamos a Congregação Israelita Paulista (CIP), inaugurada em 1º de julho de 1937. Aulas de língua portuguesa e história, entre outros temas e cursos eram oferecidos aos estrangeiros que buscavam São Paulo como sua nova terra (CARNEIRO, 2018, p. 73).

**Figura 12** – Senhoras atendendo uma família de refugiados, década de 1940



Fonte: Reprodução *Olhares de Liberdade* (CARNEIRO, 2018, p. 74) – Arqshoah/LEER-USP

Também as crianças, filhos dessas famílias que aqui chegavam, tinham onde aprender o idioma para elas ainda tão estranho. Fugitivas do mal escancarado pelo totalitarismo na Europa, os pequenos podiam contar com o *Lar das Crianças*, também criado pela CIP em 1937. A autora Carneiro (2018, p.77) nos conta que “[...] crianças – judias e não judias que

conseguiram sobreviver ao nazismo e encontrar um refúgio no Brasil [...] – receberam toda atenção e cuidados por parte da comunidade judaica brasileira”.

Esse local, onde também funcionava uma creche para atender mães que trabalhavam, possibilitava que as crianças aprendessem português e religião, e tivessem assistência médica, além de alimentação.

O pesquisador Roney Cytrynowicz, em artigo dedicado às instituições de assistência social e sua importância para os refugiados, descreve o início da história desse tipo de iniciativa:

A primeira instituição assistencial fundada na capital paulista foi a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, em 1915, que auxiliava mulheres grávidas e providenciava cuidados ao recém-nascido. A Sociedade Beneficente Auxílio aos Pobres Ezra, criada em 1916, providenciava cartas de chamada, recebia os imigrantes no porto de Santos, mantinha pensões, ministrava aulas de português e ensino profissionalizante e encaminhava os imigrantes ao mercado de trabalho [...] (CYTRYNOWICS, 2005, p. 171).

O *Lar das Crianças* existe até hoje e, segundo Carneiro (2018), “mantém sua missão de acolher, estimular e aprimorar o processo sócio-educativo de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade” (CARNEIRO, 2018, p. 77-78).

O que ensinar para essas crianças? Quais os valores a serem transmitidos para o início de uma nova vida em uma segunda pátria? Como ajudá-las a deixar para trás a imagem da morte e do perigo vivenciados em tempos de liberdade perdida? Como transformar seus sobressaltos em fantasias maravilhosas? (CARNEIRO, 2018, p. 248).

**Figura 13** – Anúncio de Campanha do JOINT (auxílio a refugiados), 1946



Fonte: Reprodução *Instituições de assistência social e imigração judaica*. (CYTRYNOWICS, 2005, p. 178)

Esta reflexão preocupada de Carneiro (2018) demonstra que, à época da estruturação do *Lar das Crianças* e das outras instituições, já se tinha em mente que muito deveria ser feito para que a dor e os traumas vividos pudessem se transformar em distantes traços de memórias tristes.

Torna-se imprescindível, desta forma, mencionar a existência das instituições e como elas foram importantes para as tentativas de eliminação (ou ao menos diminuição) de barreiras a serem transpostas pelos refugiados, fossem eles judeus ou não.

Apesar da complexidade em aprender o idioma português, alguns, como Vilém Flusser, estabeleceram uma relação apaixonada com o idioma, como se pode verificar em trechos de suas muitas obras. Como exemplo, citamos artigo redigido para a Revista Brasileira de Filosofia (1960), intitulado *Da Língua Portuguesa*. De forma poética e utilizando-se de discurso metafórico, Flusser reflete encantamento com muitas características do português, muitas vezes comparando-o com o tcheco e o alemão, que conhecia bem (FLUSSER, 1960, p. 560).

Embora inicie o texto mencionando a “descoberta” de um idioma que não seja o materno e siga referindo-se à “nova língua”, sua intenção real desvela-se no final do terceiro parágrafo do mencionado artigo:

E em auxílio (*sic*) de língua materna vêm tôdas as línguas que já possuímos, um côro de amantes enganadas a quebrar a harmonia do nosso ‘duetto’ com o amor novo. É nesse estagio (*sic*) que me encontro no ‘affaire’ com a língua portuguêsã (FLUSSER, 1960, p. 561).

Flusser (1960) descreve ainda os elementos que o fizeram apaixonar-se pelo português, como por exemplo a existência e o uso do que ele chama por “trindade” dos verbos *estar*, *ser* e *ficar*, comparando-os com determinados verbos alemães usados nos pensamentos filosóficos e denominados por ele de “dragões”. Esses “monstros germânicos” somente desapareceram “[...] quando me senti suavemente tocado pela mão gentil e meiga da língua portuguesa. ‘Deixa como está’, ela sussurrava, ‘para ver como é que fica’ [...]” (FLUSSER, 1960, p. 563).

Cita ainda Flusser (1960), como uma crescente de seu amor pela língua portuguesa, a paixão pelas palavras *deixar*, “[...] ‘deixar’ é um ato da vontade de suspender-se a si mesma, é o supremo esforço da vontade para superar-se, aniquilando-se nesse esforço[...]”, e *graça*, cujas variadas definições são utilizadas no texto para, principalmente, descrever o paradoxo entre os conceitos em português, que de certa forma remetem ao positivo - dádiva, comicidade, leveza - comparados a outros idiomas, que sugerem seriedade ou pompa: “A

graça, em português, não inspira medo, como no inglês ou no alemão ‘*His Grace*<sup>44</sup>, *Euer Gnade*<sup>45</sup>’[...]” (FLUSSER, 1960, p. 564-565).

O texto de Flusser termina com a reiteração de que seu “romance com a língua portuguesa”

[...] consiste em uma infinidade de idílios amorosos [...]. Diariamente descobro novos encantos [...]. Quem sabe, um dia, alguém mais autorizado do que eu pintará um retrato ontológico da minha amada [...]. Na falta desse alguém, [...] eu mesmo com minhas modestas tintas, tentarei esse retrato. Isto quando conhecê-la um pouco melhor, e se ela deixar que eu dela me aproxime mais intimamente. Até lá, ‘paciência’, aliás uma outra palavra que ilustra bem a sua beleza (FLUSSER, 1960, p. 566).

Após conhecermos as três histórias - de Ernst Feder, Otto-Maria Carpeaux e Vilém Flusser - é possível compreendermos que estão conectadas. A forma como exerceram seus papéis de intelectuais nas escritas, nas aulas, nas discussões de ideias da filosofia e da língua, na literatura foi de fundamental importância para que as trajetórias ocupassem seus espaços na memória social.

O presente estudo, ao retomar a participação dos refugiados na comunicação escrita, suas palestras e outras produções, reconhece os legados e sua importância na história e tem a responsabilidade agora, de tornar tais legados públicos.

---

<sup>44</sup>“Graça de Deus”, em tradução do inglês. Disponível em: <https://www.linguee.com/portugues-ingles/search?source=ingles&query=His+grace>. Acesso em: 06 Maio 2020.

<sup>45</sup>“Vossa Graça” (como algo sagrado), em tradução do alemão. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/german-english/gnade>. Acesso em: 06 Maio 2020.

#### 4 FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS DO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO

Nesta etapa da atual apresentação, trazemos os produtos de comunicação, que possibilitam a divulgação das trajetórias dos intelectuais refugiados. Atingido o objetivo dessa pesquisa, de reconstruir as trajetórias de vida dos intelectuais refugiados do nazismo a partir de suas biografias e seus escritos, as histórias de vida desses intelectuais foram reestruturadas a partir de pesquisa bibliográfica e documental, retirando-os do silêncio e do esquecimento social em que foram submetidas ao longo do século XX. Desse modo, foi possível criar produtos de comunicação de interesse público, voltados a receptores diversos, como estudantes, acadêmicos e público editorial.

Os produtos comunicacionais gerados pela pesquisa científica devem utilizar formas e suportes de comunicação, que podem ser os tradicionais (impressos ou audiovisuais) ou as novas mídias digitais. Segundo Rossetti (2019 p.15), o novo conhecimento ou a sua nova apropriação que modifiquem sujeitos e transformem pontos de vista e ações no mundo podem indicar uma “inovação parcial”, ou seja, aquela que ocorre em parte, por “renovação, incremento, modificação, aperfeiçoamento, em que apenas um detalhe é novo” (ROSSETTI, 2013, p.65). Adicionalmente, entendemos que a inovação está presente no sentido de trazer outros personagens, os refugiados, como protagonistas, sobretudo em tempos de recrudescimento do autoritarismo e totalitarismo.

**Figura 14** - Proposta de Aplicação – Plano de Ações de Comunicação

<b>Ações de Comunicação com Impacto Cultural</b>			
<b>Tipo</b>	<b>Mídia</b>	<b>Ação</b>	<b>Público</b>
<b>Editorial</b>	<b>Áudio/ Web</b>	<b>Audiolivro</b>	<b>Geral</b>
<b>Educacional</b>	-----	<b>Oficinas sobre podcasts</b>	<b>Estudantes</b>
<b>Enciclopédico</b>	<b>Publicação Impressa</b>	<b>Dicionário LEER</b>	<b>Academia</b>
<b>Enciclopédico</b>	<b>Web</b>	<b>Wikipedia</b>	<b>Geral</b>

Fonte: Autoria própria

Queremos destacar ainda que este estudo pode ser complementado com outras biografias e outros olhares sobre os biografados.

#### **4.1 Ação editorial de impacto cultural: Audiolivro**

É sabido que o mercado editorial “interessa-se em trazer ao público a história em forma de literatura, a biografia em forma de memória” (HELLER e PERAZZO, 2016, p.110).

Para se tornar atraente para o mercado editorial, memórias, biografias, diários ou testemunhos sofrem intervenções no processo de edição para publicação. Há que se organizar, traduzir, adaptar o formato e a linguagem e, muitas vezes, a própria cronologia dos acontecimentos. O que pode se retirar dos manuscritos desses textos de memórias são dados que foram legitimamente registrados, muitas vezes em momentos emocionalmente carregados, algumas de forma absolutamente descritiva do momento, inclusive alterando características de fatos.

Jerome Bruner, em seu *Fabricando Histórias: Direito, Literatura, Vida* (2014), argumenta que o ser humano começa a contar histórias desde cedo e passa sua vida as contando. Ele estabelece uma relação entre a realidade vivida (ou factual) e a ficção ou fantasia. Estas relações podem auxiliar no entendimento de como os indivíduos conseguem recordar tempos vividos e expressá-los por meio das narrativas. Segundo o autor, a ficção não se refere a nada e serve apenas para fornecer sentido para as coisas; mas esse sentido é que torna possível a referência à vida real, além de ser um meio de dar forma experimental, até mesmo para encontrar aquilo que está sendo referido (BRUNER, 2014, p. 14-20).

Desse modo, o produto editorial aqui apresentado possibilita esse processo de comunicação de interesse público nas trajetórias de vida dos refugiados europeus do nazifascismo. Tem-se como mídia (suporte narrativo) o audiolivro como produto editorial. Buscando a linguagem do Jornalismo Literário, tal produto pode amplificar o legado, a memória e as histórias de refugiados do nazifascismo no Brasil, no século XX, e promover impacto social e cultural, ao “investigar ou construir espaços de discussão e deliberação de temas políticos e sociais” que viabilizem projetos comunicacionais aplicados para atender “demandas sociais reais e sua consequente repercussão no governo, na sociedade e na mídia”.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Página oficial de informações sobre o Mestrado Profissional de Inovação em Comunicação de Interesse Público da USCS. Disponível em: <https://uscs.edu.br/pos-stricto-sensu/ppgcom/mestrado-profissional-em-comunicacao>. Acesso em: diversas datas.

Jerome Bruner (2014) relata uma situação que tem conexão com o tema deste estudo. Ele conta que voltava a Nova Iorque após uma viagem à Europa em outubro de 1939 (cerca de um mês após o início da Segunda Guerra Mundial), no mesmo navio em que viajavam “[...] famílias separando-se por segurança, mercadores deixando seus negócios para trás, refugiados fugindo dos nazistas [...]” (BRUNER, 2014, p.17). Vendo e vivenciando essa experiência no navio, ele a compara com o que chamou de “mais uma encenação” da passagem bíblica do “Livro do Êxodo”, quando os israelitas saíram do Egito, onde eram escravos. Bruner (2014, p. 17) menciona que naquele momento compreendeu como as histórias têm o poder de fazer-nos encontrar sentido no mundo. Assim, o processo de construção da realidade muito se aproxima com “[...] a narrativa, incluindo a ficcional, [que] dá forma para as coisas no mundo real e, muitas vezes, oferece credenciais de acesso à realidade [...]”.

O cunho social fica favorecido, pela quantidade de detalhes relacionados ao cotidiano, ao modo de viver, à natureza e a eventuais características que não poderiam ser discriminadas com a riqueza e a subjetividade, aspectos muitas vezes necessários para o atingimento do objetivo com a divulgação da notícia (WEISE, 2013). Muitos jornalistas têm a vontade de “ir além da objetividade” dos tradicionais *leads*<sup>47</sup>, fornecendo informação mais ampla, um cenário mais completo. Muitas vezes, o jornalista deve conhecer mais profundamente o tema abordado, de forma a redigir o texto de forma mais abrangente.

O jornalismo literário, além de trazer as informações completas, somadas a uma boa narrativa escrita, proporciona ao leitor uma visão mais ampla do acontecimento. Nesse contexto, o jornalismo literário vai além da abrangência dos fatos e, sim, ultrapassa os limites das informações (WEISE, 2013).

É nosso entendimento que a prática de recorrer às narrativas utilizadas pelo jornalismo literário, buscando, como no jornalismo cultural, o alcance do cidadão comum, e, no caso do presente estudo, para atrair sua atenção para a retomada das biografias de intelectuais refugiados do nazifascismo e a importância de seus legados, também torna-se questão de interesse público. A narrativa base para a redação dos conteúdos para o audiolivro, produto resultante deste trabalho, utiliza-se da técnica de perfis jornalísticos, um gênero que não compactua com o jornalismo convencional, mas sim com o literário, pela possibilidade da publicação de histórias de pessoas com a subjetividade que se faz necessária para essas demandas.

---

<sup>47</sup> *Lead* ou *lide*: abertura de texto jornalístico que apresenta sucintamente o assunto ou destaca o fato essencial da matéria; cabeça, abertura. Disponível em: <https://www.houaiss.uol.com.br>. Acesso em: diversas datas.

Desse modo, a partir da linguagem do jornalismo literário, entendemos que a técnica de escrita denominada perfil, é a que melhor se apropria dessas histórias para o audiolivro.

O autor Edvaldo Pereira Lima (2018) traz um glossário, que chama de “verbetes” elaborados por ele para definição de termos utilizados no jornalismo. Sobre a técnica de perfis, afirma buscar “traçar um retrato detalhado de personagens”, com olhares diferentes dos quais o leitor é familiar. Para ele, é importante que o perfil traga a complexidade natural do ser humano, “rompendo os estereótipos limitantes que normalmente camuflam as pessoas nos veículos de comunicação de massa” (LIMA, 2018)<sup>48</sup>.

Já Sergio Vilas Boas (2003) detalha uma série de características do gênero, que ele chama de “feições de um perfil jornalístico”. Para o autor, os perfis não são biografias completas; são textos curtos tanto no tamanho quanto na duração em tempo da validade das informações colhidas. “Os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa” (VILAS BOAS, 2003, p. 13). O autor afirma ainda, que o posicionamento pessoal do repórter interfere no resultado dos perfis que escreve. São trabalhos de natureza autoral, por isso há uma subjetividade envolvida.

Os processos de criação de perfis são multidimensionais. Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. A narrativa de um perfil não pode prescindir de conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de lançar mão de recursos literários. Mas a construção dessa estrutura também está atada ao sentimento daqueles que participam dessa construção. Desse modo frieza, objetividade exagerada e o distanciamento do objeto da narrativa podem ser altamente danosos para o resultado (VILAS BOAS, 2003, p.13-14).

O ponto de partida para o perfil é o personagem real, e ele deve ser o centro da estratégia do jornalista. Assim, o resultado dos perfis deve trazer à reflexão sobre a complexidade da vida humana, dos relacionamentos, como explica Vilas Boas: “A meu ver, é o que se pode realmente conservar na memória. O restante empalidece com o tempo, ou adquire aquele tom desbotado típico das fotografias muito antigas” (VILAS BOAS, 2003, p. 18-20).

Nossa escolha pela utilização dos recursos de jornalismo literário, neste caso o perfil, para a reescrita das biografias de intelectuais aqui refugiados, sujeitos de nossa pesquisa, tem sentido ao pensarmos na busca do atendimento de um de nossos objetivos com esta pesquisa,

---

<sup>48</sup> LIMA, Edvaldo Pereira. **Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima**. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/37dqQqM>. Acesso em: 08 Jan. 2020.

que é o de trazer de volta as respectivas histórias, muitas vezes esquecidas no campo da Comunicação.

A partir de reescritos sob a forma de perfis, apresentamos um protótipo de audiolivro, a ser narrado com os conteúdos gerados pelos estudos das biografias.

A utilização do audiolivro tem crescido substancialmente e sua aplicação tem ultrapassado a fronteira de narração de romances e ficção. Sobretudo nos grandes centros urbanos, nota-se o aumento de usuários que se utilizam dos audiolivros, não somente para “leitura” dos mais variados estilos, como também para estudo e atualização de notícias. Expor leitores às histórias contadas pelos narradores pode gerar diferentes emoções e experiências.

Um círculo virtuoso se formou em torno das possibilidades para o audiolivro como um produto [...]. As tecnologias de gravação e reprodução amplificaram exponencialmente a qualidade do áudio gravado[...] com o leitor envolvido no texto no mesmo tempo que desempenha as mais variadas atividades. Essas questões, [...] fazem do audiolivro uma das melhores e mais eficazes formas de divulgar o prazer de ler, tanto por deficientes visuais como por aqueles que enxergam normalmente (DALMOLIN; MARONEZ, 2015).

Além da redação do texto em formato de jornalismo literário, nossos planos incluíram a gravação em formato de audiolivro da biografia de Vilém Flusser, um de nossos intelectuais refugiados, como também o mapeamento do processo para a geração dos áudios. Entendemos que a divulgação das biografias amplia as condições de acesso ao público leitor, trazendo também o público ouvinte, por meio de audiolivros.

Livros em forma de áudio não são novidades. Desde histórias infantis gravadas em formato de minidiscos coloridos, passando pela Bíblia, narrada pelo jornalista e apresentador Cid Moreira, até fitas cassete contendo aulas de idiomas, entre outros.

Com relação à origem do audiolivro, Gonçalves e Barbosa (2014) citam Matthew Rubery em seu artigo *Canned Literature: The Book after Edison*. Segundo ele, Thomas Edison, inventor da fonografia no final do século XIX, já discutia junto aos seus contemporâneos se “a literatura em áudio levaria a uma nova noção de livro, ainda que à época obras sonoras não pudessem ser produzidas por limitações técnicas”. Eles ainda mencionam que “até mesmo jornais, revistas e contos realizavam previsões acerca do fim do livro impresso e imaginavam uma sociedade em que a literatura sonora seria predominante. Como se sabe, nada se confirmou” (RUBERY, 2011 *apud* GONÇALVES e BARBOSA, 2014, p. 6).

Escutar audiolivros ainda não é um hábito observado com frequência nos brasileiros. A mídia, que aqui chamaremos de não convencional, é ferramenta eficaz no acesso aos

audiroleitores, pela sua portabilidade e facilidade de “leitura”, mesmo quando o ouvinte não tem condições de manejo. O mundo das “multitarefas” favorece a utilização desta mídia.

Há um entendimento de que “quem tem que construir o significado do conteúdo lido é o leitor e não o ledor” (JESUS, s/d, p.4 *apud* RODRIGUES, 2015, p.192). Trata-se de uma visão interessante, mas diferente da versão “comercial” do audiolivro, que inclui muitas vezes narrações com interpretação dramática, trilha, sonoplastia, tendo como objetivo trazer uma experiência mais prazerosa ao ouvinte.

Se uma corrente de pensamento acredita que para os ouvintes as obras literárias bem interpretadas podem ser enriquecidas pela interpretação dos narradores e pelos efeitos sonoros e as músicas, tornando a atividade de escutar histórias e aprender mais prazerosas, já para outra perspectiva acredita que dar liberdade ao leitor na entonação, colocação de pausas no texto, modulação da voz e dramatização, significa também guiar o espectador/ouvinte a uma determinada significação, não o deixando livre para sua própria interpretação[...] (RODRIGUES, 2015, p.180-181).

A disponibilidade das diversas obras no mundo do audiolivro traz ao hábito da leitura uma nova possibilidade. Em meio às informações de que o mercado editorial nunca esteve tão deficitário, o audiolivro pode ser uma alternativa. Conforme o jornalista André Cáceres, que cita uma pesquisa da Fipe em reportagem para o jornal *O Estado de S. Paulo*, houve um encolhimento de 21% no setor editorial e os audiolivros “prometem revitalizar esse ecossistema”. Segundo a mesma matéria, o consumo de audiolivros na Inglaterra mais que dobrou nos últimos cinco anos (CÁCERES, 2018).

Os audiolivros podem ser acessados por meio de mídias como *pendrives* ou discos compactos (CDs), plataformas de transmissão rápida (*streamings*) dedicadas ou múltiplas (para audiolivros, músicas, arquivos *podcast*, entre outros). Há algumas páginas na Rede Mundial de Computadores que oferecem opções gratuitas e pagas.

Embora não seja tema deste estudo, entendemos ser importante citar que o audiolivro também é celebrado pela acessibilidade. Há muitos anos, fundações de ajuda a pessoas com deficiência visual utilizam os serviços do que eles identificam como “letores”.

A Fundação Dorina Nowill, com mais de setenta anos dedicados à causa dos deficientes visuais, produz internamente seus “livros falados”. Em artigo publicado na página virtual da Fundação por Fernando Freitas (2019), a importância do audiolivro é enfatizada:

Só pelo fato de ser um meio de acessibilidade à leitura, o livro falado já se mostra importante. Além disso, nem todo mundo domina a leitura em *braille* ou tem acesso à tecnologia do livro digital acessível, mas a maioria tem acesso a um leitor de CD ou MP3 (FREITAS, 2019, *online*).

A opção do audiolivro como forma de expor nossos sujeitos investigados e obter os resultados esperados, por entender que a mídia é não convencional e inovadora *per se*. Pelos motivos expostos anteriormente, e pelo caráter inovador, que configura portabilidade e fácil acesso, entendemos que divulgar as biografias resultantes deste trabalho através de um audiolivro gerará interesse e curiosidade.

### **Etapas para a produção de um audiolivro**

Como parte dos resultados de nosso estudo, reescrevemos a biografia do filósofo, escritor, professor e conferencista Vilém Flusser, para posteriormente transformá-lo em audiolivro, até o momento em que ele aporta no Brasil. O texto seguirá ao final da exposição sobre a produção técnica do audiolivro, desde a concepção até a entrega ao cliente. O processo é descrito sob a perspectiva do narrador / fornecedor do audiolivro.

O quadro 4 demonstra gráfica e resumidamente as etapas a partir da “pré-gravação”.

**Quadro 4** – Resumo Etapas Produção Audiolivro



Fonte: elaborado pela autora

### **Texto**

Usualmente, após acertados todos os detalhes relacionados à entrega, como cronograma e prazos, o cliente (muitas vezes uma produtora de áudio) envia o texto para o

narrador profissional, para uma primeira leitura. Devem ser alinhadas também questões relacionadas ao tom, timbre, velocidade e intenção da interpretação do texto. Algumas produtoras incluem o papel do diretor de narração.

Em caso de ficção, ao locutor pode ser atribuída a tarefa de gravar a voz de um ou mais personagens, assim como pode ser responsável pelo papel de narrador “onisciente” ou “onipresente” - aquele intérprete que, apesar de ser apenas o que conta a história, traz à leitura o tom de quem sabe todos os detalhes sobre os personagens e a trama.

Entre os locutores, há muita discussão sobre a questão da interpretação. Esse aspecto está relacionado intimamente com a questão da escuta da obra, ou seja, como ela será recebida por quem está ouvindo o audiolivro e, naturalmente, com o estilo do texto.

Os audiolivros de obras ficcionais com diversos personagens, devem considerar timbres de voz diferentes para cada um. É um trabalho complexo para o narrador que interpreta um ou mais papéis, mas a diversidade de timbres ou de tons é importante para que o “leitor” identifique cada um dos personagens.

Há também outros estilos de livros, para os quais deve-se ajustar igualmente a entonação. Livros didáticos, com a leitura mais “reta”, sem interpretação, ou obras religiosas, quando o tom deve ser suave, mas não muito baixo para não causar dispersão do ouvinte, são alguns exemplos.

## Recursos

De forma que as gravações sejam feitas com a qualidade que se espera de um trabalho como este, é necessário o atendimento de requisitos de equipamentos básicos, como ambiente acusticamente protegido, microfone conectado a uma placa de áudio (resumidamente: equipamento que fará a conversão da voz para um arquivo em formato de áudio), fones de ouvido, computador com *software* (aplicativo) para gravações instalado, texto em papel, *tablet* ou celular.

É de fundamental importância para a qualidade do conteúdo gravado que os requisitos mínimos acima sejam atendidos. As características de um ambiente para este trabalho podem incluir ruídos vindo da parte externa ao estúdio (mesmo com a proteção acústica, timbres muito graves ou o latido de cães podem ultrapassar a barreira desta proteção), ou mesmo do narrador, como brincos em contato com o fone, botões, roupas sintéticas, ou sons como tosse ou de uma respiração mais obstruída.

Há também produtoras que oferecem o estúdio próprio para gravação de suas obras.

Destacamos também a importância da formação do narrador. Os profissionais que passaram por capacitação nas escolas especializadas estão mais preparados para atender todos os requisitos técnicos e de compreensão do texto a ser narrado, de forma a atribuir a correta interpretação a ele e, em consequência, fornecer um trabalho de qualidade superior.

### Preparação para gravação

No início das gravações, com os equipamentos em ordem e no lugar, o narrador deve primeiramente fazer um aquecimento corporal e vocal. Tal prática é importante não somente para a qualidade da voz a ser gravada, mas também para a saúde e perenidade do timbre. O aquecimento faz melhorar a circulação, relaxar as pregas vocais e auxilia na concentração necessária para o início dos trabalhos. Ao final deste trabalho, na Seção Apêndice, está uma tabela com exemplos de exercícios para aquecimento vocal e corporal.

Adicionalmente, é mandatório manter-se hidratado não somente durante o trabalho de gravação, mas durante o dia todo. A movimentação do aparelho fonoarticulatório, que é composto pelos lábios, língua, palatos mole e duro e dentes, também pode gerar ruídos nos áudios, o que pode ser minimizado pela hidratação constante.

A preparação inclui a leitura prévia do texto e sua marcação com as pausas, aumento de tom, figuras de linguagem indicando ênfases na locução, entre outros. O narrador deve ter essa marcação pronta para evitar interrupções ou retrabalhos no momento das gravações, causadas por “surpresas” na narrativa ou outros problemas.

É muito importante também, que se crie uma planilha de controle das gravações, com campos para data, horários de início e fim de trabalho estimados e reais, vinculados aos capítulos e respectivos cronogramas solicitados pela produtora/cliente.

O aplicativo escolhido para fazer o registro das narrações deve estar instalado no dispositivo e inicializado. Recomenda-se a criação de atalhos no programa, para facilitar o manuseio entre computador, fones de ouvido, texto e, naturalmente, microfone. Reveses tecnológicos são grandes causadores de interrupção também nas gravações de audiolivros.

### Gravação do audiolivro

Para iniciar o trabalho, deve-se acionar o aplicativo escolhido<sup>49</sup>. Se todas as etapas prévias estiverem concluídas, é tempo de exercer o trabalho de locutor / narrador.

---

<sup>49</sup> Alguns exemplos de programas: *Reaper*, *Audacity*, *Soundforge*.

Destacamos a necessidade da audição de cada parágrafo gravado para a detecção e correção de eventuais erros e ruídos. Os arquivos devem ser enviados “limpos” o máximo possível. Enfatizamos que o texto deve ser gravado *ipsis litteris*, ou seja, exatamente como foi redigido. Alterações no conteúdo original terão que ser refeitas.

É recomendado que o narrador grave por um período máximo de seis horas ao dia. Mais do que isso, há um risco para a saúde vocal; além disso o cansaço se faz perceber claramente nos arquivos gravados.

Ao término de cada período de gravação, o locutor deve fazer exercícios de desaquecimento, tão importantes para sua saúde quanto os de aquecimento.

Quando os arquivos prontos estão no formato solicitado pela produtora/cliente, providenciar o envio e atualizar os controles e cronograma.

### Refações

Assim que os capítulos de audiolivros gravados chegam à produtora, o revisor entra em cena. Este profissional faz uma audição criteriosa dos arquivos enviados, munido de equipamentos de som potencialmente mais apurados do que os comuns, e detecta todo e qualquer ruído ou leitura não condizente com o texto original.

Essas falhas são consolidadas em um arquivo que retorna para o narrador, separadas por *tracks*, ou trilhas que devem ser regravadas. O narrador deve gravar apenas as frases ou parágrafos com problemas e enviar para a produtora. No cronograma também estão contemplados prazos para devolução desses arquivos.

De posse de todos os arquivos gravados (inclusive de refações) e revisados, a produtora providencia a edição final na ordem dos capítulos, aplica filtros para uma última “limpeza” dos áudios, inclui eventuais vinhetas de início e final e o audiolivro está pronto para ser publicado.

Trecho do texto a ser gravado (capítulos 1 a 5)

## **O professor de Praga**

por *Rosana Faber*

### **Capítulo 1 - Flussers**

Manhã fria em Praga daquele dezembro de 1938, prenúncio de inverno aparentemente arrasador que começaria em breve. Árvores nuas de folhas, galhos trêmulos pelo vento congelante.

Mas o clima do local não era motivo de aborrecimento para Vilém. Conseguira ingressar no início daquele mesmo ano na Universidade Carolina de Praga, também chamada de “Charles University”, no curso que era seu objeto de desejo desde que se entendera por gente: Filosofia.

Quando adolescente, já tendo como duas línguas maternas o tcheco e o alemão, e influenciado pelo latim, grego e um pouco de hebraico que conhecera em seus estudos fundamentais junto à irmã, Ludvika, Vilém fez algumas tentativas como escritor e chegou a produzir um roteiro para uma peça de teatro. Mas a Filosofia sempre lhe parecera um universo muito mais amplo do que todos que já conhecera ou ouvira falar.

Mesmo tendo crescido em um ambiente culturalmente favorável, com total apoio de seus pais e amigos, tendo lido vorazmente sobre história cultural e política, a universidade era extremamente exigente na seleção de seus alunos, e ele temera muito não conseguir ser escolhido para sentar-se nas almeçadas carteiras da instituição.

Outros poucos corajosos iam pelas ruas da cidade, caminhando com pressa por conta do frio congelante. A paisagem era já natalina, com algumas luzes coloridas nas lojas e restaurantes. Apesar de ser um centro cosmopolita, como o jovem havia crescido ali, em meio às ruas de pedras, sinagogas com vitrais e obras de arte, mercados de rua, passeios de bicicleta e de carroça, Praga significava para Vilém, seu lar. Havia um tanto de modernidade ali, mas aqui e acolá, outro tanto de família e “caseirice”.

Esses eram os pensamentos enquanto o rapaz andava pela “sua” Praga. Muitos não queriam judeus por ali, no entanto o preconceito muitas vezes sofrido por Vilém, sua irmã e todos de sua família já não o incomodava tanto.

Seu pai, Gustav, professor respeitado e catedrático das disciplinas de Matemática e Física na mesma universidade, era também membro do Partido Social-Democrata, além de

tradutor e escritor. Era um otimista nato e não entendia o preconceito, assim como não acreditava que a indiferença de seus conterrâneos e não-judeus fosse um dia se transformar em ódio e encaminhar-se à violência causada pelo nazifascismo.

Há muitos anos ouvia-se falar nas disputas de rua em Praga – em verdade, desde o início da década de 1930 – mas Gustav pessoalmente nunca tivera que enfrentar eventos deste tipo. Talvez contaminado pelo otimismo paterno, sua precaução até então havia se limitado a sempre observar em que ambiente se encontrava para escolher o idioma a utilizar: o tcheco ou o alemão.

A respeito da escolha acadêmica do filho, Gustav a princípio desdenhou-a um pouco, atribuído de pensamento quase que totalmente pragmático. Mas sempre se lembrava e achava engraçados os momentos de um Vilém muito criança, que se fantasiava de Platão, amarrando à cintura um lençol usado de sua cama, com uma corda. Chegava a roubar pedaços de carvão na cozinha para desenhar em si uma barba, sempre decepcionado por não saber como fazê-la branca, como supõem as imagens atribuídas ao pensador discípulo de Sócrates.

Num repente, surgia na sala de visitas encarnado de filósofo e bradava: “Vencer a si próprio é a maior das vitórias!”, surpreendendo os presentes com uma sabedoria precoce que incluía algumas poucas frases de Platão.

Enquanto Gustav seguia interpretando as estrepolias de Vilém como meras brincadeiras infantis, a mãe Melitta, com um misto de orgulho e preocupação, previa nas escolhas do filho um futuro difícil. Musicista e cantora, ela sentia na pele a falta de possibilidades profissionais e concluía, seguidamente: “imagine para um filósofo!”.

Sua preocupação se apoiava também no pequeno – ou ainda pequeno – problema que Vilém tinha em seu olho esquerdo. O menino reclamava de embaçamentos e escuridão, mas médico algum até então conseguira encontrar a causa e o consequente tratamento. Tinha bastado a ele, então, adaptar-se à essa condição.

A monovisão do agora adulto Vilém, entretanto, era imperceptível. Ele apropriara-se daquele olho de vidro, que brilhava como se fosse o fluido natural do olhar de um jovem que, até então com saúde frágil, desabrochava, intensamente feliz com as possibilidades que seu cotidiano apresentava naquele dezembro. Findava-se 1938!

1938... o ano em que o ódio contido e escondido por trás de ideais nacionalistas na Alemanha também avançava seu amado país adentro... A cada notícia recebida por meio do grande rádio da sala de sua casa, uma nuvem de medo ofuscava então seu olhar sempre brilhante. Medo e dúvida. Como seria o futuro de sua Praga? Teriam eles que sair dali, como estava acontecendo com muitos dos judeus europeus?

O jovem nunca se esqueceria daquele dia no início de outubro, em que ao chegar em casa escutou de um Gustav cabisbaixo a notícia que a Alemanha tinha com sucesso ocupado a região dos sudetos. Foram cerca de trinta mil quilômetros de território tchecoslovaco subtraído de forma violenta do seu amado país.

Fora outra decepção! Embora a natureza e o amor pela Alemanha dos habitantes daquela região fossem conhecidos, jamais se imaginava uma aliança com o partido nazista. Como podiam?

Muitas vezes, em suas divagações e questionamentos típicos da filosofia, Vilém Flusser concluía que não vivia no local certo, nem no momento certo. Tinha um sentimento estranho todas as vezes em que pensava no seu futuro. Sua identidade como jovem pensador, culto e invicto de seus princípios parecia de certa forma manchada, esmaecida e fosca quando pensava na atmosfera de ódio que pairava na Europa. Mas de uma coisa ele tinha certeza: ele preferia morrer a ter seus ideais de liberdade de pensamento tolhidos.

## Capítulo 2 - Edith

Não se viam apenas tempestades no mar turbulento de pensamentos que assolava sua alma, entretanto. Vilém não podia negar que havia momentos em que os ventos que vinham do oeste ficavam mais mornos e brandos. E não era por conta da chegada do verão. Ou aqueles tempos em que a cidade ficava iluminada, mas não somente por causa das luzes de Natal.

Editha Bartová. Melhor dizendo, Edith Barth. Era esse o nome das brisas de verão e da luz ofuscante em Praga. E rapidamente seu olhar cor de mel, sua destreza contida no corpo mínimo acostumado a cavalgar, a beleza *mignon* enfatizada pela simpatia e educação conquistaram Vilém.

Edith já conhecia Vilém da vizinhança. Moravam no mesmo bairro e tinham que descer a colina em que moravam para chegar à cidade. Ela o viu a primeira vez quando ambos tinham apenas dezessete anos. Faziam esse mesmo caminho, mas Edith ia discretamente andando mais para trás dele, do pai e da irmã Ludovika, que era dez anos mais nova que ele. Achava curioso e engraçado o modo como o rapaz caminhava, gingando, como se fosse a qualquer momento começar a dançar.

Chegou a pensar que talvez fosse um dos talentos dele, dançar. Um dia, surpresa, o viu de longe na escola de dança que frequentava. Mas logo percebeu o porquê de ele estar ali: sanduíches à disposição! Ele nunca dançava, só ia para comer!

De repente, a família Flusser sumiu. Edith logo imaginou que o rapaz possivelmente tivesse entrado na universidade, e assim seus horários de descida da colina já não combinavam mais. Desapontada com o desencontro que o destino lhe reservara, achou que nunca mais o veria.

As nuvens negras do autoritarismo também pairavam sobre a cabeça e sobre a família da jovem. Seu pai, Gustav Barth, um bem sucedido comerciante que, entre outras coisas, já havia servido como soldado na guerra, já havia sido avisado que, caso as tropas alemãs entrassem em sua cidade, seus bens e seus negócios estariam em jogo. Os nazistas sempre se apropriavam dos bens dos judeus mais abastados com a justificativa de que seriam a reserva da “nova” Alemanha. Mas, em verdade, os oficiais mais poderosos redecoravam suas casas e aumentavam seu patrimônio com os itens subtraídos dos prisioneiros.

Algumas semanas depois de ter visto Vilém pela última vez, Edith foi convidada por uma amiga a participar de um grupo de discussões filosóficas. Naquela Praga de modos elegantes, cuidados com as relações sociais e reminiscências da monarquia, esses encontros eram regados a muitas discussões sobre as artes, mas também sobre a crise política que assolava a Europa.

Os eventos normalmente iniciavam com música e seguia com os diálogos que se baseavam numa simples notícia de jornal e evoluíam até chegar a questionamentos profundos sobre a natureza humana.

Vilém não perdia esses encontros por nada. Além da intelectualidade, o que permeava essas reuniões era a alegria da percepção de que ele não estava só na consciência de que a religião ou o poder econômico das pessoas – forte ou fraco – as tornavam melhores ou piores, ou seja, influenciavam seus valores. Para ele, sempre será no diálogo com o outro que se constrói sentido para a existência.

No dia da reunião para a qual houvera sido convidada, logo ao chegar, Edith viu o rapaz ao fundo de uma sala grande, cercado de outros jovens, gesticulando com as mãos e falando alto. Naquele momento Edith assegurou para si mesma que jamais tiraria os olhos de Vilém novamente.

Estiveram então frente a frente pela primeira vez. As conversas ficavam sempre acaloradas durante as discussões sobre os dias atuais de seu país, da Europa e do mundo. Nesse dia em especial, mais uma vez o assunto girava em torno da Guerra Civil Espanhola.

A princípio Edith ia a esses encontros porque também tinha sede de informação e, claro, de interação com outros jovens. Muitos ali torciam o nariz para a menina rica e achavam que toda aquela simpatia era forçada e que ela se entediaria em breve naquele grupo.

E poucos sequer imaginavam que se tratava de uma jovem determinada, que tinha entrado aos dezesseis anos na *Handelsakademie*, a famosa escola de negócios local, contra a vontade dos pais, para que pudesse se capacitar para trabalhar no comércio da família. Mas aos poucos todos foram sendo conquistados pela inteligência e frequente discernimento, notáveis para os seus dezoito anos.

Naqueles tempos, Vilém pouco sabia sobre Edith. Não era totalmente desconhecida: moravam no mesmo bairro, suas mães jogavam *bridge* juntas, mas sua impressão e julgamento é de que se tratava de uma menina rica e fútil, sem interesse pelos outros e que só pensava em conseguir um bom casamento.

Ao vê-la naquele dia entrando na casa onde os jovens se encontravam, desdenhou, continuou falando e gesticulando. Talvez por ter escutado tantas vezes seu pai atuando como professor, tinha aprendido um pouco do ofício. Defendia os republicanos da Espanha como se esta fosse seu país natal. Vilém atraía os ouvintes como um magneto. Tinha conhecimento sobre o assunto, expressão, argumento e a habilidade do poder de convencimento.

Pouco sabia sobre o tema, e aproveitou a roda de conversa para fazer algumas perguntas. Vilém achou curioso e até engraçado o jeito tímido com o qual ela falava. Naturalmente, ela estava insegura. Percebeu naquele momento que já tinha tanta admiração por aquele rapaz, que tremia ao pensar em falar alguma bobagem.

Vilém respondeu suas perguntas e ao final de sua fala, sorriu. Na dispersão, porém, sumiu. Por mais que a jovem estivesse certa de que ficaria com ele para sempre, algo ainda não encaixava ou estava faltando naquela relação. Edith esforçava-se, mas não conseguia se livrar da impressão de que era o seu jeito de menina rica que afugentava Vilém.

Aos poucos se aproximavam e, assim que tomaram o primeiro café juntos, a conexão finalmente aconteceu. Muitos assuntos coincidentes, a cultura e o conhecimento de ambos se complementando como um fio sem fim, e, ato contínuo, não podiam mais viver um sem o outro. Passavam muitas tardes nos parques e no sótão de sua casa, ele ensinando-a sobre filosofia, política, história. Apaixonaram-se, e a primavera de Praga foi cenário para a história juntos que começava naquela que seria a segunda nação a sucumbir à estratégia de Adolf Hitler.

### **Capítulo 3 – A parada dos canalhas**

- Você não vai ver a parada? - perguntou Ludovika ao irmão, com sua voz aguda.
- A parada dos canalhas, você quer dizer, Lud.

– Dos o quê? - a menina tinha entendido, mesmo com seus quase nove anos. Mas fingiu que não. – Os moços são tão lindos!

– ... e assassinos, Ludovika! - completou o irmão, inconformado com a ingenuidade da menina.

– Não sei do que você está falando, Vil! - A menina disse, emburrada, fechando a expressão e virando o rosto.

Dia quatorze de março de 1939. O dia em que a notícia de que os eslovacos haviam declarado sua independência, e que os sudetos finalmente mostraram sua verdadeira intenção de juntar-se a Hitler, chegou assustadoramente muito rápido.

As famílias de Flusser e Edith sentiram o terror vindo em suas direções como se fosse uma grande onda de mar, alta e em velocidade surpreendente. Antecipadamente, o pai dela viajou para Londres, para que pudesse preparar lá o que imaginava que pudesse ser o refúgio dos alemães furiosos.

E, como já era de se esperar, o dia quinze de março amanheceu com faixas e bandeiras da Alemanha e do partido nazista: Hitler viria a Praga.

Após o almoço, não teve quem ficasse em casa - todos queriam ver o líder do partido nacional-socialista alemão e seu discurso para os cidadãos tchecos. Além de uma Ludovika toda arrumada, animada, e com uma rosa vermelha nas mãos para ver os soldados alemães, Vilém, ao sair da faculdade, passou por aquela praça coberta de bandeiras rubras e parou para assistir.

Mesmo imaginando como deveria ser a entrada dos nazistas na cidade, Flusser não podia crer como o evento todo foi bizarro. Todos os soldados eram muito jovens, loiros e altos, com seus uniformes pretos e botões de caveiras, luvas brancas e botas de verniz brilhantes, marchando como gansos em direção a um palanque, que também fora montado para a ocasião. Nesse palanque, já a postos, uma orquestra completa! Uma orquestra sinfônica, que tocava Wagner.

De repente, um carro preto se aproxima do palco, e dele desce Hitler, um homem baixinho, despenteado, com um cigarro no canto dos lábios. É tanta pompa, que Flusser e Edith se entreolham, suspiram e de novo voltam seus olhos para a figura agora postada na frente do microfone, achando que estariam na iminência de ouvir um discurso retumbante, repleto de mensagens importantes, objetivos e números.

Flusser procura por Ludovika, e a enxerga no meio da multidão frenética, com a fisionomia extasiada, a rosa erguida em um cumprimento ao líder, como se um futuro brilhante estivesse para ser professado por meio das palavras do homem.

Todavia, o que ouvem são frases feitas. “A Alemanha vai se levantar!”, ou “a raça aariana vai dominar o mundo”. Só isso. Sem pensamentos, sem conteúdo, sem informações práticas ou conhecimento do que aconteceria dali para frente. E a cada frase, a massa respondia: “*heil*, Hitler!”.

Quando acabou, a orquestra reiniciou, agora com *Lohengrin*, e o baixinho de bigode desceu as escadas do palco e começou a andar pela multidão. Pareceu ver Ludovika e sua flor de longe, e caminhou em sua direção. As pessoas eufóricas gritavam e faziam a saudação nazista continuamente. Quando Hitler chegou até a menina, pegou a rosa, olhar frio de terror nos olhos e deu-lhe um beijo na bochecha.

Mesmo na inexperiência de um jovem de 18 anos, a cena ridícula, mas absolutamente surpreendente, voltava a trazer a Flusser aquele sentimento que conhecia tão bem ultimamente: medo.

– Que ridículo, não, Vil? - disse Edith, deixando a costureira elegância de lado.

Flusser levantou a cabeça para responder, e nesse momento viu novamente sua irmã, agora com a expressão assustada de quem havia acabado de entender que a possibilidade de um futuro brilhante estava completamente afastada de seu destino.

#### **Capítulo 4 – Vamos fugir deste lugar**

Os dois Gustavs conversavam no Café Slavia: o Flusser cabisbaixo escutava o Barth.

– Vamos, homem! Você ainda tem filha menor de idade, nem trabalhar ela pode! - dizia o pai de Edith, tentando convencer Gustav Flusser a fugirem juntos para Londres.

Desde o dia da entrada de Hitler em Praga, a situação para os judeus só deteriorara. Os vizinhos não semitas, antes indiferentes ao detalhe da religião, pareciam ter passado por uma espécie de lavagem cerebral e mudaram de atitude repentinamente. Sequer cumprimentavam aqueles que sabiam ser judeus.

Gustav, o Flusser, sentia seu coração apertar de saudade da condição de apenas alguns dias antes, quando sua família vivia feliz na busca de seus objetivos. Agora via seu filho Vilém perdido. O rapaz, antes encaminhado na faculdade, enamorado de sua Edith, tinha tudo para seguir sua vida tranquila como acadêmico, escritor, ou outra atividade parecida. Mas é isso que a guerra faz. Muda o presente e o futuro das pessoas sem pedir licença.

Mas Gustav era um otimista. Não conseguia acreditar que sua Praga estaria tão dominada a ponto de ele não conseguir mais dar suas aulas na Universidade, ou exercer seu papel como político. Recebera um convite para lecionar na universidade de Jerusalém. Caso aceitasse, poderia emigrar com toda a família. Mas não queria deixar sua cidade amada. Não ele.

Gustav, o Barth, não se conformava com a escolha do pai de Vilém. Propôs, então, que fossem com eles para a Inglaterra. Barth já tinha muitos negócios lá. Além disso, havia preparado a mudança da família, na iminência da chegada de Hitler, em sua viagem para Londres no início do ano de 1939. No fundo ele sabia que, naquele momento, por conta de suas condições financeiras, eles teriam condições de escapar apenas se fugissem dali.

Vilém e Edith acompanhavam a discussão há dias. Havia tensão entre os dois pais. Barth amava muito sua filha e respeitava a sua escolha por Vilém, mas temia pela segurança de ambos. Assim, posicionou-se firmemente a respeito da escolha de Gustav Flusser: não deixaria sua filha ficar em Praga de forma alguma. E viajou mais uma vez para Londres a fim de preparar hospedagem também para os Flusser, na esperança de que aceitariam emigrar na última hora.

Melitta tentava contemporizar com seu Gustav, sem sucesso.

– Vil, seu pai é um crédulo! - lamentara com o filho.

Vilém começou a ser acometido por certo desespero. O rapaz de 18 anos percebia que teria que tomar um lado o quanto antes. Foi quando Edith chegou em sua casa desesperada, seus olhos cor de mel avermelhados de tanto choro.

– Vil, temos um ultimato de meu pai. Ele já está com minha irmã em Londres e mandou um mensageiro à Praga, com ordens expressas para que eu e minha mãe viajemos ao seu encontro imediatamente.

O desespero de Edith tinha sentido. Aquela onda que tinha como destino a sua cidade, cheia de terror e ódio aproximava-se cada vez mais. E então ela sabia que, se Flusser resolvesse ficar com seus pais, ela o perderia para sempre. Ela não podia perder seu amigo, seu companheiro, seu professor. Seu amor.

De alguma forma, ela conseguiu enviar um mensageiro para seu pai, dizendo a ele que se seu noivo não fosse, ela também não iria. Barth, que era louco pela filha, resolveu então ir buscá-los pessoalmente. Não voltaria a Londres sem eles de jeito nenhum.

Não precisou, já que Vilém acabou decidindo pela fuga. Tinha muitos planos para ele, tanto profissionais como familiares, e não seria um baixinho de bigode ridículo, com seu

exército a tiracolo que o desviaria da realização de seus sonhos. Mas o estômago embrulhava: sua percepção é a de que nunca mais veria seus pais e irmã.

Gustav Flusser, agora sozinho no Café Slavia, pensava na decisão do filho. Apesar da profunda e absoluta tristeza, sabia que era o melhor a ser feito. Fosse ele também um jovem de dezoito anos, não pensaria duas vezes antes de assumir a aventura de fugir para buscar a realização de seus objetivos. O que ele desconhecia é que Vilém também estava buscando por algo muito mais importante: sua sobrevivência.

Quando já estavam prontas para a viagem, Edith e sua mãe, Ernestina Barth, foram avisadas que, mesmo tendo seu visto para a Inglaterra, a Gestapo, a temida e autoritária polícia de Hitler, só permitiria sua saída se seu pai viesse pessoalmente buscá-las. O objetivo, sabiam, era obterem mais dinheiro do abastado empresário. Por dias, as mulheres iam para a fila e aguardavam horas na tentativa de chegar a um dos oficiais e obter o carimbo permitindo sua saída do país. No quarto dia, chegaram finalmente à mesa de atendimento, mas somente conseguiram a autorização após o assistente de um oficial que aos berros as insultavam, rapidamente carimbar os passaportes, sem que o chefe visse.

Os três seguiram então para a fronteira holandesa. Mas ao chegarem na fronteira, outro momento de desespero: Edith e Ernestina conseguiram seguir para Londres, mas Vilém não conseguia desembarcar. Dentro do trem, os outros judeus já sabiam e o avisaram: caso não conseguisse o visto para a Inglaterra, os nazistas os mandariam diretamente para os campos de concentração.

Novamente o pânico tomou conta de Edith, que assim que chegou a Londres pediu encarecidamente ao pai que fizesse o que podia para resgatar seu noivo das mãos da Gestapo na fronteira.

– Papai, você precisava ver o olhar de desespero de Vil! E aqueles oficiais nojentos, só gritando ameaças... - disse a moça, ainda sob o efeito da lembrança do olhar assustado e perdido do noivo.

Gustav Barth suspirou e decidiu tentar subornar os oficiais da base. Afinal, ele seria em breve o pai orgulhoso da noiva e o sogro carinhoso de Flusser.

Na estação de trem a caminho de Londres, antes de partirem, um outro percalço quase fez com que o rapaz não conseguisse escapar. Mesmo após ter sido pago para deixarem o rapaz partir, um assistente da Gestapo segurou-o pelas pernas - literalmente. Mas o que a polícia alemã dali não contava é que holandeses, que odiavam nazistas, estivessem também no trem e fossem mais fortes: seguraram Vilém pelos braços! E assim Flusser conseguiu se safar e seguir para o próximo capítulo de sua história.

## Capítulo 5 – Sem chão

Por mais que estivesse se sentindo um pouco mais seguro em Londres, Flusser ainda se sentia assombrado pelo medo. Além da preocupação com a família - o jovem ainda não se conformava que seu pai, mãe e irmã tivessem fincado os pés na teimosia e decidido ficar em Praga - teve que lidar com sua situação de *bodenlos*, o “sem chão”, aquele que rompeu abruptamente com sua história, com o medo frequente da guerra, que a cada vez se aproximava mais.

Flusser, que tinha sido criado com muito carinho, sentia que a fuga o fez despedir-se definitivamente de sua família. Não era tão otimista quanto seu pai: no seu pragmatismo, sabia que não os veria nunca mais.

Embora Edith, a luz de seus olhos, estivesse com ele ali, fazendo planos, dando apoio, sua felicidade nunca era completa e o medo o afrontava todos os dias. Nunca estava tranquilo. Sentia falta de seus dias na universidade, de seus mestres que atiçavam e ativavam sua mente, fazendo com que evoluísse sempre. Naqueles poucos meses atrás, não via o tempo passar e vivia feliz e entusiasmado. Não, definitivamente aquele Vilém Flusser não existia mais.

Mas ao colocar seus pés na terra do rei George VI, Vilém se deu a chance de respirar fundo e começar de novo. Achou por bem alugar um apartamento perto dos Barth, mas não morar com eles, já que ainda não conseguiriam casar-se. Foi a mãe de Edith que soube da oportunidade:

– Alex, um dos meus sobrinhos que mora aqui tem apartamentos para alugar. Quem sabe um deles te interessa? - disse Ernestina.

Vilém acabou escolhendo um apartamento que ficava sobre um clube de jazz. Era uma casa noturna que lembrava um pouco os bares de Praga. “Ao menos terei música”, pensou. E logo na semana da mudança, soube que o clube precisava de compositores para os músicos de lá. O rapaz conseguiu o emprego, que pagava pouco, mas o suficiente para quitar o aluguel e sobreviver. Sentindo muita falta da universidade, e na ânsia de tentar dar sentido também para seu lado acadêmico, inscreveu-se no curso de Economia da *London School of Economics*.

Edith, apesar da dificuldade em conseguir um emprego, foi contratada por um hospital para cuidar de recém-nascidos. Ambos estavam desorientados: jovens que tinham planos tão diversos daquela realidade que viviam e que foram obrigados a repensar seus desejos e objetivos, ainda por cima em uma terra estranha.

Quando tudo parecia começar a se ajeitar, apesar da iminência da guerra na Grã-Bretanha, bombardeios em Londres fizeram com que a família tivesse mais uma vez que

buscar abrigo em outro lugar. Naturalmente o nomadismo estava nos planos, mas não com a frequência em que ocorreu.

Gustav Barth, o pai de Edith, teve novamente que tomar uma decisão rápida quanto ao futuro da família: alugou um ônibus com chofer e pediu que dirigisse o mais longe que pudesse. Pararam desta vez em Cornwall, 450 quilômetros distante de Londres, onde moraram em uma mansão abandonada por alguns meses.

Edith inventava jogos e passatempos. Eles jogavam xadrez, caminhavam e esperavam por algum movimento, por alguma novidade que os fizesse decidir pelos próximos passos nessa aventura que era sobreviver em meio a uma guerra. Vilém queria muito estudar na Universidade de Exeter, mas não podia arriscar a exposição. A única atividade produtiva que ele podia ter ali era cortar os cabelos dos moradores da mansão.

E assim o tempo passou até que perceberam que era hora de deixar a Inglaterra. Aviões passavam sobre suas cabeças, evidência de que a guerra estava cada vez mais perto, e os colocava em perigo. Flusser até tentou apresentar-se como combatente, mas não foi aceito por ter a saúde frágil. Era mais um sinal de que a Inglaterra não seria seu local de moradia.

Em junho de 1940, recebem a notícia de que Paris tinha sido invadida pelos alemães. Não havia mais tempo a perder.

Era um tempo de muitas fugas, então conseguir um visto era uma tarefa complicada. Eles resolveram então, emigrar para fora da Europa. Passaram a considerar países pouco prováveis para participação na guerra, por exemplo, o Brasil. Mas havia uma barreira que eles teriam que transpor: o governo brasileiro tinha como requisito aceitar imigrantes europeus apenas com atestado de batismo católico. A família Barth e Flusser não pensaram duas vezes e providenciaram o necessário junto a uma pequena igreja de Cornwall. Conseguiram os vistos.

Enquanto estavam a caminho em direção ao sul da Inglaterra, de onde partiriam do porto de South Hampton rumo ao Brasil, o terror os acompanhava. Bombardeios incessantes, quase sempre durante a noite, tempestades e ruídos desconhecidos acompanhavam os viajantes, que estavam proibidos de acender qualquer luz ou chama dentro do *Highland Patriot*, sob o risco de virarem alvos dos ataques aéreos ou pelo mar. Também um cruzador navegava ao lado da embarcação na tentativa de proteger

Muitas vezes durante essa viagem Vilém olhava para sua preocupada Edith e suspirava. Então retirava do bolso do casaco um pequeno pedaço de papel que o acompanhava desde que havia saído de Praga. Na noite em que teria certeza de que sua família não o acompanharia na viagem, sentiu-se só e desolado. O então jovem de 19 anos resolveu,

friamente e do alto do seu pragmatismo, listar os motivos contra e a favor de colocar fim à própria vida.

Em meio ao choro de crianças e à escuridão, ele lia mais uma vez o papel repartido em duas seções. Por sorte, a luz de seus olhos estava sempre por perto. Seu sorriso era decisivo para que não optasse pelo autoextermínio.

Um instante de esperança surge no horizonte: um esplendor de luzes, que contrastava absurdamente com o breu vivido por tantos meses!

– Vil, chegamos! Chegamos no paraíso do Rio! - exultou Edith, seus olhos cor de mel reluzindo como nunca.

Vilém dobrou o papel e guardou no bolso do casaco. Levantou-se, andou até Edith e abraçou-a.

– Seremos felizes aqui, *lieblich*. Seremos muito felizes.

#### **4.2 Ação educacional de impacto cultural: Oficina de Produção de Podcasts para Estudantes**

Outro produto apresentado como material didático, propõe a criação de oficina para estudantes voltada à geração de *podcasts*, contemplando todas as suas etapas. Entendemos a utilização dessa mídia como inovação no processo de comunicação. E sua produção por estudantes da Educação Básica se justifica a partir das considerações de Mattelart (1997), que julga interessante ter programas educativos junto às escolas, relacionando o trabalho pedagógico com o jornalístico (usado como material didático). Todavia, o autor adverte que, “uma escola é um lugar público, e é evidente que é melhor que haja o que chamo de *uma mediação*, que é a mediação do público[...]” (MATTELART, 1997, p.72).

O comunicólogo também expressa sua preocupação com as mediações. Para ele, o assunto é tão urgente e importante, que sugere às escolas incluir, a partir da educação infantil, uma iniciação no campo da comunicação. Matérias de rádio, televisão e que sejam obrigatórias no currículo escolar em todos os locais. “Seria uma matéria que poderia abarcar tanto os problemas da semiologia da leitura, como a análise do contexto em que esses meios se dão [...]” (MATTELART, 1997, p. 69).

Ainda para o autor, a inclusão estruturada da disciplina de comunicação para possibilitar as mediações seria a única forma de “recuperar o desequilíbrio existente hoje entre escola e meios de comunicação, principalmente para crianças das camadas populares[...]”(MATTELART, 1997, p. 69). A idealização de uma educação para os meios é vista por Mattelart (1997) como a única saída para que toda comunicação passe a ser feita

com base no interesse público, em vez do interesse mercantil. Os estudantes seriam habilitados como mediadores importantes, exercendo esse papel de forma responsável, observando de forma crítica os aspectos mercantis e não permitindo que tais aspectos prejudicassem o interesse público (MATTELART, 1997, p.72).

Da mesma natureza do audiolivro, por ser um produto para se escutar, o *podcast*, apesar de parecer uma novidade, já é gerado e utilizado há algum tempo.

Em linhas gerais, o *podcast* é um arquivo de áudio contendo entrevistas, leituras, conteúdos, debates, livros ou filmes comentados, produzidos previamente ou ao vivo, e veiculados por meio de plataformas *on line*. Assim como o audiolivro, tem o benefício da portabilidade, pois pode ser acessado nessas plataformas ou aplicativos de onde o ouvinte quiser estar.

Para se ter ideia, existe material científico, do início dos anos 2010, já contendo discussões importantes a respeito.

A expressão “podcasting” vem da junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod (nome do mais popular tocador de mídia digital, fabricado pela empresa norte-americana Apple Computer), com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações que, quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio também pode ser chamado de radiodifusão (LUIZ; ASSIS, 2010, p.1).

Vicente (2018) relata que o início do *podcast* ocorreu na Inglaterra, em 2004, quando o periódico *The Guardian* publicou artigo com o título *Audible Revolution*, que mencionava a livre veiculação e audição de arquivos baratos e de forma portátil. Foi também aparentemente quando ocorreu o primeiro uso da palavra *podcasting* (VICENTE, 2018, p.89).

A retomada das biografias dos nossos sujeitos de pesquisa é ponto de partida para a geração de um programa no formato *podcast*, que abordará a história de vida desses sujeitos. Outras sugestões temáticas incluem discussões sobre a iminência de guerras, imigração, xenofobia, refúgio causado por preconceito, entre outros.

Apropriados do processo de geração de *podcasts* absorvido através da oficina, subproduto do nosso Plano de Difusão de Memórias, será possível aos estudantes do Ensino Médio envolvidos gerarem novas iniciativas neste sentido.

O objetivo principal é disseminar conhecimento sobre o legado dos sobreviventes refugiados da Segunda Guerra para aqueles que não têm acesso a essa informação, ou recebem o aprendizado, mas não o discutem, o que dificulta o processo de compreensão.

Após levantamento junto aos campos e as respectivas competências e habilidades na BNCC- Base Nacional Comum Curricular, homologada pela União em dezembro de 2017, foram identificadas os seguintes vínculos com os resultados e objetivos de nossa pesquisa:

**Quadro 5 – Campo de Linguagens e suas Tecnologias**

Competência		Habilidade		Conteúdo da pesquisa
Nr.	Descrição	Código	Descrição	
1)	Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.	(EM13LGG102)	Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias como forma de ampliar suas as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade.	Apresentar biografias de refugiados no nazifascismo no Brasil. Textos de diferentes linguagens: jornalístico; artístico (artes plásticas, música, fotografia, cinema), literário, <i>web</i> (como a Wikipedia). Os textos podem ser produção dos biografados ou textos sobre os biografados.
		(EM13LGG105)	Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, como forma de fomentar diferentes modos de participação e intervenção social.	
2)	Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo <b>preconceitos</b> de qualquer natureza (p. 484)	(EM13LGG202)	Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), para compreender o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.	Apresentar trechos das histórias de vida dos refugiados em que eles coloquem as dificuldades da língua, a partir das diferenças culturais. Como fizeram as travessias, passando por diferente países e sem saber as línguas dos locais que passavam? Relembrar que nessa época o inglês ainda não era uma língua global. Como se adaptaram aos locais de refugiados, enfrentando as línguas e as novas culturas encontradas? Como superaram essas dificuldades para escrever e publicar suas obras em português?
		(EM13LGG204)	Negociar sentidos e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.	
4)	Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (pag. 481)	(EM13LGG401)	Analisar textos de modo a caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.	Apresentar a questão da língua na experiência dos refugiados. Trazer histórias dos refugiados que envolvem a dificuldade de se expressar, de aprender o português e como superaram as questões culturais da língua para produzirem suas obras em português, no Brasil. Apresentar trechos das histórias de vida dos refugiados em que eles coloquem as dificuldades da língua, a partir das diferenças culturais. Como fizeram as travessias, passando por diferentes países e sem saber as línguas dos locais que passavam. Lembrar que nessa época o inglês ainda não era uma língua global. Como se adaptaram aos locais de refugiados, enfrentando as línguas e as novas culturas encontradas? Como superaram essas dificuldades para escrever e publicar
6)	Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (p. 488).	(EM13LGG603)	Expressar-se e atuar em processos criativos que integrem diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais, recorrendo a conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.	Trazer as obras de arte dos refugiados. Trazer artistas, atores de teatro, etc., e suas histórias. Mostrar aos estudantes a arte produzida e o papel da arte na vida dessas pessoas em refúgio.

Fonte: Autora, com base no BNCC, 2017

**Quadro 6 – Campo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Competência		Habilidade		Conteúdo da pesquisa
Nr.	Descrição	Código	Descrição	
1)	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	(EM13CHS102)	Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.	Eventos históricos refletidos na pesquisa (início do nazifascismo, Segunda Guerra Mundial, diásporas, entre outros) e respectivos impactos na história mundial.
		(EM13CHS103)	Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).	Diagnósticos sobre o que os estudantes sabem sobre o período do nazifascismo nas Europa. Fazer questionamentos para formulação de problemas, perguntas e hipóteses sobre o conhecimento/senso comum que eles apresentarem. Apresentar: <i>trailers</i> de filmes, sinopses de livros, obras de arte, notícias de jornal, dados quantitativos para discutir e formular os questionamentos sobre momento histórico do nazifascismo no mundo (quando e onde surgiu, por onde se desenvolveu, quem, o que, quais instituições representam essa ideologia, etc).
		(EM13CHS106)	Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	Pesquisa cartográfica: com apoio da geografia, buscar mapas da divisão administrativa da Europa (Estados-Nações), entre o final do século XIX e primeira metade do Século XX. Buscar mapas históricos que situem as diferentes populações da Europa: por etnia, por nacionalidade, por religião, etc. Buscar a trajetória dos judeus na Europa (entre final do Século XIX e início do Século XX). Pesquisar números populacionais e demográficos dos diferentes grupos étnicos e sociais da Europa. Com base nos dados pesquisados: reconstruir um mapa da Europa (por desenho, computação gráfica ou escrita) localizando os dados mais importantes da pesquisa, que explicita a trajetória de judeus e a formação dos Estados-Nação. Conversar com estudantes sobre conceitos: Estado-Nação; Judaísmo; Cientificidade; Etnia; etc.
6)	Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	(EM13CHS602)	Identificar, caracterizar e relacionar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da cidadania.	Biografias dos sujeitos de pesquisa, que contém detalhes de suas necessidades de deslocamento em busca de refúgio do antissemitismo perpetrado na Europa a partir principalmente dos anos de 1930. Lutas pessoais para sobrevivência nos países de refúgio, para obtenção de novas casas, trabalhos e retomada de projetos.

Fonte: Autora, com base no BNCC.

Tais conteúdos estão adequados à BNCC- Base Nacional Comum Curricular<sup>50</sup>, que é a referência obrigatória para criação de ementas de disciplinas escolares e propostas

<sup>50</sup> Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: diversas datas.

educacionais, nos campos de Linguagens e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Entendemos que as referências disponíveis na Base Nacional Comum Curricular ampliam as opções de formatação de conteúdo para a oficina que se propõe junto a esta ação.

Adicionalmente, nosso objetivo com a oficina não é somente técnico; a assimilação da manipulação das ferramentas para a elaboração de *podcasts* tem naturalmente sua importância - sem esse aprendizado o programete não se realiza.

Todavia, entendemos que a conexão dos temas de nossa pesquisa com os outros elementos abordados em sala de aula (outras disciplinas e temáticas) facilitam e ampliam a possibilidade de aprendizagem, fornecendo aos jovens envolvidos capacitação e preparação mais adequados aos futuros profissionais - quem sabe - da área da Comunicação.

### **Etapas de abordagem da oficina e construção de *podcasts***

**Figura 15** – Etapas da Oficina de Podcasts



Fonte: elaborado pela autora

Conceitos e estratégias de produção e divulgação:

- a) Origem / conceito / momento atual / tipo de linguagem / posicionamento frente aos outros programetes de áudio:

Talvez mais significativa do que a apropriação de conceitos, a discussão sobre o posicionamento junto a outras mídias e o alcance dos conteúdos estão intrinsecamente ligados aos resultados desejados do presente trabalho.

- b) Propor a criação e produção em grupos:

Contextualização e discussão acerca dos temas do volume atual para que sejam usados na produção dos programetes;

Divisão dos grupos e acordos sobre datas e entregas.

- c) Elaboração de projetos com modelo de negócio simples (por exemplo, Canvas);
- d) Discussão sobre qual(is) o(s) objetivo(s) de seus podcasts;
- e) Definição de público e nome do podcast;
- f) Recursos necessários e outros elementos do modelo Canvas (plano de negócios);
- g) Discussão e definição sobre formato e frequência;
- h) Discussão e definição sobre hospedagem do *podcast* e formas de divulgação.

Produção de Conteúdo:

- a) Pesquisa sobre o tema;
- b) Noções e conceitos de roteirização específica para podcasts;
- c) Noções para realização de entrevistas;
- d) Técnicas de pesquisa para geração de conteúdo;
- e) Prática da escrita;
- f) Gerar os textos para os podcasts dos grupos, a partir de conteúdo pré-elaborado.

Técnicas de Produção e Gravação de *podcasts*:

- a) Equipamentos e recursos necessários;
- b) Preparação de estúdio;
- c) Técnicas de locução para *podcasters*;
- d) Técnicas de apresentação;
- e) *Podcasts* em vídeo;
- f) Aplicativos utilizados e plataformas para divulgação;
- g) Arte para a “capa” do *podcast*;
- h) Trilhas sonoras que podem ser utilizadas.

Destacamos, ainda, que elementos descritos na seção destinada à elaboração de audiolivros podem ser úteis também na oficina dos *podcasts*, sobretudo aqueles que se relacionam com os recursos técnicos e humanos.

A oficina será estruturada e organizada de acordo com os parâmetros demonstrados anteriormente, conforme oportunidades a serem oferecidas preferencialmente pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul a esta autora.

### 4.3 Ação enciclopédica de impacto cultural: Produção de verbetes - Projeto Travessias

Conforme abordamos anteriormente, outra de nossas ações de comunicação derivadas da presente pesquisa é gerar verbetes com dados biográficos e das trajetórias de sobreviventes do nazifascismo refugiados no Brasil, de forma a contribuir para o Projeto *TRAVESSIAS - Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. O legado dos artistas, intelectuais e cientistas refugiados do nazifascismo. Brasil, 1933-2022*. Esses dados foram coletados e compilados de forma a atender minimamente a estrutura previamente idealizada pela Coordenação do Projeto e pelos pesquisadores.

Criamos e inserimos a seguir (Quadro 7) verbete para o Projeto Travessias acerca do sujeito de pesquisa Vilém Flusser. As informações foram estruturadas de forma a atender a “árvore” de informações sugerida pela coordenação do projeto.

Nos contam Finau e Ribereite (2018) que a primeira enciclopédia do mundo foi a *Encyclopédie*, idealizada pelo escritor francês Denis Diderot no século XVIII, mas escrita por vários especialistas nas diversas áreas, como Voltaire e Rousseau. Devido a essa condição em que foram produzidos os primeiros verbetes, os autores concluem que “[...] a enciclopédia é o suporte do gênero verbete” (FINAU; RIBEIRETE; 2018, p. 101).

Conforme o dicionário *on line* Houaiss<sup>51</sup>, verbete é definido pelo “conjunto de acepções, exemplos e outras informações pertinentes, contido numa entrada de dicionário, enciclopédia, glossário”. Costa (2008), em seu Dicionário de Gêneros Textuais, complementa com outras características: “Predomina a linguagem referencial das definições, feita de maneira objetiva, com correferências a vários campos do conhecimento, as chamadas rubricas” (COSTA, 2008, p. 176).

Este elemento que compõe as buscas por informações continua presente em nosso cotidiano acadêmico ou profissional, por mais que a tecnologia tenha proporcionado o acesso à informação virtualmente.

Esta questão pode ser constatada por meio das diversas plataformas de busca de dados para se obter a definição de termos, contextualizando as citações feitas anteriormente.

---

<sup>51</sup> Houaiss on-line. Disponível em: <https://bit.ly/3m2DEMO>. Acesso em: diversas datas.

Quadro 7 – Verbete Dicionário Biográfico

VERBETE (ESTRUTURA)	VILÉM FLUSSER
<b>Sobrenome, nome do refugiado/ sobrevivente:</b>	FLUSSER, Vilém
<b>Raízes de origem (nacionalidade, religião):</b>	Nascido em Praga (1920); Judeu não ortodoxo
<b>Formação acadêmica e contato com as vanguardas artísticas européias:</b>	Cursou 1 semestre de Filosofia em Praga. Em Londres fez mais um semestre na universidade, desta vez em Economia. Flusser viveu em uma Praga elegante e cosmopolita e conviveu até os 19 anos com a mãe, que era musicista e cantora. No Brasil, foi muito amigo dos artistas plásticos Samson Flexor e Mira Schendel.
<b>Tempos de ruptura: vivência traumática frente aos atos genocidas da Alemanha e colaboracionistas:</b>	Presenciou a parada militar quando Hitler adentrou Praga em março/1939, com o séquito de soldados, chefes de segurança e até orquestra musical tocando Wagner. Refugiado em Londres, teve que buscar novo local devido aos bombardeios feitos pelos alemães no local. Ficou sabendo que seu pai havia sido assassinado no Campo de Buchenwald assim que chegou ao Brasil.
<b>Movimentos de resistência antifascista – Europa:</b>	Participava de "rodas de conversa" com amigos ainda em Praga. Esses grupos se encontravam regularmente para discutir os rumos da guerra, do nazismo e do país.
<b>Razões e rotas de fuga, laços de solidariedade:</b>	Flusser saiu de Praga após a chegada de Hitler na capital da então Tchecoslováquia. O seu futuro sogro já esperava pelo pior e rogou-lhe que fosse para a Inglaterra junto com ele, sua noiva Edith Barth e o resto da família. Em Londres, tiveram que fugir e o pai de Edith mais uma vez forneceu suporte financeiro e emocional. A nova fuga para o Brasil somente aconteceu devido à influência e o dinheiro de Gustav Barth.
<b>Olhares sobre a Guerra, a liberdade e os direitos humanos:</b>	Vilém Flusser jamais superou a guerra, mas nunca foi adepto a ideologias e extremismos. Para ele, qualquer radicalismo era incompatível com a posição de intelectual.
<b>O Brasil como opção/pátria de acolhimento:</b>	O Brasil surgiu de uma lista que continha China e Panamá; ou seja, países que ele e a família da Edith julgavam que não seriam atacados. Quando chegou ao Rio de Janeiro e viu todas as luzes, disse ter "esperança". Entretanto a ditadura de 1964 foi responsável em acabar com a alegria de Flusser. Embora tivesse continuado a trabalhar, quando decidiu voltar para a Europa, foi porque achava que seus projetos no Brasil tinham fracassado. Quando morreu, poucos no Brasil souberam.
<b>Imagens do Brasil, priorizando as narrativas da alteridade:</b>	O início de Flusser no Brasil foi complexo: ele trabalhava em algo que não gostava, e estudava Filosofia - que era o que gostava - à noite. Sua esposa logo ficou grávida, mas ele continuava angustiado por não conseguir exercer a filosofia em tempo integral. Entretanto, o rapaz tinha muito interesse por idiomas, e foi assim que se apaixonou pela Língua Portuguesa. Rapidamente aprendeu português e passou inclusive a colaborar com regularidade para vários jornais.
<b>Círculo dos refugiados no Brasil e frentes de resistência-Brasil:</b>	Quando Flusser já era professor, recebia muitos amigos (brasileiros e estrangeiros refugiados) e alunos na varanda de sua casa, onde discutiam sobre todos os assuntos, aplicando a filosofia em todas as situações políticas mundiais. Esses eventos foram se tornando regulares e se consolidavam como verdadeiras aulas.
<b>Histórias cruzadas (remissão a outros verbetes correlatos):</b>	Eram presenças frequentes na casa de Vilém, os artistas plásticos Samson Flexor e Mira Schendel. Hoje, quando se procura informação sobre a artista, sempre surge um vínculo com Flusser.
<b>O legado: produção e reconhecimento nacional/internacional:</b>	Flusser escreveu muitos livros, mas só foi reconhecido adequadamente na Europa quando foi embora do Brasil. Muitas vezes voltou para lançar seus livros que aqui eram editados. Hoje existem diversas obras sobre ele, artigos publicados, livros, revistas científicas e até plataformas dedicadas ao acervo de documentos, textos e imagens.
<b>Inventário das obras produzidas no contexto da representação da catástrofe, da violência, da retomada da vida pós-holocausto e da alteridade:</b>	Praticamente todas as obras de Vilém Flusser trazem a sombra do sofrimento causado pelo nazismo e suas atrocidades. Língua e realidade(1963); A História do Diabo(1965); Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade(1967); Naturalmente(1979); A Filosofia da Caixa-Preta (1983). MAS, principalmente: Bodenos: uma autobiografia filosófica(2007) e A dúvida(2011).
<b>Fontes, Acervos e Bibliografia:</b>	KESTLER, Izabela Maria Furtado. <i>A literatura em língua alemã e o período do exílio (1933-1945)</i> ; BATLICKOVA, Eva. <i>O drama Saul: diálogo como um princípio descentralizador na obra de Vilém Flusser</i> ; BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (Orgs.). <i>Vilém Flusser no Brasil</i> ; BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. <b>Vilém Flusser: uma introdução</b> ; COLFIELD, Carol. <i>Arquivo Virtual Arqshoah</i> ; FLUSSER, Vilém. <b>Bodenos: uma autobiografia filosófica</b> ; FLUSSER, V. Da língua portuguesa. <i>Revista Brasileira de Filosofia</i> ; LÉAO, Maria Lília. <i>Pensamento no Brasil in Vilém Flusser no Brasil</i> ; MENDES, Ricardo. <b>Vilém Flusser: uma história do diabo</b> . SANTAELLA, Lucia. <b>Flusser: um pensador visionário</b> . <i>Flusser Studies</i> ; STRÖHL, Andreas. <i>Flusser como pensador europeu</i> . in BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (Orgs.). <b>Vilém Flusser no Brasil</b> ; <a href="http://www.arquivovilemflusserp.com.br">www.arquivovilemflusserp.com.br</a> ; <a href="http://www.fotoplus.com/flusser/">http://www.fotoplus.com/flusser/</a> ; <i>Coleção de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional</i> ; <a href="https://www.flusser-archiv.org">https://www.flusser-archiv.org</a> .

Fonte: elaborado pela autora

O próprio LEER faz a manutenção de uma plataforma que tem o objetivo de consolidar registros de trajetórias de refugiados, assim como imagens, documentos, referências bibliográficas, entre outros. Chama-se *Arqshoah*, e está disponível para consulta em [www.arqshoah.com](http://www.arqshoah.com) (Fig. 16).

**Figura 16** – Home Page da Plataforma Arqshoah



Fonte: [www.arqshoah.com](http://www.arqshoah.com)

#### 4.4 Produto Web Enciclopédico de impacto tecnológico: Produção Verbetes Wikipedia

Talvez o site mais conhecido do mundo, e o quinto mais acessado, a página *Wikipedia* é definida como uma enciclopédia *on line* que já pode ser acessada em 277 idiomas. Um de seus diferenciais é que ela pode ser atualizada por editores comuns, desde que sejam incluídas referências reconhecidas pela página.

A plataforma também promove eventos de maratona de edição de verbetes, os chamados *Edit-a-thons*, que funciona com grupos que se candidatam coletivamente para atualizar verbetes referentes a um determinado assunto. Em abril de 2020, por exemplo, foi realizado o evento *Visible Wiki-Women*, que tinha o objetivo de aumentar o número de editoras do sexo feminino (atualmente cerca de 90% eram homens na ocasião) e criar verbetes para biografadas, já que apenas um quarto de todos os verbetes eram sobre personagens mulheres.

Os verbetes foram redigidos com base no conteúdo de biografias e trajetórias dos nossos sujeitos de pesquisa **Nina Zabłudovski Caro** e **Ernst Feder** e foram adaptados ao formato do *Wikipedia*, além da inclusão das referências obrigatórias. As capturas das telas com os verbetes, assim como os históricos de criação e edição feitos pela autora estão a seguir, na fig. 17.

**Figura 17** – Captura de tela de verbete Wikipedia – Ernst Feder

The screenshot shows the Wikipedia article for Ernst Feder. The page title is "Ernst Feder" and the user is logged in as Rosana H. Faber. The article text includes:

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Ernst Feder foi um publicista, jornalista e escritor, nascido em Berlim em 18/03/1881. Morreu na mesma cidade, em 29/03/1964.

Estudou Direito, História e Ciências Políticas na Alemanha, e assim iniciou sua vida profissional como advogado. Mais tarde foi editor de um jornal berlinense, o "Berliner Tageblatt". Quando a Alemanha decidiu entrar na Liga das Nações, Feder participou com sucesso das negociações, sendo então escolhido para presidente do Grupo de Trabalho da Imprensa Alemã. Ernst Feder casou-se em 1913 com Erna Zoebel, filha de Fanny Zoebel. Era Erna quem datilografava os intermináveis diários que Ernst preenchia diuturnamente. Opositores ao Nazismo, o casal se viu obrigado ao refúgio. Foram para Paris, passando pela Suíça antes. Feder então, participa da criação do jornal "Pariser Tageblatt". Em outubro de 1939, mesmo tendo perdido sua nacionalidade alemã devido às leis antissemitas, foi preso no campo "La Braconnière", por ironia, justamente por ser alemão. Depois de solto e fazer várias tentativas de obtenção de um visto americano, consegue permissões para ele e Erna, mas para o Brasil.

**Vinda para o Brasil** [editar | editar código-fonte]

O casal chega em julho de 1941 ao Brasil, e Ernst torna-se rapidamente um jornalista conhecido. Trabalhou em diversos jornais brasileiros como o *A Noite*, com o pseudônimo "Spectator". Segundo<sup>[1]</sup>, Feder publicou alguns artigos sobre Goethe, como *Goethes Liebe zu Brasilien* (O Amor de Goethe pelo Brasil).

Ernst também era um grande conhecedor da obra de Stefan Zweig e seu amigo pessoal. Foi o último a vê-lo com vida, antes de seu suicídio com a esposa. <sup>[1]</sup>

**Retorno para a Alemanha** [editar | editar código-fonte]

Os Feder voltaram para a Alemanha em 1958, devido a convite do então presidente Theodor Heuss. Também estavam com problemas de saúde. Ernst morreu em março de 1964, aos 83 anos. Sua esposa ainda viveu até 1973, quando tinha 80 anos. Seus diários estão no acervo do *Leo Baeck Institute*, e seu preciosismo no registro de tantos anos de uma trajetória dedicada ao jornalismo é uma valiosa contribuição à memória da imprensa alemã e brasileira. <sup>[2]</sup>

1. ↑ Izabela Kestler, *Exílio e Literatura - Escritores de Fala Alemã durante a época do Nazismo*, p. 93, Edusp, 2003

Fonte: Wikipedia.<sup>52</sup>

**Figura 18** – Captura de tela edições Ernst Feder

The screenshot shows the "Histórico de edições de 'Ernst Feder'" page on Wikipedia. The user is logged in as Rosana H. Faber. The page displays a list of revisions:

Ver registros para esta página (ver o registro do filtro de edições)

▼ Filtrar revisões

**Ferramentas:** Regist(r)os • Regist(r)os do filtro de edições • Número de visitas • Pesquisar no histórico de edições • Estatísticas de edição • Reparar referências inativas • Validação (HTML5)

**Discussões:** Nenhuma proposta de eliminação • Nenhuma proposta de destaque • Nenhuma proposta de revalidação de destaque

Para outros detalhes da página, clique em "Informações da página" na barra lateral à esquerda. Para mais informações, consulte as páginas de ajuda. Histórico e Sumário de edição.  
Legenda: **atu**: diferença da versão atual • **ant**: diferença da versão anterior • **m**: edição menor • **-**: edição de se(c)ção

**Comparar as versões selecionadas**

- (atu | ant) 08h24min de 23 de agosto de 2020 **FNordeste** (discussão | contribs) **m**... (2 401 bytes) (+39) .. (Página categorizada) (desfazer) (Etiqueta: Editor Visual)
- (atu | ant) 08h26min de 18 de agosto de 2020 **Rosana H. Faber** (discussão | contribs) ... (2 362 bytes) (+2 362) .. (nova página: Ernst Feder foi um publicista, jornalista e escritor, nascido em Berlim em 18/03/1881. Morreu na mesma cidade, em 29/03/1964. Estudou Direito, História e Ciências Políticas na...) (Etiqueta: Possível currículo)

Fonte: Wikipedia.<sup>53</sup>

<sup>52</sup> Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst\\_Feder](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Feder). Acesso em: 18 Ago 2020.

<sup>53</sup> Wikipedia. Disponível em: <https://bit.ly/2HpZ1ZD>. Acesso em: 23 Ago 2020.

**Figura 19** – Captura de tela de verbete Wikipedia – Nina Caro<sup>54</sup>

Artigo Discussão

Iniciada votação sobre a necessidade de registro para editar na Wikipédia lusófona.  
Caso possua direito a voto, **participe!**

## Nina Zabłudowski Caro

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Nina Zabłudowski Caro foi uma Escritora, Doutora em Germanística e Arte Dramática, refugiada da Segunda Guerra Mundial.

- Nasceu em 29/03/1906 em **Białystok**, antiga Rússia, atual Polónia.
- Era filha única de Heinrich e Regina Zabłudowski. Eles migraram para a Alemanha em 1910, buscando atendimento médico para o pai de Nina, e também pelo medo de pogroms.

Conforme artigo produzido pelas pesquisadoras Anita Brumer e Ieda Gutfreind para a Revista Contingentia, da **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, o pai de Nina não acreditava que haveria guerra e não quis abandonar seus bens para acompanhar a família no exílio. Dois meses depois a guerra começou, e ele não conseguiu mais sair da Alemanha. Segundo o artigo, é provável que tenha sido mais uma das vítimas do holocausto nazista.

A vida de Nina foi marcada por diversas rupturas, pelo fato de ter sido judia na Europa, e por isso ter experimentado toda a série de ameaças por parte do **nazifascismo** na Europa. Com o início da **Primeira Guerra Mundial**, os imigrantes na Alemanha passaram a ser considerados estrangeiros, e por isso Nina não pode estudar em escola pública. Concluiu seus estudos até o Doutorado em Germanística, com especialização em Arte Dramática.

Nina era esposa de **Herbert Caro**, que conheceu em janeiro de 1935, e foi sua companheira até a morte dele, em 23 de março de 1991. Eles se refugiaram no Brasil no mesmo ano, devido à política e às atrocidades perpetradas pelo **Nazismo** e se casaram na cidade de Porto Alegre.

Aqui chegando, enfrentaram diversas dificuldades e talvez a maior delas no início tenha sido o aprendizado do idioma. Ambos sabiam alemão, inglês e francês e Nina ainda tinha alguns conhecimentos em espanhol. Quando souberam que viriam para o Brasil, tentaram uma professora em Berlim e como autodidatas. Nina pediu ainda ajuda a amigos que falavam espanhol, o que também ajudou no aprendizado de português. Já professora desde a Alemanha, mas ainda com dificuldades com a língua portuguesa, Nina tentou o trabalho de artesã, sem sucesso. Conseguiu trabalho em uma livraria e começou a lecionar alemão no Instituto Goethe.

Incentivada pela mãe de dois alunos particulares, escreveu um livro didático de alemão, o *Aprende brincando, criança!*, seguido por outros:

- Aprende brincando a contar
- Mostre o que sabe!
- Jogos, Passatempos e Habilidades
- Lachen und Lernen
- Raten Sie mal!

Morreu em 1993, aos 87 anos.<sup>[1]</sup>

Fonte: Wikipedia.<sup>55</sup>

**Figura 20** – Captura de tela edições Nina Caro

Artigo Discussão

Iniciada votação sobre a necessidade de registro para editar na Wikipédia lusófona.  
Caso possua direito a voto, **participe!**

## Histórico de edições de "Nina Zabłudowski Caro"

Ver registros para esta página (ver o registro do filtro de edições)

**Filtrar revisões**

**Ferramentas:** Regist(r)os · Regist(r)os do filtro de edições · Número de visitas · Pesquisar no histórico de edições · Estatísticas de edição · Reparar referências inativas · Validação (HTML5)  
**Discussões:** Nenhuma proposta de eliminação · Nenhuma proposta de deslaque · Nenhuma proposta de revalidação de deslaque

Para outros detalhes da página, clique em "Informações da página" na barra lateral à esquerda. Para mais informações, consulte as páginas de ajuda: Histórico e Sumário de edição.  
Legenda: **atu**: diferença da versão atual - **ant**: diferença da versão anterior - **m**: edição menor - **->**: edição de se(c)ção

**Comparar as versões selecionadas** **Editar etiquetas das revisões selecionadas**

Selecionar: Todas, Nenhuma, Inverter

- (atu | ant)  19h21min de 10 de setembro de 2020 **Rosana Faber** (discussão | contribs) **m** . . (3 265 bytes) (+28) . . *(Inclusão da data de falecimento.)* (desfazer) (Etiqueta: Editor Visual)
- (atu | ant)  19h18min de 10 de setembro de 2020 **Rosana Faber** (discussão | contribs) . . (3 237 bytes) (+3 237) . . *(nova página: Nina Zabłudowski Caro foi uma Escritora, Doutora em Germanística e Arte Dramática, refugiada da Segunda Guerra Mundial. \* Nasceu em 29/03/1906 em Białystok, antiga Rússia...)* (Etiqueta: Possível currículo)

Fonte: Wikipedia.

<sup>54</sup> Informações adicionais para a confecção do verbete foram obtidas em BRUMER, Anita; GUTFREIND, Ieda. Nina Caro, uma mulher de destaque. Revista Contingentia. UFRGS, V.2, nr. 1, 2007. ISSN 1980-7589. Porto Alegre, Maio 2007, p. 36-43. Disponível em: <https://bit.ly/2FPGSUv>. Acesso: 27 Jul. 2020

<sup>55</sup> Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nina\\_Zabudlovski\\_Caro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nina_Zabudlovski_Caro). Acesso em: 10 Set.2020

Outra possibilidade da plataforma é a de narração de verbetes da *Wikipedia*, o *Wikipedia* falada. A própria página descreve detalhadamente as indicações e orientações. Este seria mais um meio de exercer a ação de comunicação como se deseja neste estudo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível esquecer quando se aprende sobre as guerras? Tomar consciência do dia a dia de sofrimentos, o cotidiano das batalhas, as consequências políticas e econômicas e, claro, as quantidades significativas de vítimas. Não somente das que perdem a vida nos *fronts*, como também daquelas que sofrem ao sentir a dor do desfacelamento de suas famílias, o rompimento de laços amorosos, que sentem a desesperança ao ver seus projetos desmoronados, de tudo que se construiu, destruído!

Como um paradoxo, há sobras. Remanescências de histórias pessoais que conseguiram, a despeito dos atos dos maus, ultrapassar as barreiras do tempo e sobreviver por meio dos legados, como um recado às gerações seguintes dizendo: é preciso continuar. A batalha que se nota aqui é contra o esquecimento de uma sociedade.

Esta pesquisa buscou principalmente ressignificar as histórias de vida de uma pequeníssima porção de todos os bravos homens e mulheres, que não aceitaram que a brusca e inesperada mudança de trajeto fosse minimizar ou, até mesmo, devastar a importância e consideração que tinham pelos seus enredos.

Neste sentido, entendemos que foi primeiramente importante situarmo-nos no tempo e nos espaços de poucos anos antes da Segunda Guerra Mundial, contextualizando historicamente, performando um breve cenário da Europa e do Brasil da época, para depois seguirmos contando a sequência dessas histórias. Contribuiu para esta construção, descrever o que entendemos pela figura do intelectual para uma aproximação de nossos sujeitos de pesquisa.

Em nosso trabalho, o interesse público caracteriza-se essencialmente quando atingimos o objetivo de retirar nossos personagens do esquecimento e, adicionalmente, quando buscamos a tradução de suas histórias para o vislumbre do significado de resistência aos horrores das realidades nazifascistas. Nosso objetivo se cumpre com a transposição da esfera privada de cada uma das biografias para a esfera pública, da forma mais clara, por meio de ferramentas acessíveis a públicos distintos. Entendemos que, com esse alcance, estamos também nos defendendo de um presente recrudescido das ideias de totalitarismo, de preconceito e de negacionismos sobre um passado não tão distante.

Para que pudéssemos cumprir o objetivo de reconstituir as trajetórias de vida de intelectuais refugiados, percorremos primeiramente o caminho da história. Buscamos nas

referências e nos referenciais teóricos personagens cujas trajetórias pudessem ser contadas e recontadas, e para públicos distintos.

Muito mais do que as biografias desses personagens e seus cotidianos no Brasil, depois que para cá vieram, objetivamos traduzir essas histórias para se ampliar o conhecimento sobre elas e, assim, como mencionamos, encontrar formas de enfrentamento ao esquecimento social, transferindo esse conhecimento e informação da esfera privada para a esfera pública.

Uma primeira dificuldade que se apresentou foi a de não termos acesso pessoalmente a uma ou mais personagens. Não conseguimos identificar nos tempos atuais, quem estivesse em idade adulta nos anos de 1933 a 1945 aproximadamente, podendo caracterizar-se como refugiado intelectual a ser entrevistado.

Partimos então, para a pesquisa documental. A base de nomes anteriormente construída pelo LEER-USP por meio do Projeto Travessias foi fonte importante para a descoberta de nossos personagens. A complexidade passou a ser, então, a escolha dos três nomes que configurariam como nossos sujeitos de pesquisa.

Ernst Feder, jornalista já experiente na Europa, tinha conexões significativas entre os refugiados, como por exemplo, com Stefan Zweig. Adicionalmente, sua vasta produção de artigos e seus registros em diários mantidos em acervos físicos e digitais constituem potencial de pesquisa complementar.

Escolhemos Vilém Flusser pela característica multifacetária, pela figura apaixonada que demonstrou ser, pela resistência e persistência em seguir seus objetivos desde muito jovem. Também por demonstrar desdém ao radicalismo, atendo-se na condição da visão crítica, básica para intelectuais.

Nosso terceiro personagem, Otto-Maria Carpeaux, acumulou, desde a juventude, uma bagagem intelectual relevante, baseada em interesses de estudo diversificadas, além de sua experiência como jornalista. Foi um dos primeiros enciclopedistas no país.

Em comum, esses intelectuais foram responsáveis por gerar uma obra que possibilitou nosso acesso às suas memórias e seus legados. Adicionalmente, suas histórias inspiraram outros autores a escrever e pesquisar sobre eles. Essa construção foi de extrema importância para a realização deste trabalho, por formar uma importante base documental. Foi somente a partir dela que pudemos passar para o cumprimento dos outros objetivos: a reconstituição das histórias para a produção de textos e a produção de material comunicacional que pudesse, enfim, embasar todo o nosso plano de ações de impacto cultural.

Com a elaboração das oficinas para produção de *podcasts*, vinculando temas de nossa pesquisa à Base Nacional Comum Curricular, pretendeu-se alcançar os estudantes na conscientização a respeito de elementos presentes na luta contra o autoritarismo e as políticas de extrema-direita, entre outros. Com base nessa estrutura e, agregando competências de formatação e criação de conteúdos em áudio para posterior divulgação por meio de plataformas de *streaming* ou outras via *web*, geram-se elementos com potencial atrativo para os alunos envolvidos. Para elaborarmos essa oficina, foram necessárias reuniões com professores especialistas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além de desenvolvimento de estratégia para vincular a criação do material aos resultados da pesquisa e ao próprio BNCC.

Nossa pesquisa também agregou informação à importante base criada por meio do trabalho do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER-USP). Um público diferente é acessado com a transferência de conhecimento sobre as trajetórias por meio de verbetes para o dicionário biográfico, que será gerado pelo Projeto Travessias e coordenado pelo Laboratório. Para atender a estrutura de composição do verbete, é necessário que se tenha acesso à biografia completa do personagem, sobretudo para respostas a questões mais profundas, como os comportamentos individuais dos refugiados em suas vivências traumáticas durante a guerra.

A plataforma global *Wikipedia*, terceiro produto resultado dessa pesquisa, pode ser alimentada de forma simples, mas não sem a existência de critérios (como a menção obrigatória de fontes verificadas) e assim funcionar como um meio da transferência de informações biográficas entre as esferas privada e pública, como mencionamos anteriormente. Para atendimento desta ação, foi necessário aprendizado específico do funcionamento do sistema para lançamento dos verbetes, assim como a redação dos textos das biografias, que também têm uma linguagem diferenciada.

De forma a tornar este trabalho o mais completo possível, um texto com narrativa de jornalismo literário foi redigido para servir de base à gravação de um audiolivro, uma das ações de impacto cultural. Foi mandatório, desta forma, que se acessasse competências diferenciadas para esta ação, tendo em vista que usualmente, parte-se de um texto já existente para que se possibilite a gravação de um audiolivro. A portabilidade e facilidade para a escuta de um livro também pretende simplificar a transmissão das biografias dos personagens, sendo assim, mais uma forma de enfrentamento do esquecimento social.

As ações de impacto cultural descritas foram igualmente importantes para possibilitar nosso rumo em direção ao objetivo principal - reconstituição das trajetórias de vida de

intelectuais refugiados do nazifascismo no Brasil, retirando-as do esquecimento social por meio de uma comunicação de interesse público.

Por fim, concluímos que nossa intervenção nessa busca ocorreu por meio dos produtos aqui propostos e descritos. A geração e desenvolvimento das ações de impacto culturais inovadoras foram resultados da desindividualização das trajetórias, sua retomada e posterior transformação em ferramentas de divulgação das histórias, deslocando-as das esferas privadas para as públicas, e atingindo públicos diversos.

## 6 REFERÊNCIAS

“1933: Grande queima de livros pelos nazistas”. **Deutsche Welle**, Alemanha, 10 Mai 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3IVDCWO>. Acesso em 09 Jan. 2020.

ALMEIDA, Marco Rodrigo. Livro narra período em que o escritor francês Bernanos morou no Brasil. **Folha de S. Paulo**. Ilustrada. São Paulo, 31 Jan 2015. Disponível em: <https://bit.ly/351DGO2>. Acesso em: 21 Jul. 2020.

ALONSO, Raíssa. **Ecos da resistência ao nazismo: Movimento dos Alemães Livres e Associação Democrática Alemã**. São Paulo. (1933-1950). 2019. 217 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução: Roberto Raposo. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002, 2007.

ASSIS, Pablo e LUIZ, Lucio. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu - PR– 2 a 6/9/2010. Anais [...]. Disponível em: <https://bit.ly/2IHB5Bz>. Acesso em 11 Jan. 2020.

ATAQUE foi terrorismo de extrema direita, diz ministra alemã da Justiça. **Deutsche Welle**, Alemanha, 10 Out 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3IVPvMx>. Acesso em 03 Jan. 2019.

BARRETO, Marcelo Menna. Crescimento do neonazismo no Brasil dispara o alarme. **Extra Classe**. Porto Alegre, 22 Nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2FBwW0J>. Acesso em 03 Jan. 2020.

BATLICKOVA, Eva. **O drama Saul: diálogo como um princípio descentralizador na obra de Vilém Flusser**. 2019. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. **Vilém Flusser: uma introdução**. São Paulo: Annablume, 2008.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BRUMER, Anita; GUTFREIND, Ieda. Nina Caro, uma mulher de destaque. **Revista Contingentia**. UFRGS, V.2, nr. 1, 2007. ISSN 1980-7589. Porto Alegre, maio 2007, p. 36-43. Disponível em: <https://bit.ly/2T1wdZJ>. Acesso em: 27 Jul. 2020.

BRUNER, Jerome Seymour. **Fabricando Histórias: Direito, Literatura, Vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CÁCERES, André. Em expansão, audiolivro é aposta do mercado editorial na crise. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 13 Out. 2018. Geral. Disponível em: <https://bit.ly/2GY7mnn>. Acesso em: 17 dez. 2018.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Cidadão do Mundo**. O Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948). São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas**. 2ª ed. ampl.. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN- Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP, 2002.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). **Olhares de Liberdade**. CIP – Espaço de resistência e memória. São Paulo: CIP, 2018.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. (org.) **Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah-Brasil: 1933-2017**. São Paulo: Mayaanot, 2018.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; STRAUSS, Dieter. **Brasil, um refúgio nos trópicos**. Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHESNOFF, Richard Z. **Bando de Ladrões: como Hitler e a Europa saquearam os judeus e cometeram o maior roubo da história**. Tradução: Renée E. Levié. São Paulo: Manole, 2001, 411 p.

COLFFIELD, Carol. **Arquivo Virtual Arqshoah: Holocausto e Antissemitismo**. O Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo (1933-1960). Disponível em: <https://bit.ly/3dA9n55>. Acesso em: 03 Nov. 2019.

CÔRTEZ, Norma. Otto Maria Carpeaux. (Verbete). **FGV CPDOC**. Disponível em: <https://bit.ly/3dzVWlr>. Acesso em: 06 Set. 2020.

COSTA, João Roberto Vieira da (org.). **Comunicação de Interesse Público**. Ideias que movem pessoas e fazem um mundo melhor. São Paulo: Editora Blocker Comercial Ltda., 2006.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CYTRYNOWICS, Roney. Instituições de assistência social e imigração judaica. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** - v. 12, n. 1, p. 169-84, jan.-abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n1/09.pdf> . Acesso em: 29 maio 2020.

DALMOLIN, A.R.; MARONEZ, I. T. Audiolivro e história das tecnologias de gravação e reprodução sonora: um produto em construção. *In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia (UFSM)*. Anais [...]. Porto Alegre: Universidade Federal de Santa Maria, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/31bPFav>. Acesso em: 10 Set 2018.

DA SILVA, César Augusto S. (org.). **Direitos Humanos e Refugiados**. Dourados: Edufgd, 2012.

DA SILVA, Juarez. **Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: A gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista**. 2019. 138f. Dissertação (Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público) - PPGCOM, Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3lMENrI>. Acesso em: 28 Jul. 2019.

ECKL, Marlen. A flor do exílio. A amizade de Stefan Zweig e Ernst Feder vista a partir do Diário Brasileiro de Feder. **Revista WebMosaica**, v.4, nr. 2. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3dxlpxX>. Acesso em 22 Out. 2019.

FINAU, Rossana Aparecida; RIBEIRETE, Mateus Lourenço. A textualização de verbete enciclopédico em sistemas wiki. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 18, n. 1, p. 99-117. Jan-Abr 2018. Disponível em: <https://bit.ly/345qsAF>. Acesso em 17 Ago. 2020.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, V. Da língua portuguesa. In: **Revista Brasileira de Filosofia**. v. 10, n. 4, p. 560-566, out./dez. 1960. Instituto Brasileiro de Filosofia. São Paulo: 1960. Disponível em Arquivo Vilém Flusser São Paulo: <https://bit.ly/2T3Xc76>. Acesso em: diversas datas, 2020.

FREITAS, Fernando. O que há por trás de um livro falado. **Blog Fundação Dorina Nowill**. Rio de Janeiro, 05 Nov 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2H85NTs>. Acesso em: 17 Ago. 2020.

GAGNEBIN, Jeanne M. L. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Marcos; BARBOSA, Rafael. **Livros e audiolivros**. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR– 2 a 5/9/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0243-1.pdf>. Acesso em: 18 Jan. 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

HABERMAS, Jürgen. Comunicação política na sociedade mediática: o impacto da teoria normativa na pesquisa empírica. **Líbero**, Ano XI, Nº 21. Jun 2008

HELLER, Barbara; PERAZZO, Priscila. Lembrar para esquecer: diários e memórias do Holocausto. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 106-124, abr./jul., 2016. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17563/pdf>. Acesso em: 20 Dez. 2018

HOUAISS, Antonio. **Grande Dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://bit.ly/3lSA2gf>. Acesso em: diversas datas.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Território brasileiro e povoamento: alemães. Brasil 500 anos, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2lF294j>. Acesso em: 06 Set. 2020.

Instituto Benjamin Constant. Ministério da Educação. Sobre o IBC. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/o-ibc>. Acesso em: 18 Jan 2019.

KERN, Daniela Pinheiro Machado. HANNA LEVY E A EXPOSIÇÃO DE ARTE CONDENADA PELO III REICH (1945). In: **25° Encontro da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (UFRGS))**. Anais. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3dBdWvR>. Acesso em: 26 Jun 2020.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo**. 1. Ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. Herbert Moritz Caro: exílio e vida no Brasil. **Revista Contingentia**. UFRGS, V.2, nr. 1, 2007. ISSN 1980-7589. Porto Alegre, maio 2007, p. 06-14. Disponível em: <https://bit.ly/3j6I9nE>. Acesso em: 27 Jul. 2020.

LEÃO, Maria Lília. Pessoa-pensamento no Brasil. In: BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima**. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/37dqOqM>. Acesso em: 08 Jan. 2020.

LINS, Álvaro. Um novo companheiro. **Correio da Manhã**, Ano 1941, ed. A14250, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bit.ly/357cRrD>. Acesso em: 07 Set. 2020.

MATTELART, Armand. Comunicação e Interesse Público. Entrevista concedida a Roseli Fígaro e Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, USP, Set./Dez. 1997.

MÁXIMO, Jairo. Wilde Weber: Chargista, cartunista e artista plástica in **A tumba aberta: 55 entrevistas transatlânticas 1981-2008**. Disponível em: <https://bit.ly/3j5KFKV>. Acesso em: 28 Jul. 2020.

MASSOLINI, Marcos. “Seu Tribulino”: a incursão de Hilde Weber aos quadrinhos in **CDHQs – Colecionadores de HQs**. Disponível em: <https://bit.ly/31eREuJ>. Acesso em: 28 Jul. 2020.

MCQUAIL, Denis. **Atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MENDES, Ricardo. **Vilém Flusser: uma história do diabo**. Parte integrante de dissertação de Mestrado. 2000. 90 f. ECA-USP. Disponível em: <https://bit.ly/31XbpiG>. Acesso em: 31 Jul. 2020.

NAZISMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/351CUvF>. Acesso em: 9 jan. 2020.

NEHER, Clarissa. Como a Alemanha usa as escolas contra mentiras sobre o nazismo e o Holocausto. **BBC News Brasil**. Berlim, Alemanha, 17 Set 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45502884>. Acesso em: 05 mai. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (BRASIL). Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951). 1951. Disponível em: <https://bit.ly/3lRe8dl>. Acesso em: 03 jan. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (BRASIL). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Conference for the Establishment of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation. 1945. Disponível em: <https://bit.ly/3lZ7u4R>. Acesso em: 06 Jan. 2020.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivos da Memória. *In: Antropologia, Escala e Memória*, n. 2 (nova série), 2007, p. 4-22. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa. Disponível em: <https://bit.ly/2H6QMRP>. Acesso em: 15 maio 2019.

PERAZZO, Priscila F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. 2015. **Comunicação & Inovação**. PPGCOM-USCS, v. 16, n 30, p. 121. Disponível em: <https://bit.ly/2T1sDif>. Acesso em: 05 Set. 2020.

PETRESCU, Corina L. **Against All Odds: Models of Subversive Spaces in National Socialist Germany**. Bern, Switzerland: Peter Lang AG, 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. 143 p.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bit.ly/3dAjDKo>. Acesso em: 3 jan. 2020.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas 1937-1997: história da imprensa em São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo S.A., IMESP, 1998.

RODRIGUES, Raquel Timponi Pereira. **Modos de Leitura do Jovem Brasileiro Contemporâneo: um estudo dos audiolivros e dos livroclipes** (Tese Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3lMCh4K>. Acesso em: 13 Jan. 2019.

ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. *In: Comunicação & Inovação*, v. 14, n. 27, p.63-72, Jul-Dez. 2013. Quadrimestral. Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Disponível em: <https://bit.ly/356LvSz>. Acesso em: 27 jul. 2019.

ROSSETTI, Regina. **Inovação – uma abordagem filosófica**. São Paulo: LiberArs, 2019.

RUBERY, M. (Ed.) Audiobooks, Literature, and Sound Studies. Taylor & Francis, 2011. *In* GONÇALVES, Marcos; BARBOSA, Rafael. **Livros e audiolivros**. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR– 2 a 5/9/2014. Disponível em: <https://bit.ly/3lfoDiS>. Acesso em 18 Jan. 2019.

SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**. As Conferências de Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

SANTAELLA, Lucia. Flusser: um pensador visionário. **Flusser Studies**. Università della Svizzera Italiana - ISSN 1661-5719. n. 15, maio 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3kiU0Ac>. Acesso em: 17 Mai 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. De Flusser a Benjamin, do pós-aurático às imagens técnicas. **Flusser Studies**. Università della Svizzera Italiana. nr. 8. ISSN 1661-5719. Maio 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3ITgJTT>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma, a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**. V.20 n.1, p.65-82. Rio de Janeiro, 2008. ISSN 0103-5665. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>. Acesso em: 22 Ago. 2019

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura**. O testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, 555p.

SMITH, Dinitia. How Curious George Escaped the Nazis. **The New York Times**. Nova Iorque, 13 Set. 2005. Disponível em: <https://nyti.ms/31f5jSu>. Acesso em: 21 Jul. 2020.

SOUTELLO, Gabriela. Como os alemães aprendem sobre o nazismo. **Deutschewelle Brasil**. Berlim/Bonn, Alemanha, 16 Set 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2FC8HQ3>. Acesso em: 16 Ago. 2020.

SOUZA, Fabricio Toledo. Os Refugiados Decidem Viver: a geografia da desigualdade e a fuga como resistência. In: FRINHANI, Fernanda M. D., JUBILUT, Liliana L e LOPES, Rachel de O. (org.). **Migrantes Forçados: Conceitos e Contextos**. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, RR: Editora da UFRR, 2018.

STRÖHL, Andreas. Flusser como pensador europeu. In: BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “**Final Solution**”: Overview. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://bit.ly/2SYR9k4>. Acesso em: 04 Set. 2020.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **The Boycott of Jewish Businesses**. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://bit.ly/37fo9by>. Acesso em: 09 Jan. 2020.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **The Nuremberg Laws**. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://bit.ly/3dBGF3q>. Acesso em: 29 maio 2019.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS). Cursos. **Informações sobre Mestrado Profissional em Comunicação**. São Caetano do Sul: 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3IVtPQy>. Acesso em: 28 Jul 2019.

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio**. Monografia. ECA, USP: 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2T3Wl6o>. Acesso em: 12 Jan. 2020.

VILA-NOVA, Carolina. Juntamo-nos à horda nazista para escapar, diz sobrevivente da Noite dos Cristais. Judeu que mora no Brasil relata marco do início da violência nazista contra

judeus, que faz 80 anos. **Folha de S. Paulo**. Caderno Mundo. São Paulo, 9 Nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2H59xFu>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003, 163 p.

WEISE, Angélica F. Para compreender o jornalismo literário. **Observatório de Imprensa**. Projor-Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. Edição 730, 22 Jan 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3nXznMk>. Acesso em: 16 Ago. 2020.

## BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA PARA OS TEXTOS DOS PRODUTOS

BATLICKOVA, Eva. **O drama Saul**: diálogo como um princípio descentralizador na obra de Vilém Flusser. 2019. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. **Vilém Flusser**: uma introdução. São Paulo: Annablume, 2008.

CHESNOFF, Richard Z. **Bando de Ladrões**: como Hitler e a Europa saquearam os judeus e cometeram o maior roubo da história. Trad. LEVIÉ, Renée E. 411p. São Paulo: Manole, 2001.

COLFFIELD, Carol. **Arquivo Virtual Arqshoah**: Holocausto e Antissemitismo. O Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo (1933-1960). Disponível em: <https://bit.ly/3dA9n55>. Acesso em 03 Nov. 2019.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, V. Da língua portuguesa. **Revista Brasileira de Filosofia**. v. 10, n. 4, p. 560-566, out./dez. 1960. Instituto Brasileiro de Filosofia. São Paulo: 1960. Disponível em: <https://bit.ly/2T3Xc76>. Acesso em: diversas datas, 2020.

KERN, Daniela Pinheiro Machado. HANNA LEVY E A EXPOSIÇÃO DE ARTE CONDENADA PELO III REICH (1945). In: 25º Encontro da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (UFRGS). Anais [...]. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3dBdWvR>. Acesso em: 26 Jun. 2020.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Exílio e literatura**: escritores de fala alemã durante a época do nazismo. 1. Ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. Herbert Moritz Caro: exílio e vida no Brasil. **Revista Contingentia**. UFRGS, V.2, nr. 1, 2007. ISSN 1980-7589. Porto Alegre, Maio 2007, p. 06-14. Disponível em: <https://bit.ly/3j6I9nE>. Acesso em: 27 Jul. 2020.

LEÃO, Maria Lília. Pessoa-pensamento no Brasil. In: BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MÁXIMO, Jairo. Wilde Weber: Chargista, cartunista e artista plástica in **A tumba aberta**: 55 entrevistas transatlânticas 1981-2008. Disponível em: <https://bit.ly/37vOLtK>. Acesso em: 28 Jul. 2020.

MASSOLINI, Marcos. “Seu Tribulino”: a incursão de Hilde Weber aos quadrinhos in **CDHQs** – Colecionadores de HQs. Disponível em: <https://bit.ly/31eREuJ>. Acesso em: 28 Jul. 2020.

MENDES, Ricardo. **Vilém Flusser: uma história do diabo**. Parte integrante de dissertação de Mestrado. 2000. 90 f. ECA-USP. Disponível em: <https://bit.ly/3lXbpiG>. Acesso em: 31 Jul. 2020.

NAZISMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35lCUvF>. Acesso em: 09 Jan. 2020.

SANTAELLA, Lucia. Flusser: um pensador visionário. **Flusser Studies**. Università della Svizzera Italiana - ISSN 1661-5719. N. 15. Maio 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3kiU0Ac>. Acesso em: 17 Maio 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. De Flusser a Benjamin - do pós-aurático às imagens técnicas. **Flusser Studies**. Università della Svizzera Italiana - ISSN 1661-5719. N. 8. Maio 2009. Disponível em <https://bit.ly/3lTgJTT>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

STRÖHL, Andreas. Flusser como pensador europeu. In: BERNARDO, Gustavo e MENDES, Ricardo (orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SMITH, Dinitia. How Curious George Escaped the Nazis. **The New York Times**. Nova Iorque, 13 Set. 2005. Disponível em: <https://nyti.ms/3lf5jSu>. Acesso em: 21 Jul. 2020.

## 7 APÊNDICES

### Apêndice 1: Lista nominal completa (sugerida pelo LEER – USP)

**Quadro 8 - Lista completa de possíveis sujeitos de pesquisa**

Sujeitos de Pesquisa - Lista Sugerida pelo LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História – FFLCH- USP									
Nome	Profissão	Nascimento	Falecimento	No Brasil em:	Observações / Curiosidades	Algumas Publicações (livros e imprensa)	Conexões com outros refugiados	Fonte(s) <sup>(*)</sup>	
<b>Anatol Rosenfeld (1912-1973)</b>	Crítico literário, ensaísta, professor	28/08/1912	11/12/1973	1957	Trabalhou em campo de café em Campinas.	Crônica Israelita: O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)	Walter Levy; Alfred Hirschberg; Paulo Kórnai; Otto Maria Carpeaux	Arqshoah (LEER)/Zabeha Kestler	
<b>Alfred Hirschberg (1901-1971)</b>	Jornista; Editor	27/09/1901	22/09/1971	1940	Ajudou a fundar a CIP (Congregação Israelita de São Paulo)	Crônica Israelita	Anatol Rosenfeld	Arqshoah (LEER)	
<b>Bruno Arcede (Kreimer) (1904-1972)</b>	Publicista	1904	1972	Depois de seu pseudônimo vem do herói sedento de conhecimento de <i>La révolte des anges</i> (Anatole France)	Seu pseudônimo vem do herói sedento de conhecimento de <i>La révolte des anges</i> (Anatole France)	"Depois de Hitler... O Que?", com Mécio Askamazy	Mécio Askamazy; Stefan Zweig; Ernst Feder	Zabeha Kestler/Daniel Kern	
<b>Carl Fried (1889-1958)</b>	Médico e Poeta	22/07/1889	02/06/1958	Julho de 1940	Foi preso na Noite dos Cristais por aparecer na frente da Gestapo com os óculos utilizados por médicos quando trabalhavam no Ráio-X, por "desesperar".	Fólia Noite; Correo da Manhã; Página do Rio	Publicou junto com Louise Bresslau-Hoff o volume de poesias Gedichte.	Reinaldo Bossman / Wikipédia; Casa Stefan Zweig	
<b>David Markus (1916-2000)</b>	Jornalista	1916	2000	1950 - 2000	Quando alguém lhe contava uma piada, ele sempre contava - "ah, essa é uma velha anedota judaica" - e a recontava, com muito mais charme.	<i>O Novo Momento</i> (didiche); Imprensa Israelita-fábrica Presse; A Voz Israelita (programa na Rádio Mundial).	Não identificadas.	Casa Stefan Zweig	
<b>Enrico Tullio Liebman (1903-1986)</b>	Jurista	14/01/1903	08/09/1986	1942	Apesar dos poucos anos no Brasil, influenciou largamente a ciência jurídica brasileira.	<i>Neue Volks Zeitung</i> (EUA)	Parceiro de Wolfgang Hoffmann-Kestler	Arqshoah (LEER) / Wikipédia	
<b>Erich Fraenkel (1899-?)</b>	Publicista	17/04/1899	Desconhecido	1934	Participante de movts alemães no Brasil	<i>Neue Volks Zeitung</i> (EUA)	Harnisch	Arqshoah (LEER)/Zabeha Kestler	
<b>Erna (Zobel) Feder (1893-1973)</b>	Educadora	10/02/1893	mar73	1941 - 1957	Fundadora Biblioteca	Diário de Notícias	Esposa Ernst Feder; filha Fanny Zobel	Arqshoah (LEER)/Zabeha Kestler	
<b>Ernst Feder (Spectator) (1881-1964)</b>	Publicista e Jornalista Escritor	18/03/1881	29/03/1964	1941 - 1957	Foi o último a estar com Stefan Zweig, na véspera de sua morte.	Página do Rio; A Noite; Argentinisches Tagesblatt	Amigo Stefan Zweig; esposo Erna Zobel; amigo Fritz Wertheimer	Arqshoah (LEER)/Zabeha Kestler	
<b>Fabrice Polderman (1885-1948)</b>	Escritor	12/11/1885	22/10/1948	1941	Leccionava Literatura Clássica na Universidade de Gand (Bélgica), quando aqui refugiou-se.	"A Batalha de Plandres"	Ernst Feder	Arqshoah (LEER) / Hemeroteca Biblioteca Nacional	
<b>Fanny Zobel (1872-1958)</b>	Poetisa; Ativista	19/06/1872	1958	10/07/1946	Foi conselheira municipal, vereadora	Diário de Notícias	Mãe de Erna Feder; sogra de Ernst Feder	Arqshoah (Erna Zobel-Feder) Wikipédia	
<b>Frank Arnan (1894-1976)</b>	Escritor e Publicista	07/04/1894	11/02/1976	1939-1955	Ao escrever para o jornal "A Noite", considerado simpático ao Governo, o então chefe do DIP deu a Arnan o status de jornalista, o que era ilegal, já que ele era estrangeiro. Arnan desenhava mapas para os jornais brasileiros. Também trabalhou na Embaixada da Inglaterra e dos Estados Unidos.	A Noite; Correo da Manhã; Página do Rio.	Não identificadas.	Arqshoah (LEER)/Zabeha Kestler; Hemeroteca Biblioteca Nacional	
<b>Friedrich Heller (1874-1956)</b>	Publicista	03/10/1904	10/10/1991	1933	1973 - Recebeu Prêmio Hules de Jornalismo	Deutsche Tribune (SP) / Gegenwart / Estado de S. Paulo	Não identificadas.	Zabeha Kestler	
<b>Fritz Ohven (Rideannus) (1874-1956)</b>	Escritor/Poeta/Libretista	10/06/1874	30/06/1956	1939	Escrevia libretos sob o pseudônimo de Rideannus	"Willis' Wertgang, Szenen Aus Dem Familienleben"	Herbert Caro	Arqshoah (LEER)/Zabeha Kestler	
<b>Fritz Pinkuss (1905-1994)</b>	Rabino	13/05/1905	1994	set/36 USP	Foi professor -titular da cadeira de Hebraico na USP	Deutsche Tribune (SP) / Gegenwart / Estado na S. Paulo	Diversos!	Arqshoah (LEER)	

(Continua na próxima página)

(Continuação)

Sujeitos de Pesquisa - Lista Sugerida pelo LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História – FFLCH - USP									
Nome	Profissão	Nascimento	Falecimento	No Brasil em:	Observações / Curiosidades	Algumas Publicações (livros e imprensa)	Conexões com outros refugiados	Fonte(s) <sup>(*)</sup>	
George Bernanos (1888-1948)	Escritor	20/02/1888	05/07/1948	1938-1945	Chamado de "Dostoiévski francês", tinha dois objetivos no Brasil: criar gado e fundar uma colônia francesa.	"Nova História de Mouchette"	Leopold von Andrian-Werburg	Folha de S. Paulo; Casa Stefan Zweig	
Giorgio Morlara (1885-1967)	Economista	04/04/1885	30/03/1967	1939	Trabalhou muitos anos no Serviço Nacional de Recenseamento, futuro IBGE.	"Decimália: os estudos demográficos no Brasil"	Richard Lewinson	Argshoah (LEER); Casa Stefan Zweig	
Günther Ballhausen (1912-1992)	Publicista	1912	1992	1936-1960	Mentiu que era nazista e que queria viajar para estudar e assim conseguiu o visto.	O Globo; Página do Rio; Deutsche Nachrichten (SP)	Frank Arnaux; Richard Katz; Ernst Feder; Victor Witkowski	Izabela Kestler	
Hans Yitzhak Klinghoffer (1905-1990)	Advogado	17/02/1905	31/01/1990	1941	Compiou em francês um texto que tinha por objetivo disseminar uma imagem positiva do Governo Vargas.	Não identificadas.	Não identificadas.	Argshoah (LEER); Casa Stefan Zweig / Wikipedia	
Hans A. Reyersback (Rey) (1898-1977)	Escritor e ilustrador	16/09/1898	26/08/1977	1935	Criou o personagem macaco <i>Curious George</i> . Naturalizou-se brasileiro, o que salvou na Europa algumas vezes.	<i>Curious George</i> (EUA)	Não identificadas.	The New York Times / Wikipedia	
Herbert Lichtenstern (1903-1964)	Escritor; Prof. Filologia	29/07/1903	19/07/1964	1939-1948	As publicações com as quais colaborou eram conservadoras e católicas.	Times of Brazil; Vozes de Petrópolis; A Cruz e A Tribuna	Não identificadas.	Argshoah (LEER); Casa Stefan Zweig; Izabela Kestler	
Hermann Matthias Görgen (1908-1994)	Professor	23/12/1908	03/05/1994	1941-1954	Foi incumbido de buscar um local de exílio para ele e outras 48 pessoas (a chamada <i>Lista de Schendel</i> ), assim como de construir uma fábrica para empregá-las, o que fez junto à sua esposa, Dora Schindel.	<i>Neuer Saarpost</i> ; <i>Christlicher Ständestaat, Mass und Wert</i> (Alemanha); <i>Narodni Politika</i> (Suiça); <i>Pax-Korrespondenz</i> (França)	Dora Schindel (esposa); Casal Becher; juntou-se ao Grupo Görgen	Argshoah (LEER)/Izabela Kestler/Deuschewelle	
Herbert Moritz Caro (1906-1991)	Advogado. Tradutor. Editor	16/10/1906	23/03/1991	mai/35	Fundou a Sociedade Israelita do Brasil junto a outros refugiados, por meio da qual conseguia trazer parentes ameaçados pelo nazismo para o Brasil.	O Correo do Povo	Fritz Oliven( <i>Ridemann</i> )	Argshoah (LEER)/Izabela Kestler	
Hugo Simon (Hubert Studente) (1880-1950)	Banqueiro, político, mecenas, escritor	01/09/1880	04/07/1950	03/03/1941	Responsável pelo financiamento para a criação do jornal <i>Pariser Tageszeitung</i>	Página do Rio; A Noite; Argentinisches Tagesblatt	Morou no apto de Ernst Feder; amigo íntimo de George Bernanos; amigo Stefan Zweig.	Argshoah (LEER)/Izabela Kestler	
José Antonio Benton (Hans Elsas) (1894-1986)	Advogado/Escritor	01/03/1894	Ago/1986	1936	Foi professor de Latim e Grego e de Literatura da Antiguidade.	<i>Deutsche Blätter</i> (Chile); <i>"Die Söhne Tamangos: Eine brasilianische Odyssee"</i>	Não identificadas.	Izabela Kestler	
Karl von Lustig-Prean (1892-1965)	Diretor de teatro / publicista	20/01/1892	22/10/1965	1937-1948	Montou uma gráfica que foi à falência; alugou quartos em sua casa.	Deutsches Volksblatt e Deutsche Presse (Alemanha) / Revista St. Michaels Bote (católica)	Willy Keller	Izabela Kestler	
Leopold von Andrian-Werburg (1875-1951)	Poeta e escritor	09/05/1875	19/11/1951	1940-1945	Estava na lista da Gestapo devido à obra publicada anteriormente	Correio da Manhã (mas de forma pontual)	George Bernanos; Hermann Görgen; Paulo Rónai; Otto-Maria Carpeaux; Victor Witkowski	Izabela Kestler	
Louise Bresslau-Hoff (1882-1966)	Escritora e poetisa	29/05/1882	1966	1934	Após a proibição da língua alemã, organizou um círculo de leituras em sua casa.	"Die Züge des Franzisco. Brasilianische Erzählung"	Publicou junto com Carl Fried o volume de poesias <i>Gedichte</i>	Izabela Kestler/Casa Stefan Zweig / Wikipedia	
Margarete (Waldstein) Reyersback (Rey) (1906-1996)	Escritora	16/05/1906	21/12/1996	1935	Frequenteou a escola Bauhaus.	<i>Curious George</i> (EUA)	Esposa de Hans A. Rey	The New York Times / Wikipedia	

(Continua na próxima página)

**Sujeitos de Pesquisa - Lista Sugerida pelo LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História - FFLCH- USP**

Nome	Profissão	Nascimento	Falecimento	No Brasil em:	Observações / Curiosidades	Algumas Publicações (livros e imprensa)	Conexões com outros refugiados	Fonte(s) <sup>(*)</sup>
<b>Marthe Brill</b> (1894-1969)	Jornalista e escritora	05/09/1894	1969	1934	Trabalhou em comitê para refugiados e uma de suas tarefas era encontrar moradias para eles.	Journal turismo "Hamburg Süd"; Hamburger Fremdenblatt.	Mãe de Alice Brill (artista plástica) e esposa Erich Brill (pintor)	Argshoah (LEER)/Tzabela Kestler/ Casa Stefan Zweig
<b>Michal Choromanski</b> (1904-1972)	Escritor, dramaturgo	22/06/1904	24/05/1972	set/40	Sua esposa era a grande bailarina Ruth Sorel.	"Cúme e medicina"	Amigo Stefan Zweig	Casa Stefan Zweig
<b>Nina (Zabudovski) Caro</b> (1906-1993)	Doutora em Germanística e Arte Dramática	29/03/1906	1993	mai/35	Aprendeu português com alguns amigos que falavam espanhol. Mais tarde, deu aulas de português a judeus exilados recém-chegados a Porto Alegre.	"Aprende brincando, criança!"; "Jogos, Passatempos e Habilidades"	Esposa de Herbert Caro	Argshoah (LEER); Bruner/Gutrend
<b>Norbert Geyenhahn</b> (1885-1943)	Livreiro, Editor	08/02/1885	12/09/1943	1935	Conhecia o Brasil por ter arbitrado em um processo internacional sobre café, entre Brasil, Holanda e Polônia.	Não se aplica.	Erich Eichner; pai de Walter Geyenhahn	Casa Stefan Zweig
<b>Otto Maria Paulo Ronai</b> (1907-1992)	Escritor e tradutor	09/03/1900	03/02/1978	10/09/1939	Embora tenha ficado no Brasil até o fim de sua vida, apaixonou-se pelo Brasil devido à descoberta da Língua Portuguesa ainda em Budapeste.	<i>Christlicher Sündenstau</i> ; Gazeta Revista do Brasil	Anatol Rosenfeld; Paulo Ronai	Argshoah (LEER)/Tzabela Casa Stefan Zweig; Argshoah (LEER)
<b>Peter Ludwig Berger</b> (1896-1978)	Jornalista	07/11/1896	1978	1938-1940	Foi militante do Christlich-Soziale Partei (Partido Social-Cristão).	<i>Der Sündenstau, Wiener Tagesblatt e Der Donauraum</i> (Áustria)	Não identificadas.	Casa Stefan Zweig
<b>Richard Katz</b> (1888-1968)	Escritor e Publicista	21/10/1888	08/11/1968	1941 -1954	Fra um escritor de viagens de sucesso e já conhecida o Brasil antes da imigração. Seus livros foram proibidos e queimados na Alemanha.	Página do Rio; <i>Reader's Digest; Life</i>	Wolfgang Harnish; Susanne Bach	Argshoah (LEER)/Tzabela Kestler
<b>Richard Lewinsohn</b> (1894-1968)	Economista; Jornalista	23/09/1894	09/04/1968	1940-1952	Foi acusado injustamente de ser adepto do regime nazista.	Revista Conjuntura Econômica.	Giorgio Morara	Argshoah (LEER)/Tzabela Kestler
<b>Rudolf Aladár Méall</b> (1903-1975)	Jurista, funcionário ONU	18/08/1903	30/11/1975	1940	Escreveu e publicou a biografia autorizada de Hans Kelsen: <i>Hans Kelsen, Leben und Werk.</i>	<i>Revue Internationale de la Théorie de Droit</i>	Não identificadas.	Argshoah (LEER) / Casa Stefan Zweig

(Continuação)

(Continua na próxima página)

(Continuação)

Sujeitos de Pesquisa - Lista Sugerida pelo LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação do Departamento de História – FFLCH- USP								
Nome	Profissão	Nascimento	Falecimento	No Brasil em:	Observações / Curiosidades	Algumas Publicações (livros e imprensa)	Conexões com outros refugiados	Fonte(s) <sup>56</sup>
<b>Stefan Zweig</b> (1881-1942)	Escritor	28/11/1881	22/02/1942	1940	Ficou isolado devido seu livro <i>O País do Futuro</i> ter sido visto como manobra do Governo Vargas, que facilitara a entrada e permanência do escritor no Brasil. Em fevereiro de 1942, suicidou-se com a esposa. "O isolamento, a perda do idioma e do ambiente cultural e sobretudo a guerra devem ter sido as principais razões para o suicídio (KESTLER, 2003, p. 151).	"Brasil, um país de futuro"; "Autobiografia: um mundo de ontem. Memórias de um europeu".	Ernst Feder; George Benamou; Hugo Simon; Richard Katz; Victor Witkowski	Arqshoah (LEER) / Izabela Kestler
<b>Ulrich Becher</b> (1910-1990)	Escritor, poeta e publicista	21/01/1910	15/04/1990	1941-1944	Apesar de sua vasta obra, é um dos autores "esquecidos" no Brasil	O Estado de S. Paulo, <i>Das Andere Deutschland</i> (Argentina); <i>Freies Deutschland</i> (México)	Casal Gorgen; Karl von Lustig-Pearn; Herbert Baldus	Arqshoah (LEER) / Izabela Kestler
<b>Victor Witkowski</b> (1909-1960)	Poeta	03/04/1909	1960	1941-1957	Segundo Alberto Dines, era um jesuíta, possibilitando que vivesse em um convento ou que tenha recebido ajuda da Igreja ao chegar no Brasil. Também suicidou-se. Segundo Kestler (2003), Witkowski é "um dos exemplos mais evidentes do infimo sofrimento que a perseguição e o exílio podem infligir a uma pessoa sensível" (KESTLER, 2003, p. 146).	" <i>Ein Fall Stefan Zweig. Eine Darstellung und ein Appell</i> "	Stefan Zweig; Leopold von Andrian-Werburg; Günther Balhaus	Izabela Kestler
<b>Vikem Flusser</b> (1920-1991)	Filósofo, Professor, Escritor	12/05/1920	27/11/1991	1940-1971	Trinha duas línguas maternas, o tcheco e o alemão. Seu pai não exilou-se e acabou sendo espancado e morto em Buchenwald, notícia que Flusser recebeu assim que chegou ao Brasil. Sua mãe e irmã foram para Auschwitz. Foi um autodidata e apaixonou-se pela Língua Portuguesa, que aprendeu rapidamente.	"Filosofia da Caixa Preta"; "A História do Diabo"; "O Estado de S.Paulo (Suplemento Literário);	Myra Schendel; Samson Flexor	Arqshoah (LEER) / Izabela Kestler
<b>Walter Kreiser</b> (1889-1958)	Engenheiro, publicista	15/02/1889	1958	1941-1958	Serviço de modelo para o personagem <i>Parisias</i> , da peça teatral <i>Sombra</i> , de Ulrich Becher.	<i>Wahlzettel</i> (Alemanha); <i>Echo de Paris</i> (França)	Casal Gorgen; Ulrich Becher; Johannes Schauf	Casa Stefan Zweig / Izabela Kestler
<b>Walter Geyerhahn</b> (1912-1991)	Livreiro; Editor	17/03/1912	01/12/1991	1935	Assumiu o lugar do seu pai Norbert Geyerhahn na Editora Livraria Kosmos, quando este morreu. Co-fundador da ABL/A (Associação Brasileira de Livros Antiquários)	Não se aplica.	Filho de Norbert Geyerhahn; Erich Eichner	Casa Stefan Zweig / Izabela Kestler
<b>Wilde (Hilde) Weber</b> (1913-1994)	Chargista	09/09/1913	13/12/1994	1933	Veio para o Brasil em busca do pai, o aviador Edmund Weber e logo começou a contribuir com a imprensa daqui. Foi notada chargista política - ela dizia que o ex-político Del firm Netto fazia até coleção das peças dirigidas a ele.	<i>Hamburger Anzeiger</i> ; <i>Hamburger Fremdenblatt</i> (Alemanha); "Diários Associados"; revistas "O Cruzeiro" e "A Cigarras"; Folha da Manhã, Noite Ilustrada; Folha da Manhã, Noite Ilustrada; O Estado de S. Paulo.	Não identificadas.	Wikipedia; Blog do Pearn; Colecionadores de HQs.

(Fim)<sup>56</sup>

<sup>56</sup> Crédito da autora com base na relação sugerida pelo LEER-USP. Todas as fontes estão detalhadas na seção "Referências".

## Apêndice 2: Exercícios de Aquecimento Vocal

## Quadro 9 - Exercícios de Aquecimento Corporal e Vocal

## Exercícios de Aquecimento Vocal (\*)

Descrição exercício	Mais detalhes
1) <i>Smell the flower</i> : com os olhos fechados, lembrar um aroma que traz boas lembranças e "cheirar" esse aroma por dois minutos, trazendo a memória e relaxando. Fazer conexão com a respiração profunda.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os ombros devem estar relaxados, quadris na linha dos joelhos ("apontados" para frente). Os joelhos devem estar levemente flexionados.</li> </ul>
2) <u>Rotação com a cabeça</u> : 3 a 5 vezes para o lado direito, 3 a 5 vezes para o lado esquerdo, bem devagar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dar "atenção" onde dói, passando mais devagar, tendo a "consciência" dos pontos com dor. Ombros devem estar relaxados.</li> </ul>
3) <u>Ginástica respiratória</u> : Virar a cabeça para o lado esquerdo, passando pelo centro, para depois virar para a direita, com a seguinte respiração=>>>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quando virar para os lados inspirar com o nariz (<i>sniff</i>);</li> <li>Quando passar pelo centro, soltar o ar (<i>expirar</i>) <b>levemente</b>, com a boca semi-aberta.</li> <li>Em todo o exercício, pensar no movimento do diafragma.</li> <li>Fazer cerca de 15 movimentos completos (esquerda, centro, direita, centro).</li> </ul>
4) <u>Fazer rotação de ombros</u> : 10 vezes para a frente e 10 vezes para trás.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dar "atenção" onde dói, passando mais devagar, tendo a "consciência" dos pontos com dor.</li> <li>Cuidar do posicionamento dos quadris. Devem estar sempre posicionados para a frente, alinhados com os joelhos.</li> </ul>
5) "Boneco de Olinda" <u>Subir os ombros</u> simultaneamente, inspirando e soltá-los também juntos, expirando e emitindo um som naturalmente ("hm")	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazer pelo menos 10 vezes completas (sobe os ombros inspirando e desce expirando e soltando o som).</li> <li>Varição: manter os ombros para cima e soltar os braços, balançando-os de um lado para o outro.</li> </ul>
6) <u>Rolamento de coluna</u> <u>Descer o tronco</u> expirando com "tsss", ficar uns 3 segundos com as mãos no chão e depois subir inspirando.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Descer "parte por parte" das costas, alongando e controlando a expiração com "tss". Ao subir inspirando, a última parte a "voltar ao lugar" é a cabeça.</li> <li>Quando estiver embaixo "pensar" no quadril (para cima) e na cabeça (para o chão).</li> <li>Fazer pelo menos 3 vezes completas.</li> </ul>
7) <u>Relaxamento de pescoço</u> : Cruzar as mãos na parte de trás da cabeça, com os cotovelos fechados, e descer a cabeça, olhando para o chão. Fazer também com a cabeça descendo para o lado direito, olhando para a frente, , mão direita na têmpora esquerda, cotovelo para baixo. Repetir para o lado esquerdo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não forçar! O peso dos braços fará com que haja um alongamento natural do pescoço.</li> <li>Fazer por aproximadamente uns 30 segundos de cada posição.</li> </ul>
8) <u>Fazer massagens</u> com as mãos no rosto	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazer massagens como se o rosto fosse massa de modelar, de 30 segundos a 1 minuto.</li> </ul>
9) <u>Bocejar e espreguiçar-se</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazer pelo menos 5 vezes seguidas, emitindo o "som" do bocejo e espreguiçando-se bem. "Colocar" o corpo junto com o bocejo.</li> </ul>
10) <u>Fazer rotações da língua</u> dentro da boca	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazer 3 a 5 vezes para cada lado , fazendo movimentos circulares com a língua, passando pelos dentes</li> </ul>
11) <u>Abrir a boca e "mostrar a língua"</u> , bem exageradamente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>O rosto todo deve acompanhar o movimento, ou seja, arregalar os olhos, esticar as bochechas. Fazer 10 vezes .</li> </ul>
12) <u>Respiração. Fazer a sequência</u> : Inspira, contando 3 tempos Prende a respiração , contando 3 tempos Solta a respiração, contando 6 tempos, fazendo o "sssss" Prende a respiração, contando 2 tempos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazer primeiro a contagem ao lado, por umas 5 vezes . Depois, aumentar a contagem da <u>expiração</u>, substituindo para 8 tempos. Depois para 10, depois para 12 tempos e, por último, até "terminar" o ar.</li> </ul>

(Continuação)

## Exercícios de Aquecimento Vocal (\*)

<p>13) <u>Fazer a seguinte sequência:</u></p> <p>BEUO, BEUO, TLA, TLO          BEUO, BEUO, TLO, TLA          BEUO, BEUO, SORRIR</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Onde está "beijo", entenda-se o movimento e o som de um beijo (exagerar no "bico"). Onde está "sorrir", entenda-se o movimento do sorriso (caprichar na articulação, MAS, cuidado para não "esticar" o queixo/pescoço).</li> <li>• Fazer umas 10 vezes a sequência completa.</li> </ul>
<p>14) <u>Fazer a seguinte sequência:</u></p> <p>SS FF CH PAH</p>  <p>Som de sss          Som de fffff          Som de chchch          Som de pah (sem o "a", colocar ar, sussurro).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer 5 vezes sem repetir, depois</li> <li>• 5 vezes <u>duplicando</u> os "fonemas": SS SS, FF FF, CH CH, PAH PAH</li> <li>• 5 vezes <u>triplicando</u> os "fonemas": SS SS SS, FF FF FF, CH CH CH, PAH PAH PAH, e por último,</li> <li>• 5 vezes <u>quadruplicando</u> os "fonemas": SS SS SS SS, FF FF FF FF, CH CH CH CH, PAH PAH PAH PAH</li> <li>• SOLTAR O AR nos sons, com foco no <u>movimento do diafragma</u>. As vogais não são faladas; é apenas o som da consoante e bastante ar.</li> </ul>
<p>15) <u>Fazer (fricativo):</u></p> <p>ZZZZZZ... (soltando o ar)          VVVVVV... (soltando o ar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer por uns 3 minutos, alternando com som de "sirene" (fazer a vibração com som de "sirene" - subindo e descendo o tom).</li> <li>• Mínimo esforço, máxima eficiência (pouco volume).</li> </ul>
<p>16) <u>Fazer vibrações com:</u></p> <p>TRRRRR (vibração de língua)          BRRRRR (vibração de lábios)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para facilitar, pode-se colocar os dedos indicador e polegar sob o queixo, como se fosse um suporte para o rosto.</li> <li>• Fazer por uns 2 minutos, alternando com som de "sirene" (fazer a vibração com som de "sirene" - subindo e descendo o tom).</li> </ul>
<p>17) <u>Fazer humming:</u></p> <p>MMMMMM... (soltando o ar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer como se estivesse com um "ovo" na boca (espaço na região posterior)</li> <li>• Mínimo esforço, máxima eficiência</li> <li>• Fazer por aproximadamente 2 minutos.</li> <li>• O <i>humming</i> em um tom mais grave pode ser usado para o <u>desaquecimento</u>, compensando um esforço que tenha sido feito.</li> </ul>
<p>18) <u>Fazer:</u></p> <p>MAAÉÉIIÍÓÓUUUU... e          MUUÓÓÓIIÉÉAAAA...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Começar com o <i>humming</i> e ir articulando bem as vogais, aproveitando para exercitar a articulação.</li> <li>• Fazer por aproximadamente 2 minutos.</li> </ul>
<p>19) <u>Fazer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• VAZAJÁ, VÉZÉJÉ, VEZEJÊ, VIZIJI, VÓZÓJÓ, VOZOJÔ, VUZUJU;</li> <li>• FAÇACHÁ, FÉCÉCHÉ, FECECHÊ, FICICHI, FÓÇÓCHÓ, FOÇOCHÔ, FUÇUCHU;</li> <li>• PATACÁ, PÉTÉQUÉ, PETEQUÊ, PITIQUI, PÓTÓCÓ, POTOCÔ, PUTUCU;</li> <li>• BADAGÁ, BÉDÉGUÉ, BEDEGUÊ, BIDIGUI, BÓDÓGÓ, BODOGÔ, BUDUGU.</li> <li>• MANANHÁ, MÉNÉNHÉ, MENENHÊ, MININHI, MÓNÓNHÓ, MONONHÔ, MUNUNHU;</li> <li>• LARARRÁ, LÉRÉRRÉ, LERERRÊ, LIRIRRI, LÓRÓRRÓ, LORORRÔ, LURURRU;</li> <li>• PRATRACRÁ, PRÉTRÉCRÉ, PRETRECRÊ, PRITRICRI, PRÓTRÓCRÓ, PROTROCRÔ, PRUTRUCRU;</li> <li>• BRADRAGRÁ, BRÉDRÉGRÉ, BREDREGRÊ, BRIDRIGRI, BRÓDRÓGRÓ, BRODRUGRÔ, BRUDRUGRU;</li> <li>• PLATLACLÁ, PLÉTLÉCLÉ, PLETLECLÊ, PLITLICLI, PLÓTLÓCLÓ, PLOTLOCLÔ, PLUTLUCLU;</li> <li>• BLADLAGLÁ, BLÉDLÉGLÉ, BLEDLEGLÊ, BUDLIGLI, BLÓDLÓGLÓ, BLODLOGLÔ, BLUDLUGLU.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Sobrearticular!</b></li> <li>• Cuidar para não tensionar pescoço.</li> </ul>

(\*): Essa planilha de exercícios foi criada por Rosana Faber com base no conteúdo apresentado pela Professora Marilene Grama em aulas do Módulo II do curso Técnico: Radialista – Setor Locução, Senac, São Bernardo do Campo. Sua reprodução é proibida. Bons estudos!

Rosana Faber – Junho de 2019